

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. 20\$000

EXTERIOR. 22\$000

NUMERO AVULSO. 2\$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO I

OUTUBRO 1904

N. 10

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

Só receberemos assignaturas, d'ora em diante, para o 2º semestre do corrente anno.

Interior Rs. 11\$000

Exterior Rs. 12\$000

A importancia das assignaturas e toda a correspondencia commercial devem ser remettidas a J. Schmidt, caixa postal, n. 1085—Rio de Janeiro.

KÓSMOS encontra-se á venda nas seguintes livrarias :

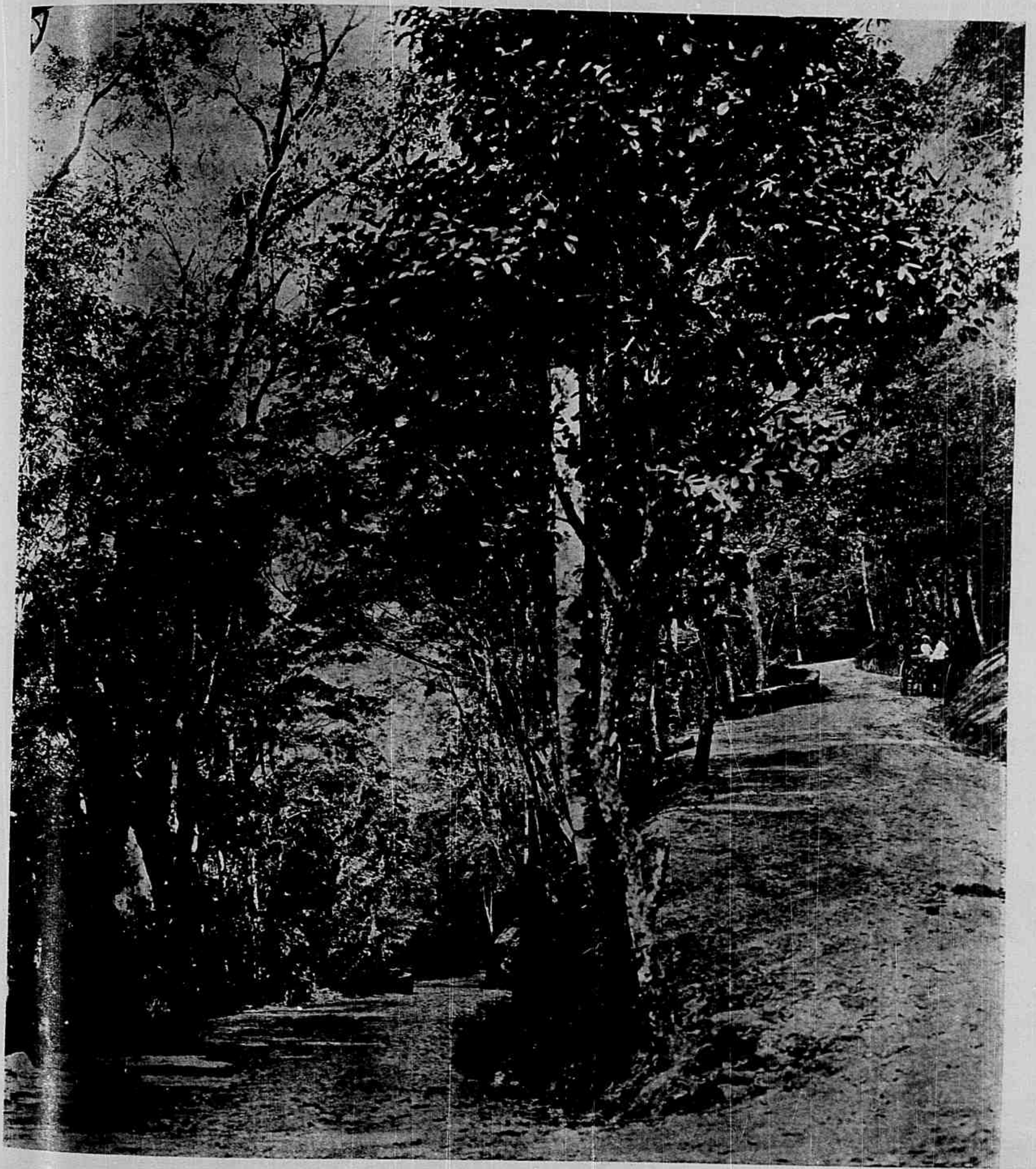
Capital Federal—Laemmert & C.^a, Garnier, Alves & C.^a,
A. Moura, Briguiet & C.^a, S. Gradim.
S. Paulo—Casa Garraux, Laemmert & C.^a, Chiaffarelli & C.^a
Santos—Magalhães & C.^a, Bazar Paris.
Mogy-Mirim—Casa Cardona.
Bello Horizonte—A. Joviano & C.^a
Ouro Preto—Antonio da Costa.
Uberaba—Leschaud & C.^a
S. João d'El Rey—Armando B. Cunha.
Juiz de Fóra—Feliciano da Silveira Bulcão
Bahia—Livraria Dous Mundos
Victoria (E. Santo)—Nelson Costa & C.^a

Fortaleza (Ceará)—Libro-Papelaria Bivar.
S. Luiz (Maranhão)—Luiz Magalhães & C.^a
Belém (Pará)—J. B. dos Santos.
Manãos (Amazonas)—Lino Aguiar & C.^a
Florianopolis (Santa Catharina)—Paschoal Simone.
Pelotas (R. G. do Sul)—Pintos & C.^a, —Francisco Meira,
Echenique Irmãos & C.^a
Rio Grande » —Pintos & C.^a—Echenique Irmãos & C.^a
Porto Alegre » —Pintos & C.^a
Parahyba (Parahyba)—Antonio Penna & C.^a
Coritiba (Paraná)—Annibal Rocha & C.^a

São nossos agentes:— Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Mogy-Mirim—Snr. Francisco Cardona.
Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jahú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão.
Rio Claro—Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal—Snr. Carlos de Carvalho. Cataguazes—Snr. Julio Guimarães.
Sul de Minas—Snr. Urbano Rabello. Petropolis—J. R. Escragolle. Taubaté—Snr. Braz Curtu.

São nossos representantes:— Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Veloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará—Snr. Fernando de Figueiredo Motta. Estado do Maranhão—Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas—Coronel Domingos Andrade. Estado da Bahia—Snr. Vicente Ferreira Lins do Amaral.

Tivemos necessidade, em o numero passado de «Kósmos», de nos referir a irregularidades do serviço postal que prejudicavam interesses legitimos da nossa revista. É justo que registremos a providencia assim como externamos a queixa. Devemos, por isso, agradecer a solitudine com que o snr. director geral dos correios deu prompto cuidado á nossa, providenciando para que ella cessasse e augmentando o serviço prestado com as gentilezas que nos dispensou. Fomos felizes em se achar á testa de tão importante serviço publico um funcionario que lhe comprehende as responsabilidades e allia ao cumprimento do dever, delicadezas de cavalheiro.



FLORESTA DA TIJUCA—RIO DE JANEIRO

CHRONICA



... Longos dias se passaram na desesperançada perigração sobre as aguas sem termo. De Palos, das aldeias nataes que ficaram lá longe, em um horisonte que a imaginação mal esboçava atravez dos dias e noites percorridos, vinha a recordação aos marujos como a de necropoles longinquas em que a casaria branquejava como tumulos caiados onde, avessamente á crença ensinada, lhes ficara a alma presa e dos quaes desertaram os corpos para andarem

agora, vasio de animo e de fé, a vagar por esse mar escarninho e infindavel, somnambulizados por um sonho, deixando, por amor do mundo novo que fugia sempre, a velha terra em que não repousariam mais.

Do maravilhoso paiz promettido tinham apenas a maravilha de céus diversos dos que deixaram para traz, o fulgor de sóes e stellarios extranhos só entrevistos agora que singravam, sem esperança nem repouso, vastidões mentirosas: e todo o faiscante ouro dos tropicos, fartamente entornado do alto sobre os navegadores, a visão de céus bizarros promettendo ignotos thesouros que se lhes não antolham nunca, augmentam o cruciante bruxedo da viagem sem fim, em que sonhadores e aventureiros parecem empolgados por uma força inexoravel, punidos do desvario e da ambição pelo fadario de cortar eternamente ondas eternas, ora sob o latego rude e esplendente do sol, ora sob a scintillação enfeitada das estrellas. A obsessão do genovez arrastava a perdição para todos.

A revolta estallava... Subito qualquer cousa se desenhava ao longe como uma promessa; avultam perspectivas risonhas, accentua-se bem no horisonte uma linha verde que não é o verde enganador e movediço das ondas: é Guanahani — e mercê do rumor alvicaireiro, para logo gestos e pareceres se transmudam, a alma ausente busca os corpos reanimados, o termino feliz desfaz a rebeldia e a duvida, a conquista exalça o triumphador. Em meio do jubiloso alvoroço da gente, de envolta com as acclamações ao Sonhador victorio-

so, eleva-se ao claro céu o clamor agradecido de uma porção de almas onde a fé e a esperança novamente verdescem, como os palmares que já se divisam distante. Era a primeira sagração do novo mundo.

Mas não tarda que outra expansão, que sentimento mais vivo transborde: e, amarradas já as caravellas no remanso do paiz descoberto, suspensa a faina de bordo, entregues homens e velas ao repouso da conquista, a indole nacional retoma o seu lugar, o primitivo genio popular domina o marinheiro, e a sagração definitiva do Descobrimto se faz pela alegria ruidosa, em trovas e sapateios do paiz natal. Viver é folgar.

De toda parte apparecem os pandeiros e as frautas, surgem de escusos recantos as guitarras e atabaques, despertam as charamellas emmudecidas; e pelo resto do dia e pela noite adiante, ao derradeiro esplendor do poente e sob o encantamento das constellações palpitantes, a alma reconfortada da maruja exhala em dansas e cantares a doce alegria de volver á vida depois de torturada com céus e mares embruxados, causando a reminiscencia de terras e costumes distantes á perturbadora magia da região que se lhes desvenda de perto, cheia de aroma, de brilho e de feitiço, onde os *cocuyos* lucilam na sombra como estrellas, e os fructos exquisitos aguçam olhos e paladar, e as lianas floridas, enleizadas aos troncos fortes em colleiamentos cariciosos de mulher, avivam a saudade das raparigas que ficaram do outro lado do oceano fremindo de receio e de amor... Foi isto o que nos transmittiram do descobrimto da America as tradições e as chronicas. Nenhuma falla si Colombo partilhou da expansão dos seus homens, si o illuminado devassador de mares se deixou prender nos descantes e bailados com que a alma peninsular sellou a incorporação do continente virgem á civilisação do velho mundo; mas é facil pensar que o audacioso Genovez, absorvido no seu sonho, não tivesse coração nem vontade para outra alegria sinão a de vencer.

Triumphara afinal. Sobre a má vontade de cortezãos e de clerigos, sobre a villania de uns e a superstição de outros a sua aspiração se elevava, emergindo, a fulgurar, d'aquellas aguas que foram para elle o mais torturante dos martyrios. Agora revia-se na sua gloria e do paiz que lhe dera a mão e a bandeira para a empreza; e, devassando com o olhar illuminado mares e tempos, Colombo assistia na metropole ás pompas triumphaes que lhe seriam, ao Descobridor, o final da existencia, e descortinava em seculos por vir o evolver glorioso da terra que arrancara ao desconhecido e onde a benção divina esplendia duplamente na prodigalidade dos dons e no milagre do descobrimto. Só, na camara de bordo, olhos a vagarem por um futuro magnifico, o Genovez gosava de vencer — enquanto os seus capitães espiavam rapidamente a terra e a marinhagem frua, em dansas e cantares, a inegua-

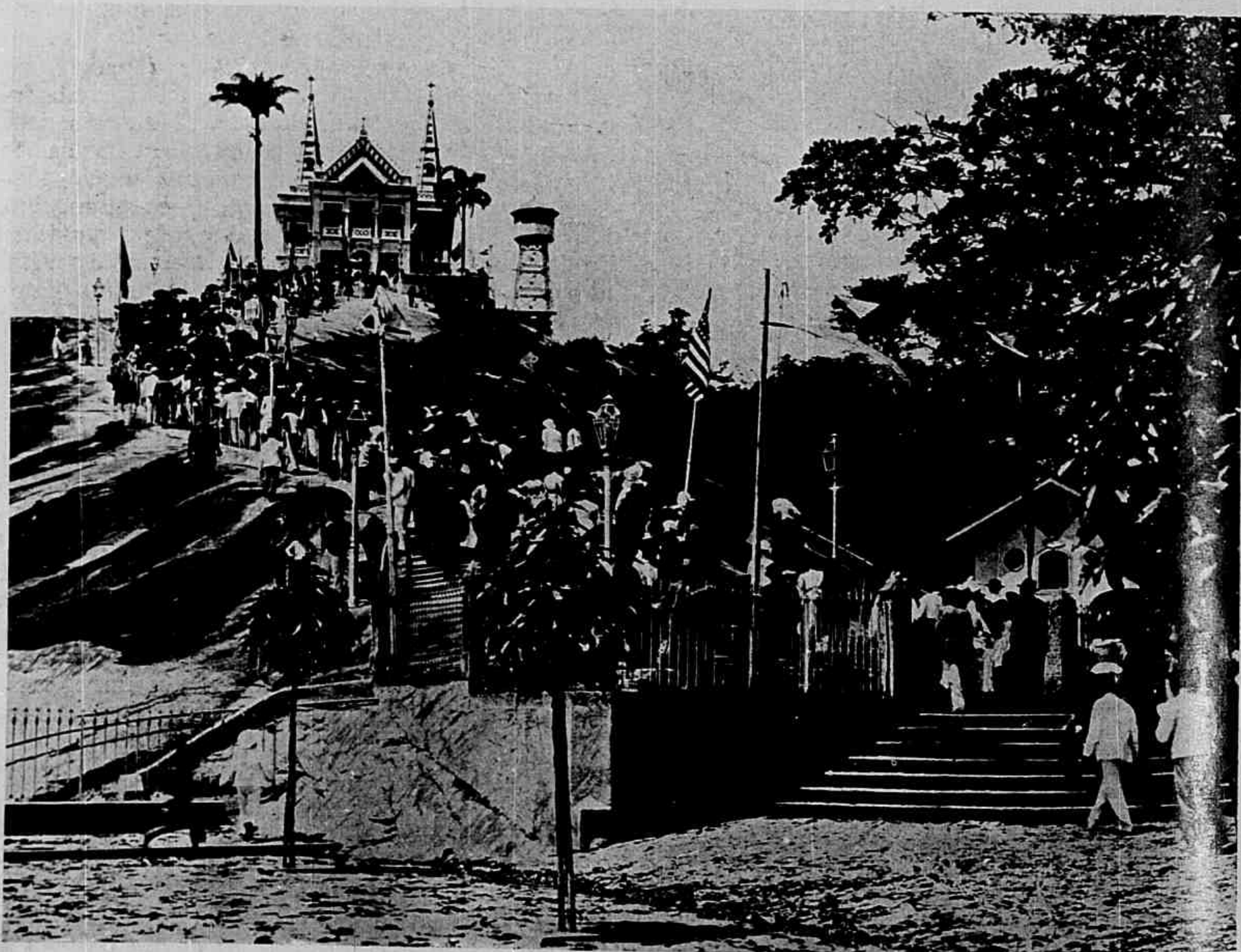
lavel ventura de dilatar a alma depois da luta e da amargura, a clara alegria de viver uma hora sem magras nem ambições nem cuidados...

Colombo regressou á metropole. Cruzou mais de uma vez a amplidão do Atlantico, portador de alviças a primeira, de mando e de honras a segunda, de ignominia e de ferros a terceira. Bem cedo aprendeu que a ingratição e a insidia eram tão communs no homem quanto a brutalidade e a estupidez. Roubaram-lhe o esforço, o nome, a liberdade e o repouso; do Descobrimento ficou-lhe apenas para a desalentada velhice a torturada lembrança das noites entre mar e céu, entre angustia e desejo; e mergulhando o olhar no futuro, elle poderia ver que no mundo virgem, na terra moça, cujos destinos se não separam do homem que as possui — os mesmos vícios germinaram com a fecundação civilisadora e que por toda parte e em todo sempre a cubiça, o dolo e a violencia irromperam, desde a ferocidade avida de Cortez e Pizarro até a

mystificação armada dos libertadores de Porto Rico e Panamá...

Si a reminiscencia das trovas e volteios dos seus marujos lhe veio á memoria, certo o grande sonhador deveria pensar que com elles estava a sabedoria verdadeira, a justa philosophia do viver, e que não ha felicidade mais segura do que a que paga um esforço com um dia de expontanea ledice, com uma hora de descuidada expansão...

Quatro seculos depois da gloriosa empreza, neste trecho do mundo colombiano, sob a dupla irradiação da primavera e do progresso, o nome e feito do Descobridor passaram em silencio, despercebidos quasi, sem um traço de entusiasmo, de admiração e de reconhecimento, mettidos em um feriado que o criterio official relegou para as pequenas galas, avivados de umas bandeiras inexpressivas para o povo, tanto se acostumou elle a vel-as hasteadas sem saber porque... A data magna de Outubro passou sem brilho e sem côr.



IGREJA DE N. S. DA PENHA — ROMARIA EM 8 DE DEZEMBRO DE 1904

Quem fez Outubro foi a festa da Penha. Foi a farandula bizarra, mixto de contricção ingenua e de tumultuosa arlequinada, que de longos annos, se derrama pelos caminhos de mar e de terra até o arraial pittoresco onde se erigem a penha e a imagem milagrosa, quem deu vida, côr, originalidade a este mez. O genio popular sagra ainda hoje estes dias illuminados de Outubro e o encanto perturbador desta natureza da America do mesmo modo que os tripolantes da *Pinta* e da *Santa Maria* sagraram, ha quatrocentos annos, terra e sol dos tropicos, unindo na mesma expansão agradecida piedade e alegria, como duas necessidades que, na alma dos simples, se não separam nunca; e graças a elle é que vive intensamente na vida do Rio de Janeiro o mez bem fadado que desvendou aos olhos deslumbrados de Europa as maravilhas ignoradas, e arrasta neste hemispherio, esplendida de luz e de vida, a vibrante farandula da primavera.

Ha nessa curiosa romaria, que a revolução dos costumes cariocas não teve força de extinguir ainda, um traço atavico da primeira prece e do primeiro descante na primeira Antilha descoberta. O *ex-voto* e a guitarra do desafogado trilhador de aguas caminharam até este recanto da America, perpetuaram-se até hoje, amparados pela indole da raça, identificados com a multidão de agora pela expressão da mesma anciedade e do mesmo desafogo. Dentro de cada folião da Penha ha um velho navegador, que singrou tambem durante mezes infindaveis, empolgado pelo desejo e pelo temor, batido de contratempos e dissabores, torturado pela superstição e pela duvida, este mar promettedor, revoltado e mentiroso que é a Vida: e a epocha da romaria marca para elle o termo de uma viagem de esperanças e soffrimentos, a conquista de um paiz longamente almejado, a cuja sombra estão a vida e o repouso, e onde elle deixa finalmente transbordar a gratidão de ter chegado, a alegria de ter vencido mais uma tormenta e de poder retemperar alma e corpo, para recommençar de novo a travessia—elle que não sonha glorias nem dominios—entre uma trova de amor e um copo de vinho...

Como a quatrocentos annos, a crença tomou o primeiro lugar na expansão. As lendas geradas em torno da imagem tradicioal emprestaram-lhe á glorificação e prestigio do milagre, e este arrasta para o sopé da penha escalvada o formigueiro humano que ascende a penosa escadaria, que fere constrictamente os joelhos

nos degraus abertos na pedra aspera, que enche de *ex-votos*, de cirios, de flores e de dinheiro os altares e as salvas da igreja afortunada; mas, satisfeitos os compromissos da fé, os romeiros actuaes, tal qual os marinheiros de antanho, se convencem de que o melhor modo de ser grato á bondade divina é honrar a criação, é festejar a vida e a natureza, que lhes sorri na paisagem clara e no claro céu d'aquelle dia...

A romaria se transforma. E na rumorosa onda humana que marulha e se espraia em derredor da rocha que a silhueta branca da igreja domina—reconhecidos devotos da manhãzinha, foliões arlequinescos das 9 horas, desenvoltos barulhentos da tarde, burguezes graves, cantadores nostalgicos, capadocios desabusados, gentes de todas as raças e idades e pareceres—enchendo o campo, as bodegas, as ruas, de comesainas, de bebedores e de bulicio, ha a mesma alegria espontanea e sincera de viver, alegria que se estende dos ranchos que merendam sob o fresco parasol das mangueiras ao reinol sarapintado de roscas e de veneras de papel que regressa á tarde, desequilibrado e ruidoso, sacudido pelo chouto do burro promovidos, em honra da Santa, do varal á sella...

De todas as festas tradicionaes do Rio foi a da Penha que persistiu e ficou, enquanto as outras se desfazem e desaparecem. Empolgou o mestiço, que lhe era extranho, venceu preconceitos de classes esquivas, dominou como uma festa amplamente popular; e de anno a anno cresceu, alastrou-se por todo Outubro, impoz-se como o seu traço caracteristico e exclusivo, graças ao divino milagre do transbordamento sincero...

Ha quem não perdoe ainda á festa da Penha o seu jubilo ruidoso, quem a desdenhe como um laivo grosseiro no polimento da civilização carioca. Mas é preciso pensar—não accitando mesmo que seja isso a resistencia do genio da raça, não admittindo nella o traço atavico da ledice dos descobridores—que essa romaria é uma affirmação de fé ingenua e de alegria espontanea: e não é para desdenhar, em uma cidade de *blasés*, onde as festas elegantes pompeiam mas não vibram e o nome de Colombo se dilue no sonho e no esquecimento, uma manifestação tão poderosa, como essa, da alma e do caracter popular—crença affirmada em votos torturantes, alegria franca e ruidosamente voltada para a vida...



VISTA TOMADA DA TORRE DA EGREJA DE N. S. DA PENHA

UMA INJUSTIÇA DA HISTÓRIA

Ao preclaro mestre, Dr. Vieira Fazenda.

CORRIA o anno de 1711, segundo do governo de Francisco de Castro Moraes.

Amanhecera tristonho o dia 12 de Setembro, na cidade do Rio de Janeiro; densa neblina cobria os morros e a bahia, de terra mal podendo observar-se a poucos metros o que ia pelo mar, cujas vagas encapelladas, impellidas por forte brisa de Noroeste, rebentavam nas praias com estrondo, desfazendo-se em turbilhões de espuma.

Em 29 do mez anterior, chegara um patacho de Lisboa, trazendo ao governador aviso de que em portos de França preparava-se uma expedição, que sob o commando de um dos mais habéis e intrepidos marinheiros da época, visava atacar o Rio de Janeiro.

Fôra em 1710 a expedição infructuosa de du Clerc; e ainda na Cadeia e casa da Moeda, agrilhoados, gemiam os vencidos.

Quanto ao seu capitão, d'elle restava a memoria tão sómente; mais, uma tumba na Igreja da Candelaria e o seguinte attestado singelo e significativo:

Em dezoito de Março, as sete p.^a as oito horas da noite de mil e sete centos e onze annos mattarão o general dos francezes q.' entrarão a tomar esta terra, o qual matarão dous rabuçados q.' lhe entrarão pella porta dentro estando na cama, e dous ficarão guardando a porta na escada e tinha sentinellas pera q.' não paciase, e não lhe ualerão, e chamouse João Fran.^{co} q.' era o nome da pia, e o nome de guerra era Moçu de Cré, está enterrado na Capella de Sam Pedro da Igreja de Nossa Senhora da Candelaria porq.' moraua na rua q.' se chama da Candelaria da Crus pera o Campo, em hūas cazas q.' forão de João de Azevedo etc. o Cura o P.^e Ber.^{mon} da França.

Diz Varnhagen, que os embuçados o chamaram em altas vozes de difamador de familias honestas.

Não é de admirar esse desforço por parte de algum pae ou marido zeloso do recato da filha ou mulher; a familia brasileira de então, requintára o habito portuguez, reminiscencia da occupação arabe, de converter o lar em estreita prisão da qual, para a mulher, só se descerravam as portas, quando, da casa paterna passava para a outra que lhe preparára o esposo. (*)

Não fôra du Clerc o primeiro a tentar um ataque ao Rio de Janeiro.

Portugal, ligado á Inglaterra e á Hollanda, em opposição ás pretensões de Luiz XIV ao throno de Hespanha, como o mais fraco dos alliados e o mais rico em colonias do ultramar, vira as aguas brasileiras infestarem-se de corsarios, que grande damno causavam ao seu commercio, não tendo sido dos menos audazes o mallogrado du Clerc, que em 1708 aprezára nas costas de Pernambuco 3 navios da frota do Brasil, como o confessou quando prisioneiro.

Em 1695, já des Gennes assolára a ilha Grande, o mesmo não fazendo ao Rio de Janeiro por não ter forças sufficientes.

(*) Duclerc having been at one time lodged in the Jesuit's college and afterwards in tort. Sebastian, obtained permission to take a house where about six months after his surrender, he was found dead one morning, having been murdered during the night. This assassination assuredly was not an act of popular fury; it could only have been the work of private vengeance, and jealousy, in all likelihood was the cause.

*Southey's History of Brazil.

Recebendo, pois, o aviso da Côrte, o governador ordenára grandes preparativos para a resistencia, construindo trincheiras e distribuindo gente pelas fortalezas.

Achava-se ainda no porto o sargento-mór de batalhas, Gaspar da Costa Athayde—o Maquinez—que trouxera na sua frota, de Lisboa, as munições e armamento insistentemente requisitados pelo governador. Dispondo de 4 náos e 2 fragatas, gente de guerra exercitada, o celebrado marinheiro cujos feitos eram lembrados com ufania por seus compatriotas, grande auxilio representava para a defeza da praça. Assim, desde que em 2 de Setembro, veio de Cabo Frio um aviso do sargento-mór Moura Côrte Real, de que nas alturas das ilhas Sant'Anna fôra avistada uma frota de 16 velas—o Maquinez—aprestando seus navios, começou a cruzar a barra para apoiar a defeza das fortalezas de S. Cruz e S. João e forte da Praia Vermelha.

O governador, por seu lado, destacou para as diversas fortalezas do Rio parte das forças de que dispunha, indo para Santa Cruz 1 Companhia paga, 2 Companhias de Ordenanças com seus Capitães, 15 artilheiros com seus officiaes, ao todo 240 homens; para S. João, 2 Companhias com seus Capitães, 20 artilheiros e seus officiaes; para Villagalhão 1 Alferes de Infantaria com 20 Soldados, 2 Companhias de Ordenanças, 1 de Pretos e 1 de Pardos; para o forte de Santiago, 10 Soldados e 1 Sargento de Infantaria, 1 Companhia de Ordenanças; para S. Sebastião 1 Companhia de Infantaria, 1 de Ordenanças dos Mercadores e 6 Artilheiros, ao todo 150 homens; para S. Luzia, 1 Companhia de Ordenanças e 2 Artilheiros; para S. Januario, 1 Companhia de Ordenanças e 2 Artilheiros.

A defeza da Marinha foi confiada ao coronel Balthazar de Abreu Cardoso, que a guarneceu com o seu Regimento e Ordenanças e mais um Regimento de Ordenanças sob o commando do coronel Chrispim da Cunha.

Do lado do campo, a defeza foi entregue aos Terços pagos do mestre de campo Francisco Xavier de Castro Moraes, (filho de Gregorio de Castro Moraes, irmão do governador, e o heroe da resistencia a Duclerc, morto no ataque feito ao corpo da guarda na rua Direita), 60 Soldados dos Terços do mestre de campo João de Paiva Souto Maior (estando os outros destacados nas fortalezas), e ao Terço da Nobreza e Privilegiados, sob o commando do coronel Manoel Correia Vasques. Em frente á Casa da Moeda, formaram os Moedeiros; S. Bento era guarnecido pelo Regimento da Armada e Junta, o Morro da Conceição por uma Companhia do Regimento da Armada e outra do mestre de campo Francisco Ribeiro.

A guarnição total era de 2270 Soldados, aos quaes deviam juntar-se mais 400 homens da frota. 1600 defendiam a cidade, estando os mais nos navios e fortalezas.

A cidade do Rio de Janeiro, por essa época, estendia-se mais ou menos um quarto de legoa de sul a norte por 300 braças do oriente ao poente.

Muitas casas havia, exparsas porem, beirando o mar, até a lagoa Rodrigo de Freitas, e innumeras chacaras e engenhos para o interior.

Colonia riquissima, de que a Corôa usufruia pingues rendimentos, grande era a cubiça dos corsarios que frequentavam as aguas brasileiras, por investil-a.

O mallogro de des Gennes e du Clerc, fez despertar no espirito do intrepido malouino René de Duguay Trouin o desejo de tentar uma expedição a esta cidade.

Em suas memorias, depois de referir o desastre de du Clerc e as torturas que soffriam os prisioneiros francezes, acrescenta: *toutes ces circonstances jointes à l'espoir d'un butin immense, et surtout à l'honneur qu'on pouvait acquérir dans une entreprise aussi difficile, me firent naistre l'envie d'aller porter la gloire des armes du Roy dans ces climats esloignés et d'aller punir l'inhumanité des Portugais par la destruction de cette colonie florissante.*

Para esse fim conseguiu formar uma esquadra, em parte com os navios reaes, em parte com os fornecidos por varios armadores, que animados com a esperanza dos lucros que se esperavam da expedição, lhe adiantaram 1.200.000 fr. em aprestos de guerra. Partiu de Brest em 3 de Junho para escapar a uma esquadra ingleza de vigilancia, ancorando a 6 do mesmo mez em La Rochelle. A 9 seguiu de novo, deixando um dos seus navios, que se lhe foi reunir a 12 de Julho em S. Vicente. D'ahi velejou a esquadra completa. Compunha-se ella das náos de linha: *le Lys*, capitanea, 74 peças, 672 homens; *le Magnanime*, commandante Courserac, 74 peças, 658 homens; *Brillant*, commandante Goyon, 66 peças, 532 homens; *Achille*, commandante de Beauve, 66 peças, 545 homens; *le Glorieux*, commandante de la Jaille, 66 peças, 528 homens; *le Fidèle*, commandante de la Moinerie Miniac, 60 peças, 488 homens; *le Mars*, commandante de la Cête Danican, 56 peças, 541 homens; fragatas: *Argonaute*, commandante du Bois de la Mothe, 44 peças, 287 homens; *l'Aigle*, commandante de la Mare Décan, 40 peças, 239 homens; *le Chancelier*, commandante Durocher-Danican, 40 peças, 15 homens; *Amazona*, commandante des Chénais-le-Fer, 36 peças, 288 homens; *Bellone*, commandante de Querguelin, 36 peças e 2 morteiros, 228 homens; *la Glorieuse*, commandante de la Perche, 30 peças, 37 homens; *Astrée*, commandante de Rogon, 22 peças, 151 homens; *Concorde*, commandante de Pradel-Daniel, 20 peças, 94 homens; 2 barcos armados em galeota *La Française* e *Le Patient*, cada um com dous morteiros; ao todo, 17 navios, com 730 peças de artilheria, 6 morteiros e 5301 homens, pouco mais ou menos.

Com favoravel viagem até as costas brasileiras, a 27 de Agosto achava-se toda a esquadra nas alturas da Bahia. (*) Reuniu Duguay Trouin na capitanea, conselho de officiaes, consultando-os sobre a conveniencia de um ataque áquella cidade, sendo resolvido que dada a escassez de agua a bordo de todos os navios pela prolongada travessia, velejassem directamente para o Rio.

Em 11 de Setembro chegava a esquadra, á noute, na altura do Rio, e para aproveitar o vento favoravel e a maré, de enchente ao romper d'alva, Duguay Trouin não poudo dar ordens especiaes, nem formar um plano geral de ataque; por meio de signaes fez tomar a vanguarda a Courserac conhecedor da bahia, com a sua não, seguindo-se-lhe os navios de Goyon e de Beauve, indo em quarto logar a capitanea e os demais, após, em linha de fila.

Ao tempo em que se aproximava a esquadra inimiga, era em terra profunda a tranquillidade.

Da barra, que por espaço de tres dias infructiferamente cruzára, recolhera Gaspar da Costa Athayde com os seus navios ao ancoradouro de S. Bento, e a tripulação pressurosa, buscara a terra.

Das fortalezas desembarcára a maior parte da guarnição, vindo os artilheiros montar as peças de grande calibre, de que se faziam ainda os reparos, em S. Sebastião.

A brisa soprando violentamente do alto mar, ia aos poucos esfarrapando a neblina que lentamente ganhava os pincaros dos morros.

Subito, estrugiu um tiro de canhão; outro seguiu-se-lhe logo, depois o trovejar ininterrupto de dezenas de peças que echoava sinistramente na cidade como um ruidoso aviso de destruição e de morte.

Precipite, a população galgou os morros e ganhou a Marinhã a contemplar o espectáculo, ao passo que apanhadas as tropas de surpresa, confusas trocavam-se as primeiras vozes de commando.

Gaspar da Costa Athayde, com a marinhagem algum tanto reduzida, fez levantar ferros aos seus navios, para cortar o passo ás náos inimigas; mas o vento, ao sabor do qual vogavam os francezes, era-lhe contrario; a maré, por seu lado, impellia para terra os seus navios. Fizera o governador immediatamente embarcar 300 soldados e artilheiros para auxiliar a guarnição das fortalezas da barra, mas o mesmo contratempo estava reservado ás embarcações de transporte.

Surgiu o sol emfim, libertos seus raios do denso nevoeiro que os occultava, mostrando aos Portuguezes consternados, dentro da bahia, a maior parte dos navios atacantes; outros, dobrando o Pão d'Assucar e enfiando o canal, ao atravessar entre os fortes envoltos em fumo de onde surgiam innumeros relampagos, saudavam-n'os despejando as duas bandas de sua artilheria.

No tope dos mastros, alva, ostentava-se a bandeira de França, semeada de flores de lys, tremulando orgulhosa em mudo desafio.

Na perturbação que de todos se apossou nesse momento e, vendo impossivel qualquer tentativa de sua parte, o Maquinez fez impellir para a terra os seus navios, encalhando-os.

A não *Barroquinha* que mais que as outras se tinha adiantado, foi encalhar na ponta da Ilha das Cobras; as embarcações que demandavam a barra levando a guarnição das fortalezas, embaraçadas com a maré e o vento contrario, abicaram a Villegaignon que com esse reforço redobrou de actividade, fazendo um fogo infernal ao inimigo, que teve perda confessada, no passo, de 300 homens.

Repentinamente soou formidavel detonação; uma columna immensa de fogo e fumo levantou-se da pequena ilha; depois... calaram-se as baterias, e a frota inimiga tranquillamente buscou ancoradouro por traz da Ilha das Cobras, a tiro de peça da cidade.

Explodira o paiol das munições da fortaleza; 30 soldados foram pelos ares, 60 ficaram mais ou menos gravemente feridos.

Da officialidade morreram um capitão de artilheria, os capitães de infantaria Manoel Ferreira Estrella e João Pinto de Castro Moraes, este ultimo ficando por tal forma esphacelado — *que nem morto, nem cousa sua appareceo* — e o Alferes Lourenço Freyre, moço pardo e barbeiro, como diz o registro do Pe Bertholameu da França ficaram feridos gravemente o capitão Francisco de Moraes e Castro e o alferes Antonio Francisco.

Essa serie de revezes trouxe grande desanimo á população e mesmo á guarnição da cidade.

Du Clerc no anno anterior não conseguira forçar a barra, e tivera de desembarcar em Guaratiba, de onde

(*) Prova inconcussa de que o 1º aviso ido de Cabo Frio era uma pura phantasia. A esquadra franceza em 27 de Agosto achando-se proxima á Bahia, não podia a 2 de Setembro ser avistada em Cabo Frio.

por invios caminhos buscara a cidade, em cujas ruas fôra rechassado e obrigado a capitular, cercado por forças superiores.

Agora, era o inimigo dentro da bahia e toda a cidade exposta aos tiros da artilheria de uma esquadra imponente, accrescendo a circumstancia de estar inutilizada a fortaleza que maior defeza lhe dava, e sem prestimo os navios que tanta confiança inspiravam.

O governador, activando por todos os modos a defeza, subiu a S. Bento que tinha forte guarnição e alguma artilheria. Encontrava-se lá Gaspar da Costa Athayde, que após o encalhe das náos reunira a sua marinhagem, com ella formando um corpo para auxiliar a guarnição. Eram bem homens de combate aquelles; a rude vida do mar affirmara-lhe as energias, ao mesmo tempo que lhes robustecia os organismos. Vendo-os, teve Francisco de Castro Moraes uma inspiração. Deante d'elle, do mar, emergia, coroada de verdura, a poucas centenas de metros da cidade, a Ilha das Cobras; imprestavel para defender a cidade com as suas pessimas condições de ataque, seria no entanto, si cahisse em mãos do inimigo, e fosse por elle convenientemente artilhada, a sua perdição. Já isso considerando, Francisco de Castro Moraes, quando em 1700 viera para o Rio de Janeiro como mestre de campo, encarregado das fortificações, fizera planejar pelos engenheiros Gregório Gomes e Felipe Carneiro um forte que não chegou a ser construido.

Voltando-se para Gaspar de Athayde, ordenou-lhe dispuzesse 300 dos seus homens, que sob o commando dos capitães Luiz de Andrade, Pedro Ribeiro, e João de Brum deviam ir reforçar a guarnição da ilha com toda a urgencia, e objectando-lhe o sargento-mór (que commandava o porto) não ter para isso embarcações, indicou-lhe atracadas a S. Bento, 1 barca, 1 lancha e 1 saveiro, insistindo pela prompta remessa das tropas.

Confiado no tino, experiencia e zelo do Maquinez—desceu Castro Moraes mais tranquillizado para a cidade, indo visitar os pontos fortificados e a Marinha, examinando ao mesmo tempo o estado de espirito da guarnição.

A noute começou, regularmente calma; pela madrugada uma fuzilaria continua ouviu-se para os lados do mar, voltando depois tudo ao silencio.

Domingo, 13 de Setembro, logo pela manhã, subiu o governador a S. Bento afim de determinar a remessa de viveres para a ilha das Cobras, antes que o inimigo dominasse o porto. Chegando ao alto e olhando para o mar, o primeiro objecto que feriu-lhe a attenção foi a bandeira inimiga tremulando na ilha.

Sombrio desalento invadiu-lhe a alma então; voltando-se para o sargento-mór, impassivel, a dous passos, perguntou-lhe o governador porque não cumprira as suas determinações, retorquindo-lhe bruscamente Gaspar de Athayde que por falta de meios de transporte.

Olhando para o mar, viu Castro Moraes no lugar da vespera as mesmas embarcações, inuteis agora. Attentando então mais no sargento-mór, reparou o governador no abateimento de suas feições, no brilho incerto do olhar, no desalinho do seu vestuario.

Enfouquecera o infeliz Maquinez! (*)

Nunca mais recobrou completamente a razão, perdida ao primeiro revez que soffrera, aniquilada a esquadra confiada ao seu commando.

Neste mesmo momento de bordo de *Barroquinha* elevava-se uma nuvem de fumo; soldados inimigos buscavam apagar o incendio da não portugueza, e em pouco o conseguiram, apoderando-se do armamento, munições e mantimentos que em abundancia estavam a seu bordo.

Olhando para outro lado viu o governador chammas impetuosas irrompendo da Capitanea, *Prazeres* e *S. Boa Ventura*, sabendo com doloroso espanto ter sido isto feito por ordem do sargento mór.

Nada se pode aproveitar das náos destruidas, nem lhes valeram apressados soccorros; tudo foi consumido pelas chammas em breve prazo.

Desceu para a cidade o governador, não revelando no semblante o que lhe ia n'alma. Prestes, ordens energicas foram expedidas a todas as baterias para que fizessem fogo incessante sobre a ilha das Cobras, afim de impedir que o inimigo a artilhasse, tendo a guarnição da ilha, apesar da surpresa do ataque nocturno, tido tempo para encravar as peças, antes de abandonal-a. Baldado esforço! Os francezes, sob o commando do intrepido Goyon, depois de salvarem as peças da *Barroquinha*, carregaram-n'as para as eminencias, trouxeram de bordo 4 morteiros e peças de grosso calibre, e em breve as baterias de terra eram vigorosamente correspondidas.

O effeito d'esses desastres successivos no animo da população da cidade foi immenso; a breve trecho, gente aos magotes, reunindo o que de mais precioso possuia, retirava-se para os campos, em busca de logar seguro, onde estivesse a salvo das balas que começavam a chover sobre a cidade.

Francisco de Castro Moraes não confiava no povo. Em virtude do imposto lançado sobre os pretos que iam para as Minas, houvera no Rio de Janeiro grande murmuração; algumas vozes se fizeram mesmo ouvir mais alto, dizendo «que não tardariam os francezes a voltar para tomarem vingança da derrota de du Clerc, e que o governador com elles não contasse como no anno anterior, em que a força do combate tinha sido sustentada pela plebe e estudantes; que caso isso se desse, elles não se defenderiam»; em carta escripta depois d'esses acontecimentos dizia elle: «já o anno passado se o Inimigo cá viesse com maior poder a gente da terra havia de fugir o que digo pela experiencia de ver a muita gente que o anno passado me fugio vendo o inimigo e sem ouvirem hua pessoa.... esta terra se compoem de duas castas de gente, da Nobreza e dos moradores de fora, que como tem pouco que perder na Cid.ª em se vendo em qualquer aperto se vão metter com as familias no Matto e desemparão até as casas de campo e Fazendas como vi nesta occasião, não tendo logar aonde se de por seguros, os Moradores que são na maior parte homens commissarios p.ª q.ª todos tem fazendas dos homens de Portugal, andam com o cuidado de porem em p.ª segura o seu precioso e em tendo seguro, fazem como os mais, dizendo que tudo perderão e darem aos homens de Portugal a conta p.ª ajustada ficando-se com a fazenda alheia, e por isso Deus nos mandou este castigo... esta he a gente com que se ha de defender não só esta terra, mas todo Brazil.

As tropas estavam chefiadas por cabos de guerra nos quaes tinha elle grande confiança. Mas, a serie de revezes d'esses dous primeiros dias, tinha abalado profundamente o animo dos soldados e disso tendo elle communicação, buscou por todas as formas encorajal-os com o seu exemplo e actividade infatigavel, percorrendo varias vezes os pontos guarnecidos.

(*) Southey, Rocha Pitta. Varnhagen.

No dia 14 continuou o duello de artilheria entre os fortes e a ilha das Cobras, começando a funcionar os morteiros que atiraram bombas sobre elles e a cidade.

Aqui e ali declararam-se incendios, distrahindo as tropas para abafal-os. A' noute, o inimigo percorreu a bahia em lanchas, simulando diversos ataques, ao passo que saltava em terra na praia do Vallongo.

A força de desembarque dizpoz-se em 3 brigadas. A da vanguarda, commandada por Goyon, avançou sobre as eminencias de S. Diogo, acampando do lado da cidade; a do centro, sob o commando de de Beauve, e formando a guarda de Duguay Trouin e seu Estado maior, estabeleceu-se na parte mais alta do morro; a 3ª brigada que commandava Courserac, tão bravo em terra quanto intrepido no mar, formava a retaguarda, e ficou do lado da praia, afim de guardar as remesas de viveres e munições que desembarcassem e defender a retirada si se fizesse necessaria.

Tinham as tres brigadas um effectivo de 2.200 soldados, 700 marinheiros e 300 officiaes e voluntarios, ao todo 3.200 homens; desembarcaram ao mesmo tempo cerca de 500 praças atacadas de escorbuto, que em breves dias se reuniram ás tropas. A brigada do centro trazia dous morteiros e dous trabucos. (*)

Quarta-Feira, 16 de Setembro ordenou o chefe francez um reconhecimento pelos arredores, até as proximidades da cidade. As forças destacadas para esse fim da 1ª brigada, foram atacadas na *Bica dos marinheiros* (*) por 150 homens commandados por Bento do Amaral Coutinho, retirando-se com poucas perdas.

Em 17 de Setembro, intentou Bento do Amaral desalojar o inimigo de S. Diogo, mas achando-se com forças insufficientes para tentar a expedição, mandou pedir reforços ao governador, que para tal fim destacou 900 homens. Na manhã de Sexta-Feira, 18, á frente d'essas forças levou Bento do Amaral o ataque a uma força da 1ª brigada que sob o commando de mr. de Pontlo de Coëtlogon, ajudante de campo de Goyon se emboscára em uma chácara nas immediações do morro e dispersou-a. Acudindo reforços da 2ª brigada, os portuguezes retiraram-se tiroteando sempre, causando 30 baixas ao inimigo, estando entre os feridos o commandante da força.

Por occasião d'essa refréga rumores correram de traição; os francezes haviam sido prevenidos, não podendo por isso Bento do Amaral conseguir o seu plano.

Ordenou o governador, aos ouvidos do qual chegaram esses rumores, que o Juiz de Fóra do Rio de Janeiro, Dr. Luiz Fortes de Bustamante e Sá abrisse devassa para descobrir os culpados, não tendo seguimento essa devassa pela precipitação dos acontecimentos.

Querendo aproveitar habilmente o entusiasmo d'esses 900 homens, projectou o governador envial-os á Ilha das Cobras para d'ella desalojar os inimigos, o que não poudo levar a effeito pela impossibilidade absoluta de encontrar embarcações em numero sufficiente para que o transporte fosse feito de uma só vez, visto que os proprietarios dos barcos mercantes, que faziam a pequena navegação costeira, haviam-n'os enalhado e desarmado, levando para terra dentro os seus aparelhos.

Em 19 de Setembro, Duguay-Trouin enviou ao governador um parlamentar portador da seguinte intimação:

Mr.

“Le Roy mon maistre voulant tirer raison de la cruauté exercée envers ses officiers et ses troupes que vous fistes prisonniers l'anée passée, et Sa Majesté estant informée qu' après avoir fait massacrer les chirurgiens, ausquels vous aviez permis de descendre à terre pour penser les blessés, vous avez encore laissé périr de faim et de misère ce qui restoit de ses soldats, les retenant en captivité contre le cartel d'eschange passé entre les deux couronnes de France et de Portugal, elle m'a ordonné d'employer ses vaisseaux et ses troupes pour vous contraindre à vous remettre à sa discrétion, à me rendre tous les prisonniers françois, e à faire paier à tous les habitans de cette colonie une contribution suffisante pour les punir de leur inhumanité, et dedommager Sa Majesté de la dépense d'un armement aussi considérable. Je n'ai point voulu vous sommer de vous rendre tant que je ne me sois vu en estat de vous forcer, et de réduire vostre ville et vostre país en cendre, si vous ne vous rendés à la discrétion du Roy, qui m'a commandé d'espargner ceux qui se soumettront de bonne grâce et qui se repentiront de l'avoir offensé dans la personne de ses officiers et de ses troupes. Cependant j'apprends que l'on a fait assassiner Mr. du Clerc qui les commandoit; je n'ai point encore voulu user de représailles sur les Portugais qui sont tombés en mon pouvoir, l'intention de Sa Majesté n'estant pas de faire guerre d'une manière indigne d'un Roy très crestien; je veux croire mesme que vous avés trop d'honneur pour avoir participé à cet honteux massacre. Mais ce n'est pas assés: Elle veut que vous m'en nommiés les auteurs, pour en faire un chastiment exemplaire. En sorte que si vous différés d'obéir à sa volonté, tous vos canons, vos baricades, et vostre nombreuse multitude n'empescheront pas que je n'exécute ses ordres, et que je ne porte le fer et le feu dans toute l'étendue de ce país. J'átends vostre réponse; faites la moy prompte et décisive, autrement vous connoistrés que si jusques icy je vous ai espargné, c'estoit pour m'espargner à moy-mesme l'horreur d'envelopper les innocens avec les coupables. Je suis etc.

DUGUAY TROUIN.”

A essa intimação, respondeu o governador no dia seguinte, digna e altivamente com a seguinte carta:

“Vi Sr. os matiros que vos troueram de França aqui. Segui no tratamento dos prisioneiros Francezes os estylos da guerra, e áquelles nunca faltou o pão de munição e outros soccorros; posto que o não mereciam pelo modo com que atacaram este paiz de Elrey meu Senhor, e mesmo sem facultade de Elrey Christianissimo, exercendo unicamente a pirateria; com tudo poupei a vida a seiscentos homens, como o poderiam certificar os mesmos prisioneiros, a quem salvei do furor da espada. Em nada tenho faltado ao que elles careciam, tratando-os segundo as intenções de Elrey meu Senhor. Quanto á morte de Mr. Duclerc dei-lhe, a pedido seu, a melhor casa deste paiz, onde foi morto. Não pude descobrir quem foi o matador por mais diligencias que se fizeram, tanto da minha parte como da justiça; e vos asseguro que se for encontrado o assassino ha de ser punido como merece. E' pura verdade ter-se tudo passado como vos exponho. Emquanto a entregar-vos a cidade pelas ameaças que me fazeis, havendo-me ella sido confiada por Elrey meu Senhor, não tenho outra resposta a dar-vos senão que a hei de defender até a ultima gota de meu sangue. Espero que o Deus dos exercitos não me abandonará em uma causa tão justa, como é a da defensão desta praça, de que pretendeis senhorear-vos com tão frivolos pretextos, e tão extemporaneamente. Sou etc.”

Já a esse tempo uma bateria de 11 peças de grosso calibre tinha sido estabelecida pelos francezes na ilha do Pinna, occupada após debil resistencia que lhes poudo offerecer João Martins com 7 companheiros, de bordo de um patacho alli ancorado.

As náos de linha *Mars* e *Brillant*, (*) vieram fundear no poço de S. Bento. Recebendo a resposta de Francisco de Castro Moraes, ordenou o chefe francez que recommençasse o fogo.

O effeito foi terrivel. Perto de 100 peças de artilheria e 6 morteiros bombardearam incessantemente as baterias de terra e as trincheiras, que só lhes podiam oppor o fogo de 8 peças em S. Bento, 5 em S. Sebastião e 1 na praia da Misericordia, accrescendo a terrivel circumstancia de haver falta de balas para as peças de calibre 10, começando os artilheiros para não cessar o fogo, a empregar projectis de calibre 8; em S. Bento, duas peças haviam sido inutilizadas pelo fogo do inimigo.

(*) Duguay Trouin — Memórias.

(*) Vide. «Kósmos» n. 2, de Fevereiro, Artigo do Dr. Vieira Fazenda.

(*) «Duguay Trouin» Memórias.

Os postos tornavam-se insustentáveis, aos poucos sendo abandonados pelos officiaes e soldados, que em breve começaram a deserção para fóra da cidade, iniciando-a o Terço da Nobreza e privilegiados.

Immenso panico apoderou-se do povo ao ver a retirada d'essas tropas; aos magotes, sem attender a cousa alguma, fugiam as familias, tudo abandonando.

No domingo, 20 de Setembro, continuou o exodo.

A's 8 horas da manhã convocou o governador uma Junta de Officiaes e expondo-lhes a situação da praça e as suas condições, consultou-os sobre os meios a empregar. Tomou a palavra o sargento mór de batalhas Gaspar de Athayde e disse ser o seu voto que juntas todas as tropas disponiveis em um corpo, se fizesse uma sortida, indo atacar o inimigo no seu campo.

O mestre de campo João de Paiva Souto Maior aconselhou a retirada para fóra da cidade, até que soccorridas as tropas por novos contingentes que deviam chegar das Minas, se pudesse atacar e recuperar a cidade.

O mestre de campo Francisco Xavier de Castro Moraes, adóptou esse parecer, fazendo considerações sobre as difficuldades que apresentava o ataque ao acampamento inimigo, em numero muito superior ás forças de que dispunha a praça.

O sargento mór Martinho Correa votou para que se aguardasse nas trincheiras o ataque do inimigo, até cessar toda possibilidade de resistencia, tratando-se então da capitulação.

O sargento mór Pedro de Azambuja Ribeiro, reconheceu a impossibilidade de occorrer á defeza com os meios existentes, convindo formar as tropas em um só corpo para acudir ás partes mais expostas.

O sargento mór engenheiro Mello e Castro, constando a impossibilidade de defender a cidade por mais tempo, votou pela retirada.

O governador e o tenente general Antonio de Carvalho Lucena, votaram pela resistencia até a ultima extremidade, até a perda de vida.

A' vista do resultado da Junta, o governador mandou publicar um *Bando* ás 5 horas da tarde, prohibindo a retirada da cidade a qualquer pessoa, de qualquer qualidade ou condição que fosse.

A's 7 horas da noite houve nova Junta de Officiaes, dando estes nessa occasião seus votos por escripto, servindo de secretario o Padre Manoel Borges de Madureira, por ter o escrivão João de Oliveira fugido para fóra da cidade.

O coronel Balthazar de Abreu disse «estar a gente sob seu commando acovardada, não lhe parecendo que podesse fazer grande resistencia ás investidas do inimigo. Votava portanto pela retirada pela terra dentro, em ponto de onde pudessem impedir a vinda de viveres para a praça, reduzindo-a pela fome.»

O mestre de campo Francisco Xavier de Castro Moraes, disse «que os soldados da guarnição, atemorizados, desertavam em massa, não podendo ter mãos nelles os officiaes nem por bem nem por mal. Votava e com elle os officiaes do seu terço (*) pela retirada para o campo.»

O J. z de Fóra Dr. Luiz Fortes de Bustamante e Sá, começou mostrando a sua incompetencia no assumpto, mas louvando-se nos pareceres dos officiaes que já haviam dado seu voto. «estava de accordo com a opinião do coronel

Balthazar de Abreu, accrescentando porém que deviam ser expedidas ordens aos cabos das fortalezas da barra, inexpugnaveis pelas suas condições de defeza, ao inimigo, para que se sustentassem até que com os recursos recebidos do interior fosse possível atacar e retomar a cidade, cabendo-lhes então impedir a sahida da esquadra franceza.»

O governador deu o seguinte voto:

«Na Junta q'. fizemos pela menhã foi o meu parecer q'. nos não diviamos retirar emq.^{to} tivéssemos vida, porem agora vendo a rezão q'. todos Vm.^{tas} me dão, e o q'. he mais he a desconfiança q'. tenho de q'. a gente nos á de dezemparrar atendendo ás m.^{tas} couzas percizas de q'. estamos faltos e principalm.^{te} as ballas de des de q'. são as peças das nossas baterias, q'. ja por serem poucas, ou nenhuma, se peleja com ellas m.^{tas} pouco e com ballas de menos calibre, q'. so temos 3 peças em S. Seb.^{tas} com ballas bastantes he o meu voto q'. tenhamos mão na gente ou por bem ou por mal, e q'. amenhã mandamos um Bolatim ao inim.^o offerecendo-lhe os seus prizionr.^{os} e com a resposta veremos o q'. nos pede e q.^{do} nos convenha o faremos não nos convindo o q'. nos pedirem nunca serei de parecer q'. largaremos a Cid.^e sem pr.^o se tirar o q'. for perciozo, saluo em q'. a perciza nececid.^e nos obrigar, q'. sem embargos q'. a gente esteje abalada p.^a dezertar poderá ser q'. com o bando q'. agora mandei botar com pena de Morte p.^a q'. ninguem largue o posto onde estiver, poderá ser q'. com este temor mudão de tenção q.^{do} alguém a tenham de fugir, este he so o meo parecer q'. me parece deuemos seguir. Rio de Janeiro, 20 de Set.^{tas} de 1711. Francisco de Castro Moraes.»

Terminada a junta, ordenou o governador que fossem todos os officiaes guarnecer seus postos. A noite cahira escura e tormentosa. De tarde fizera Duguay-Trouin apontar as peças para as baterias de terra e pontos entrincheirados. Logo que escureceu de todo e no auge da tormenta, em meio dos relampagos e trovões, rompeu formidavel o canhoneio. Foi tal o terror entre as tropas que desmoralisaram-se de vez. Duguay-Trouin diz em suas memorias: *Tous les habitans crurent que nous allions donner l'assaut au milieu mesme de la nuit, et tout y estoit en confusion.*

Balthazar de Abreu e Chrispim da Cunha, commandantes das forças que guarneciam a marinha, vendo-se quasi abandonados pelas suas tropas, reuniram as que lhes restavam e retiraram-se, desamparando seus postos, para fóra da cidade; informado d'essa fuga não acreditou o governador, enviando áquelle ponto o Tenente General Antonio de Lucena e o Ajudante Manoel de Macedo, que o encontraram deserto.

Ordenou então o governador que viesse á sua presença Gaspar da Costa Athayde com o seu corpo de gente da Armada, afim de impedir a fuga do resto da tropa. Ao chegar, porem, o Maquinez e logo que soube da deserção da gente da marinha, voltou-se para o governador perguntando: *Para onde vamos? O que fazemos aqui?*

Forçado então pelas circumstancias, resolveu Francisco de Castro Moraes a retirada, ordenando ao sargento-mór que tomasse a vanguarda indo acampar no Barro Vermelho, onde se organisaria a resistencia, impedindo ao mesmo tempo que o inimigo talasse os campos em busca de provisões, até que chegassem soccorros das Minas.

As pessoas do povo que em virtude do *Bando* publicado á tarde, haviam ficado na cidade, presenceando a

(*) Martin Correa de Sá, André de Freytas Ribeiro, Julião Barbalho Bezerra, Felipe Gonçalves da Cunha e Bernardo Francisco de Menezes.

retirada das tropas, apressadamente, tudo abandonando, buscaram a salvação na fuga. A chuva cahindo em torrentes e os caminhos lamacentos impediam a rapidez dos movimentos; Gaspar da Costa desconhecendo o interior do paiz, extraviou-se, indo parar ao Engenho Novo dos Padres da Companhia de Jesus, ali acampando com parte da sua gente, desertando a outra parte, que continuou a internar-se.

Emquanto isso se passava no campo, na cidade abandonada outros factos succediam. Bem poucas eram as pessoas que se tinham deixado ficar, preferindo cahir em poder do inimigo, a expor-se aos perigos da retirada por uma noute tão tempestuosa. Entre essas estava o Juiz de Fóra do Rio de Janeiro, Luiz Fortes de Bustamante e Sá.

Os prisioneiros francezes, desde o anno anterior encerrados na Cadeia e Casa da Moeda, vendo fugir a guarnição da cidade, arrombaram as portas das prisões, e espalhando-se desordenadamente pela cidade, começaram a saquear os ricos armazens peçados de mercadorias. A scena era sinistramente allumiada pelo incendio das casas do Mestre de Campo João de Paiva Souto Maior, não se sabe por quem ateiado.

Um ajudante de campo de du Clerc, livre com os seus companheiros, partiu a correr para o acampamento francez, avisando Duguay Trouin d'esses acontecimentos.

Em suas memorias o almirante francez narra o facto como se segue:

Sur ces entrefaites Le Sieur de la Salle, aide de camp de feu Mr. du Clerc, s'estant eschappé des enemis, vint se rendre à nous pour me donner avis que la populace et les milices, effraïées du grand feu de toutes nos bateries et persuadés que nous allions donner l'assaut pendant la nuit, en avoient esté tellement frappées de terreur, qu'ils avoient commensé dès ce temps là d'abandonner la ville avec une confusion estonnante, et que cette terreur s'estant communiquée aus troupes réglées, elles avoient esté entraînés par le torrent; mais qu'en se retirant elles avoient mis le feu à leurs magasins les plus riches et laissé des mines sous les forts des Jesuites et des Benédictins, a dessein de faire périr au moins une partie de nos troupes...

Atemorisado, não com isso, mas com a noticia de que os prisioneiros saqueavam a cidade, fez immediatamente Duguay-Trouin avançar as suas tropas e em 22 occupou a cidade, tomando logo as principaes eminencias, ficando Courserac no Castello, no Collegio dos Jesuitas, Goyon em S. Bento, e de Beauve com a sua brigada para os lados de Catumby, afim de evitar qualquer surpresa do governador.

O general francez tomou aposentos no palacio do bispo. Ordens severissimas haviam sido dadas para que cessasse o saque que se estava fazendo, prohibindo Duguay sob pena de morte que os seus soldados nelle tomassem parte; mas as patrulhas que haviam sido distribuidas para fazer cessar as depredações, foram as primeiras a misturar-se com os assaltantes, e em pouco um quadro de indescrivel desordem se desenrolava nas ruas da cidade.

O proprio Duguay-Trouin nos confessa isso em suas memorias: *en sorte que le lendemain matin, les trois quarts des maisons ou des magasins se trouvèrent enfoncées, les vivres et les meubles espars au milieu des rues; tout enfin se trouva dans une confusion affreuse. Je fis casser la teste à la pluspart de ceux qui se trouvèrent dans le cas du ban publié.*

Cependant les chastiments reiterés n'estant pas capables d'arrester cette fureur je pris le parti pour causer quelque chose, de faire travailler tous les jours la meilleure partie des troupes à porter ce qu'on put ramasser d'effecto dans des magasins que j'establis en differens endroits où Mr. Ricouart plasa des ecrivains du Roy, de confiance.

Logo que regularisou d'esse modo o saque, tratou Duguay-Trouin de se apoderar das fortalezas de Villegaignon e da Barra, o que fez sem custo.

No dia 24 enviou ao sargento-mór Miguel Alves Pereira que commandava Santa Cruz, uma intimação para render-se, ameaçando-o de bombardeio caso resistisse; logo que chegou essa intimação, a guarnição em massa desertou, (*) ficando sómente o commandante, o capitão Rodrigues Frade e dous artilheiros, que arriaram a bandeira chamando o inimigo com um tiro de canhão.

Em S. João mais vergonhosa se deu-se ainda. Reuniu o commandante, sargento-dór Antonio Gomes de Azevedo, logo que soube da occupação da cidade, uma Junta de Guerra, deliberando os officiaes resistir a todo transe, em vista da abundante existencia de viveres e munições. Logo que terminou a Junta, o commandante embarcou-se para terra com a sua familia e alguns soldados, o que sendo presenceado pela guarnição, por sua vez abandonou a fortaleza de que logo se apossaram os francezes.

Teve o governador sciencia do abandono de S. João quando se achava no Engenho Velho dos Jesuitas.

Abandonado pelos soldados, montára a cavallo a percorrer os caminhos, tentando com ameaças e pedidos fazer voltar os desertores.

Dirigindo-se a Gaspar da Costa que com a gente da Armada ainda se conserva no Engenho Novo, buscou ali organizar o nucleo de resistencia, e para esse fim ordenou-lhe juntasse aos delle os seus soldados afim de aguardarem os soccorros das Minas; mas Gaspar retorquiu-lhe que o Rio de Janeiro estava perdido de vez, e que ia passar á Ilha Grande e de lá seguiria para a Bahia logo que encontrasse embarcações para fazel-o. Não houve rogos, ameaças nem promessas que de tal intento o demovessem e logo, collocando-se á frente dos seus, abandonou por sua vez o governador, que pouco mais de 100 soldados acompanhavam.

Com essa pequena força retirou-se Castro Moraes para o Iguassú, afim de impedir a passagem das tropas para as Minas, ao passo que o seu fiel Souto Maior percorria as estradas a reunir os fugitivos. Nada descurando, ainda nos mais amarguados transe, fez conduzir todas as munições de que dispunha para a casa do Padre Bento Correia, afim de fornecer as tropas que Antonio de Albuquerque devia trazer das Minas, prevenido como estava por um proprio que em 30 de Agosto lhe enviára ao receber de Lisboa o aviso da expedição que se preparava.

No dia 23 de Setembro soube o governador que o sargento mór de batalhas, sem duvida arrependido do procedimento que tivera, havia regressado do caminho da Ilha Grande, acampando no Engenho Novo dos Jesuitas.

Para lá dirigiu-se e logo ao chegar sabendo que a fortaleza de S. João achava-se abandonada, mandou guarnecer-a por uma companhia do Terço Velho e uma de artilheria, que não puderam executar essa ordem por

(*) Talvez fossem esses desertores os atacantes de uma embarcação franceza que fazia aguada do outro lado da bahia, ataque de que se queixou Duguay Trouin ao Governador em carta de 23 de Outubro.

terem já os francezes d'ella se assenhoreado bem como de Santa Cruz.

Ao Engenho Novo, veio ter com o governador, nesse dia, o Juiz de Fora Luiz Fortes de Bustamante e Sá trazendo noticias do que se passára na cidade abandonada.

Duguay-Trouin logo que se viu senhor das fortalezas, e terminado o saque, enviou ao governador uma intimação para que resgatasse a cidade sob pena de destruí-la inteiramente, arrasar as fortalezas e entupir a barra com os navios aprezados. E para que essa ameaça não parecesse vã, enviou 300 soldados a talar os campos meia legoa em torno da cidade, queimando casas e plantações. Bento do Amaral, a frente de pouco mais de 20 homens, tentou oppor-se ao designio dos inimigos, e investiu-os denodadamente, sendo morto pelas tropas de Mr. de Brugnion que levaram seu cavallo e suas armas, como trophéus a Duguay-Trouin.

A intimação chegou ás mãos do governador em 30 de Setembro. Achavam-se com elle então, varias pessoas que na cidade occupavam alta posição, bem como o Juiz de Fora e os officiaes que se lhe tinham conservado fieis. Mandou procurar os Officiaes da Camara, mas como se achassem elles foragidos, chamou a João Ayres Aguirre e Manoel Pimenta Tello, que haviam sido vereadores no anno anterior e formou com elle e as mais pessoas uma junta á qual deu conhecimento da intimação recebida, sendo todos de opinião que se desse de resgate pela soberania da terra até dous milhões de cruzados.

Havendo Duguay Trouin enviado dous dos seus officiaes como refens, a Junta elegeu para que fossem tratar com o inimigo o resgate, o Juiz de Fóra e o mestre de campo Souto Maior, que logo seguiram para a cidade.

Pedia o general francez, allegando os pingues lucros que a coroa portugueza auferia d'esta colonia, 2 milhões pelo resgate da praça e fortalezas, offerecendo-lhe os emissarios do governador, mostrando o estado miseravel o que tinham ficado reduzidos os moradores, 500.000 cruzados.

A intenção manifesta dos negociadores era contemporar até que chegasse Albuquerque, das Minas; assim foi que querendo Duguay-Trouin exceptuar os Jesuitas do resgate, para com elles tratar á parte (*) elles recusaram-se a consentir nisso chegando a romper as negociações.

Soube porem Duguay-Trouin por alguns negros transugas do campo do governador, em que cifravam-se suas esperanças, e escreveu-lhe a 4 de Outubro uma carta accusando os negociadores portuguezes de astuciosos e fingidos, em contraposição á sua sinceridade e boa-fé. Em outra carta (sem data) intima-o a mandar tirar dos hospitaes e conventos os feridos portuguezes que lá se achavam para não ficarem sepultados nas ruinas da cidade, e dando-lhe o prazo de 6 dias para resolver sobre as condições exigidas para o resgate. O governador elevára a 600.000 cruzados a sua offerta. Em 10 de Outubro, quando expirava o prazo dado e vendo que o governador não se abalava, resolveu Duguay-Trouin coagil-o a isso; para esse fim, poz-se á frente de 2500

soldados, aos quaes se juntaram os de du Clerc, e marchou para o Engenho Velho, escrevendo-lhe do caminho uma carta em que exigia um milhão de cruzados. Chegando á vista do acampamento do portuguez, destacou 2 alas para que o flanqueassem e atacou-o pela frente. Tinha Castro Moraes para oppor áquellas forças 284 soldados unicamente. Assim, fez ver a Duguay-Trouin que já lhe offerecera quanto podia dar, necessitando mesmo de algum prazo para satisfazer esse pagamento. O mais que podia offerecer era juntar do seu bolsinho 10 mil cruzados, 100 caixas de assucar e 200 bois para sustento das tropas. Estipulou-se d'esse modo o resgate da cidade do Rio de Janeiro, resgate declarado vantajoso pelo Senado da Camara em carta a Albuquerque, pelo Bispo dado como habil e por bom preço e pelos historiadores capitulado como um crime do governador, pusilanime, inepto e quiçá, traidor.

Levou Duguay-Trouin depois de assignado por Francisco de Castro Moraes o tratado, (*) 12 dos seus principaes officiaes como refens.

No dia seguinte, chegou por fim, mas tardiamente, Albuquerque á frente de 6.000 soldados das Minas.

Teria elle tido tenções de atacar os francezes?

Nada se pode affirmar.

O sargento-mór dos Pretos que se achava preso á ordem do Juiz de Fóra no acampamento do governador, tendo sido posto em liberdade por intercessão de Gaspar de Athayde, fugiu para o campo francez e avisou Duguay-Trouin da chegada de Albuquerque, dizendo-lhe que se preparasse, pois os portuguezes não respeitariam o tratado e o viriam atacar na cidade.

Duguay-Trouin tomou immediatamente as necessarias precauções, collocando patrulhas dobradas em todos os pontos fracos da cidade, e escrevendo em 19 de Outubro uma carta ao governador em que lhe dizia ter sabido da chegada de Albuquerque cujo valor elle muito apreciava, mas tanto não temia que si elle o intentasse atacar, poupar-lhe-ia metade do caminho; que enviara para bordo dos seus navios os refens, cujas cabeças responderiam pelo cumprimento do estipulado.

Souto Maior em 20 do mesmo mez, dirigiu-se em carta ao governador participando a mesma cousa.

Escreveu então o governador a Albuquerque, explicando-lhe como se vira forçado pelas circumstancias a estipular o resgate da cidade, dando refens do cumprimento de sua palavra e pedindo-lhe que não puzesse em perigo a vida d'aquelles que estavam no campo inimigo. O Bispo, em carta tambem escripta a Albuquerque, instou com elle para que não rompesse o pactuado; e ao contrario, usasse de sua influencia junto ao Ouvidor Geral para que fizesse entrega do dinheiro existente nos cofres reaes, requisitado por Francisco de Castro Moraes para pagamento do resgate.

Attendendo a esses rogos, ou não querendo arriscar-se a um combate de sorte duvidosa, Albuquerque fez entrega ao governador dos cofres que lhe confiára o Ouvidor Geral, e graças a elles em 3 de Novembro ponde o governador effectuar o ultimo pagamento. Varios particulares concorreram para completar a somma necessaria effectuando-se a conferencia do numerario, segundo Mello Moraes (*) na casa n. 136 da rua da Quitanda, esquina da rua General Camara, onde hoje existe uma pharmacia.

Conforme uma lista que temos á vista assim foi feito o emprestimo: (*)

(*) O original existe no Archivo Publico.

(*) Carta escripta a I. Belfort em 9 de Janeiro de 1867.

(*) Copia textual.

(*) O procedimento dos Jesuitas por occasião da invasão de Duguay-Trouin, foi altamente suspeito. Grandes proprietarios na cidade, preferiam resgatar-se com o inimigo a entrar depois no rateio feito entre os moradores para indemnizar á coroa do preço do resgate.

Foram tão sympathisados pelos francezes, que Duguay-Trouin em suas memorias diz: "J'avois fait ramasser avec très grand soin tous les vases sacrés, l'argenterie et les ornemens des églises, que j'avois fait mettre dans plusieurs grands coffres. Avant de partir, je confiai ce dépôt aux peres jesuites, comme aux seuls ecclésiastiques qui dans ce pais là m'aient paru vivre moralement bien, les chargeant de les remettre à l'évesque du lieu. Ces habiles politiques n'avoient pas peu contribué à sauver cette colonie florissante, en portant le gouverneur à racheter la ville; sans quoy je l'aurois rasée de fonds en comble, et cette perte auroit esté irreparable pour le Roy et n'auroit esté d'aucune utilité pour mon armement."

O que é certo, apesar das palavras de Duguay-Trouin é terem varias igrejas perdido até os paramentos de culto, que nunca mais lhes foram restituídos.

Fazenda Real	67:697\$340
Casa da Moeda.	110:077\$600
Bulla da Cruzada	3:484\$660
Cofre dos Orfaons	9:733\$220
« Defuntos e Auzentes.	6:372\$880
Francisco de Castro Moraes	10:387\$820
Lourenço Antonio Vianna	6:724\$320
Francisco Seixas da Fonseca	10:616\$440
Rodrigo de Freitas.	1:186\$980
Braz Fernandes Rola.	6:062\$020
Paulo Pinto	3:031\$040
Francisco Antonio da Rocha.	1:326\$000
Christovão Reis.	1:643\$200
Antonio Francisco Lustosa.	855\$600
Thomé Teixeira de Carvalho.	785\$600
	244:884\$720

Recebida a ultima prestação, entregou Duguay-Trouin a cidade, conservando unicamente as fortalezas da barra, Villegaignon e Ilha das Cobras, que no dia da partida, 13 de Novembro, abandonou.

Nesse dia, mandou elle incendiar a *Barroquinha*, unica não que restava da frota portugueza; o esbulho da cidade, produziu segundo diversos historiadores, de 25 a 30 milhões de cruzados; Duguay em suas memorias, diz que apesar da perda dos vasos *le Magnanime* e *le Fidèle*, sossobrados na altura dos Açores, ainda tiveram os armadores um lucro de 92 por cento.

*

Logo que Albuquerque chegou das Minas, com as tropas de socorro, viu-se cercado por grande numero d'aquelles que na occasião do perigo haviam sido os primeiros a desertar dos seus postos, e que com as mais lisongeiras falas, exaltavam-lhe o valor militar, buscando deprimir o governador ao qual culpavam de todo o succedido.

Este, imprudentemente, havia jurado que ao assumir novamente o seu cargo, depois de restabelecida a ordem, severamente castigaria a todos os culpados pela perda da cidade.

Ora, raras pessoas poderiam dizer-se isemptas de tal culpa. Iniciara a deserção o Terço da Nobreza e privilegiados; seguiram-se-lhe as autoridades civis, o Senado da Camara fazendo-o com açodamento tal, que para entabular negociações com os francezes para o resgate da cidade tivera o governador não encontrando os Officiaes de chamar dous ex-veredores para os substituir.

Alem disso, os desertores em seu caminho para o sertão, haviam commettido extraordinarias depredações, saqueando chacaras e engenhos de modo tal que após a retirada do inimigo os lavradores não tinham «uma só cabeça de gado nos Engenhos.»

Por sua vez os Jesuitas, burlados em seu plano de fugirem ao rateio a que ficariam sujeitos todos os proprietarios de immoveis na cidade, para pagamento do emprestimo feito á Fazenda real, juntaram as suas vozes ás dos demais inimigos do governador, esquecendo-se todos de que era esse o mesmo homem a quem no anno anterior haviam «feito mil poesias, comedias e outras cavalherias—quando vencido e preso Duclerc. (*)

Tanto é certo que só são heróes os generaes vencedores.

O Senado da Camara foi o primeiro a manifestar-se; após ter escripto anteriormente a Albuquerque, approvando o resgate, em 8 de Novembro dirigiu-lhe outra car-

ta, em que pedia-lhe assumisse o governo, prendesse Castro Moraes e lhe sequestrasse todos os bens para indemnização á Fazenda Real do preço do resgate.

Em 17 de Novembro, nova carta, reeditando as accusações de cobardia e traição e insistindo pela detenção e sequestro.

Em outra carta, esta dirigida a El-Rey, expõe longamente os acontecimentos, d'elles fazendo responsaveis, ao governador, Juiz de Fóra, Souto Maior e Francisco Xavier, os mais devotados dos seus amigos, aquelles justamente que não o haviam abandonado, quando, tomados de terror os que agora contra elles investiam, deram o exemplo de cobardia, fugindo na maior desordem para pontos ignorados, só apparecendo na cauda de Albuquerque, á sombra das armas dos soldados das Minas. Albuquerque não foi insensivel a taes louvaminhas; na incerteza ainda de como apreciaria a Côrte o seu procedimento, a carta que escreveu a El-Rei a respeito dos acontecimentos, exalta o seu proprio merito, a presteza com que marchara das margens do Parahyba, onde recebera o aviso do perigo que corria a cidade, por escabrosissimos caminhos, quasi impraticaveis pelas intemperies, descarregando a culpa sobre os que apontava a a camarilha que o cercava.

Em 24 de Junho de 1713, chegou ao Rio o novo governador nomeado, Francisco de Tavora, cujo primeiro acto foi prender os accusados, entregando-os aos juizes pela Côrte nomeados.

A devassa durou até 17 de Dezembro de 1716. (*)

Foram condemnados:

Francisco de Castro Moraes, Luiz Fortes de Bustamante e Sá, Francisco Xavier de Castro Moraes, Martim Correa de Sá, Manoel Simões de Carvalho, Francisco Rodrigues Frade, Diogo Barbosa Leitão, Antonio Soares de Azevedo, Pedro Azambuja Ribeiro, Francisco Pereira Leal e outros, a varias penas, sendo o Sargento-Mór Antonio Soares de Azevedo executado em effigie, por achar-se foragido. (*)

Só se fizeram effectivas as penalidades em Castro Moraes, condemnados os seus bens ao sequestro, o que foi executado não só no Brasil, mas ainda nos poucos que possuia na praça de Chaves, em Portugal, e a degredo perpetuo a sua pessoa para a India.

Ainda em 1723, informa-nos o Dr. Felisbello Freire, achava-se elle preso na fortaleza de Santa Cruz, seguindo esse anno para o Reino, dahi em diante d'elle não se encontrando vestigios.

E assim se consummou essa grande injustiça da historia.

Não bastava o tributo de sangue pago por seu irmão Gregorio de Castro Moraes em 1710, e seus sobrinhos Francisco de Moraes Castro e João Pinto de Castro Moraes; era necessario uma victima que sobrecarregasse com as culpas da Côrte que não cuidara em fortificar as suas possessões do ultramar, expondo-as quasi indefezas ás depredações inimigas; e com as dos cobardes que ao primeiro rebate de perigo abandonaram os postos confiados á sua guarda; toda a vergonha d'aquella pusilanidade manifestada pelos soldados, nobreza e povo, recahiu sobre o velho servidor do Estado, o ex-governador do Pernambuco, o intemerato defensor do Rio contra du Clerc.

E a sua memoria foi, pela historia injusta, jungida ao pelourinho da infamia, de onde, á luz de documentos authenticos, hoje, ha-de arrancar-a e em uma posthuma justificação envolvel-a na aureola de um longo e iniquo martyrio.

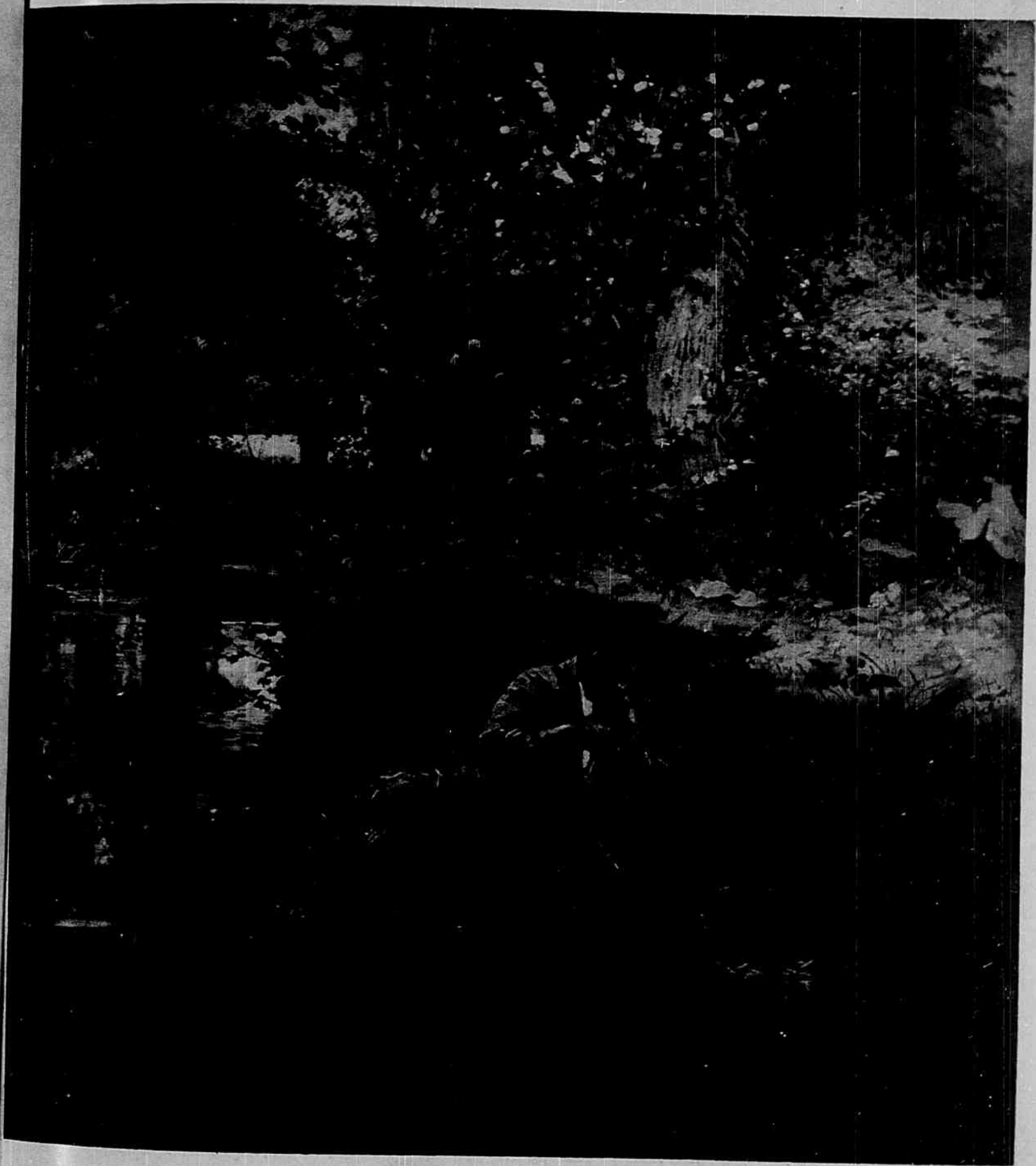
Rio—Setembro—1904.

MARIO BEHRING.

(*) Narração do Assalto que os Francezes fizeram ao Rio de Janeiro, governados por Duclerc, e a victoria que alcançou o Governador da Cidade Francisco de Castro e Moraes, no anno de 1710—Msc. da Bibliotheca Nacional.

(*) Msc. da Bibliotheca Nacional.

(*) Sentença proferida contra o Reu Antonio Soares de Azevedo... etc. Msc. da Bibliotheca Nacional.



A PESCA

UMA PALHÊTA QUE VIVE

(JOÃO BAPTISTA DA COSTA)

A determinação typica dos artistas pelos caracteres physicos ou physignomonicos está invalidada pelas contraprovas.

Lucien Arreat num excellente livro, que já não é novo, intitulado *Psychologie du Peintre*, demonstra a insufficiencia documental do processo para segurança do resultado.

Mas, o que parece fóra de duvida, pelo menos aceitavel, por frequencia das coincidencias, é que as tendencias esthéticas do artista se manifestem por traços exteriores ou por feições particulares.

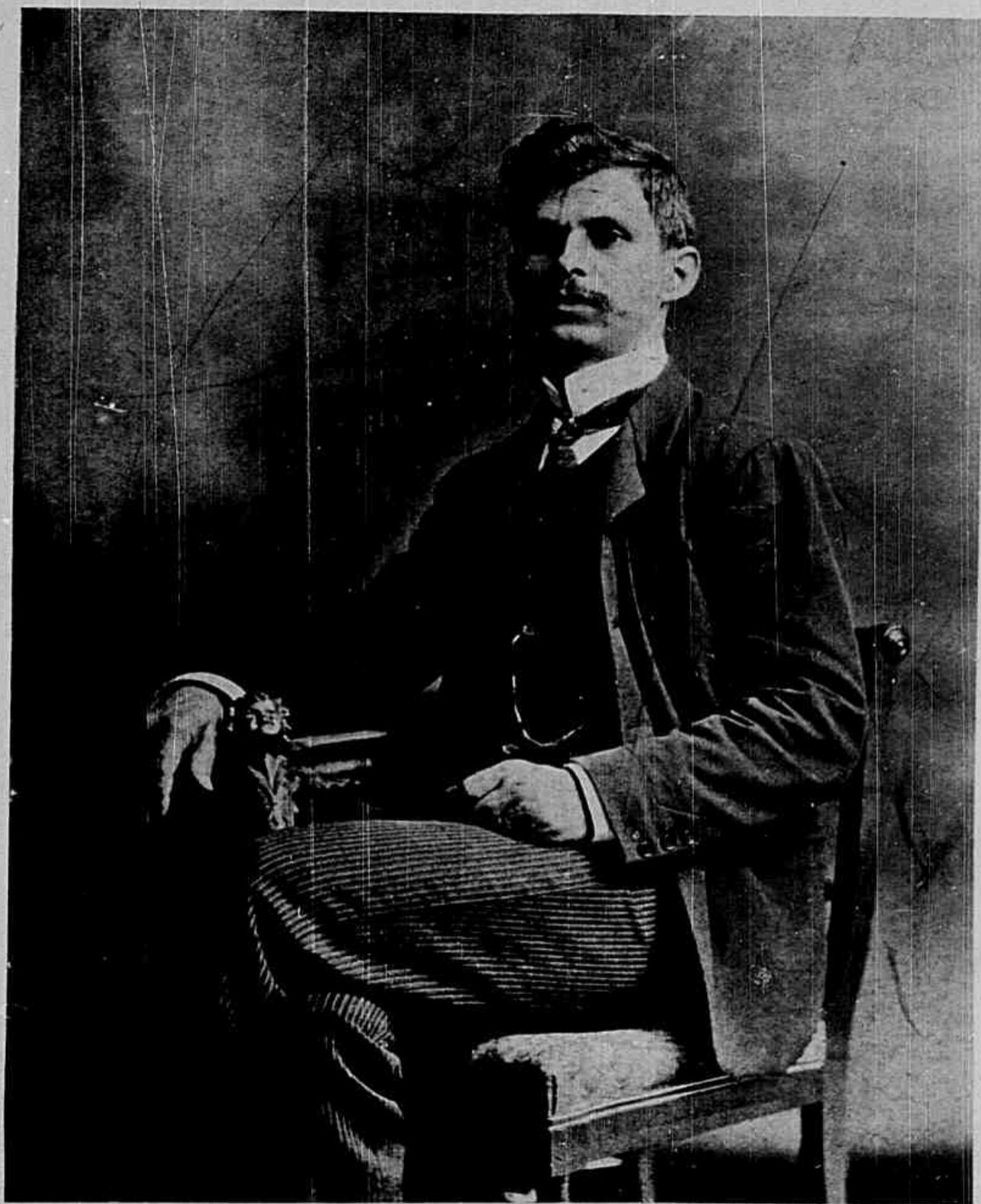
Quem investiga os caracteristicos physicos e lhes conhece a significação, os que lêem as linhas estruturales do semblante e as taras chirognomonicas, encontram uma similitude entre a producção e o productor que se impõe á impressionabilidade e ao attendimento do analysta.

Nos paizagistas, singularmente, essa caracterisação é apreciavel, constata-se de modo tão frequente que chega a ser digno de nota. Não sei se isso resulta da expontaneidade da paizagem que, agindo sobre a faculdade emotiva mais amiudadamente que os assumptos de figuras e sendo mais trabalho de sentir e externar que o de idealisar e exprimir, dá ao artista um typo caracteristico ou se provém do meio em que elle exerce sua arte. O que é, porém, verdade é que essa identificação existe ou parece existir.

Attenção-se a fórmula das mãos, o schema da visagem de cada um delles, compare-se essas particularidades com a contextura de suas obras, a maneira porque são pintadas, a escolha predilecta dos motivos, a emoção que trazem, e ter-se-á, como num espelho a imagem

do seu auctor. E não precisaremos buscar, á distancia, exemplo que nos baste. Tomemol-o nesse mesmo Baptista da Costa.

Elle tem o queixo anguloso dos fortes, a testa curta e quadrada dos obstinados. No seu typo ha alguma cousa de rustico, de não artificializado. A indicativa da sua corporatura é a de um camponio que estudou latim no Seminario, e a sua dextra, que lhe é mão dos



pinceis, possui a dureza ossea das mãos activas e as nodosidades assignaladoras do pensamento. Isto pelo que respeita ao arcabouço. Ponia-se-lhe, agora, neste feitio solido d'homem singello, uma timidez de maneiras que se avinha da esquerdice, e se lhe comprehende a doçura nostalgica dos olhos escuros, onde se lhe percebe a alma dolente de só e resignado, hu-

milde e boa, mas d'essa incomparavel bondade christã que envolve seres e cousas no mesmo affago e no mesmo perdão.

Bem se lhe notando a feição dos trabalhos ella participa da sua solidez, da sua singelleza e da sua bondade.

São tres condições importantes numa obra de arte, que as condensa em firmeza d'execução, em sinceridade expressiva e poder communicativo. A obra assim feita é vivida, é intensa e duradoura.

Estudadas essas tres componentes da sua obra, cada qual de per si, encontra-se, pelo que respeita á solidez — a sua maneira firme de pincelar, a densidade de suas tintas e a exactidão dos valores.

Baptista da Costa chegou a esse resultado á custa de tenacidade, conquistou a sua técnica lentamente. Acompanhei-o, ha alguns annos, atravez da sua obra, vi-o aturdido com a multiplicidade dos detalhes do *natural*, estonteado com a confusão dos valores no *ar livre*. Luctava, então, por simplificar o que via, ora tentando pela côr o que lhe falhava no desenho, ora substituindo por *massas* o que a habilidade não conseguia na reproducção do fôfo e tufado das fórmãs. É uma lucta desesperada, que só bem n'a sabe quem já se encontrou de palhêta e pinceis em frente á natureza!

Para que um pintor chegue a "justeza do toque," a ponto de não perder, com a idéa de acertar, o effeito geral do assumpto, é preciso um continuo, aturado, por vezes exhaustivo exercicio. É por isso que os tres grandes mestres da paizagem, Huet, Rousseau e Corot (esse tambem João Baptista, Jean Baptiste Camille Corot) affirmaram, com o exemplo, a necessidade de viver no campo, de estar vigilante ás modificações rapidas dos effeitos, de observar constantemente o aspecto da vegetação sob a direcção da luz, de estudar conscienciosamente a forma propria, caracteristica, indicativa de cada arvore, que é o *character das cousas* de que falla Ruskin.

Lento e persistentemente Baptista da Costa entrou na posse d'esse segredo. De exposição em exposição o seu valor avultava. O desenho tornava-se-lhe familiar, o lapis obtinha sob o impulso de seus dedos vigores e delicadezas; os pinceis docilisavam-se ao movimento do pulso.

E não havia imagem que elle não retivesse com facilidade. Veio-lhe, por esse tempo, o amor á paizagem de contorno, as *vistas*, corcovas de montanhas, extensões de valles, restingas de praias...

Datam d'essa época as suas exposições parciaes, mais assiduas. Uma infeliz viagem á Europa fechou-lhe este periodo. Parece que as duas horriveis punhaladas, que a desventura lhe vibrou no coração, influiram muito na sua arte. A partir d'esse máu tempo a sua emotividade sensibilizou-se, levou-o a observar mais cuidadosamente a Natureza, a procurar nella o que pungia na sua alma. E pouco a pouco seus pinceis foram dizendo nas telas o que os campos, os montes, as rochas, lhe transmittiam á esthesia.

Para tanto não se lhe negava a palhêta, que é fertil em vivos tons tropicaes. Ah! os seus verdes são bellos; estendem-se em todas as nuanças, desdobram-se orchestralmente em toda variedade da sua gamma. Da composição dos verdes participam largamente os amarellos, com que joga habilmente. O amarello é uma tinta que domina a nossa paizagem, mistura-se em quasi todos os meios tons luminosos, expande-se, victoriosa, nos claros rasgados pelo sol. Onde ha luz ha amarello. É a diluição do sol. Ha frondes que, no mais intenso azul cobalto do céu, são irritantemente amarellas. É todo o chromatismo da fusão, desde o jaldo offuscante até o óca soturno, desde o vitellino que estrelleja a ramaria florente dos capoeirões até o açafroado, dos cajueiros, o barrento — agua dos sapês, o pardo-sepia dos velhos coqueiraes...

Tambem claros e intensos saem da sua palhêta os vermelhos e os azues, que se combinam em gradações subtis, e lhe dão os recursos imitadores da immensa tinturaria da Natureza.

Senhor da palhêta, que lhe pende do pollegar sinistro sobre o braço em curva, como senhor do lapis com que traceja o espaço a encher, e marca os pontos a salientar, a sua obra sae expontanea como se lhe modulam na bocca as expansões sinceras dos seus sentimentos.

Nenhuma preocupação de agrado o move nem o aconselha. Elle pinta o que sente, externa o que o commove, reproduz o que o impressiona, indifferente á opinião do publico. D'ahi o deserto de muitas de suas paizagens, quando, bom pintor de figuras como é, as poderia animar, emprestando-lhes a graça commum dos fazedores de genero que embasacam os roliços burguezes transformados em amadores.

Prefere o artista cahir nos desdens convencionaes da critica facciosa, que alardêa sabença sem affirmar criterio, e no desagrado do farto amator libra-esterlina, do que ceder a sinceridade da sua emoção ás

exigencias snobicas da chatice peravilha e pedante, que faz a craveira sensacional d'uma época.

A sua obra, porém, impõe-se aos que têm o necessario cultivo de arte, aos dotados de instinctos estheticos, e aos delicados de gosto. Ella é verdadeira e sã, não se orna de pretenções, que são affeitos, nem procura illudir por artificios. Tem como a natureza do seu auctor, a sinceridade da singeleza, a força de si propria, o commedimento dos seus processos de expressão, que se deriva da timidez, da modestia de quem a produziu. Por isso representa o que deve representar, sem espalhafatos de colorido, sem *épatantes* golpes d'espatula nem espéta nervos com borrões d'empastelamentos.

Honesta, vence pela verdade; sincera, conquista por seu proprio valor. Se não incorrer em coima, por inoportuna, a comparativa dos merecimentos, eu direi que a considero, com o desconto de proporções, como a obra de Theodore Rousseau. Não fará revoluções, não agitará uma época, mas tem, sobre as que conseguem os faceis triumphos da moda, o merito das que atravessam gerações, e ficam em qualquer tempo admiradas e bem queridas.

É isso, porque a obra de Baptista da Costa não encerra, unicamente, as qualidades materiaes das pinturas bem feitas; ella communica-se, attrae a retina e vae á alma de quem a olha.

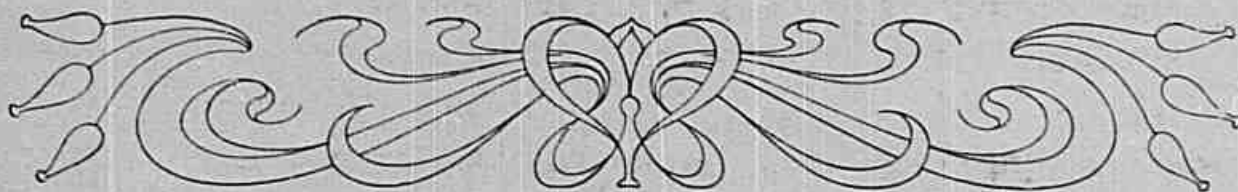
As suas paizagens, animadas ou vazias, mostram-nos mais alguma cousa do que a reproducção appro-

ximada da Natureza em dados momentos e diversos pontos, exprimem uma emoção, traduzida de um modo que é particularmente do seu auctor, commovem-nos tambem, obrigam-nos a participar dos seus encantos, do seu aspecto claro e todo dourado de sol, da sensação fresca de suas manhãs, da soalheira de seus areiaes d'agrestidade de seus rochedos, da tristeza de seus pôres-de-sol. A sua arte arrasta-nos ao seu scenario, prende-nos no seu ambiente, leva-nos a participar da emoção de seus typos, seja nas horas dolorosas d'aquella scena de quarto onde uma creança morre, seja sob o céu vespertino d'esse *Fim de Jornada*, que é, contrariando frageis opiniões oppostas, uma obra vigorosa e emotiva.

E' que esse poder emana da intensidade com que é feita, communica-se pela sinceridade que a anima e que a sobreleva nesse meio estonteado de pinturas para *cabarets* e de estampas illustrativas para monographias psychiatras.

Ella affirma-se fortemente pela seriedade de seus processos, permanece integra dentro da vacillação das correntes estheticas, porque não é producto ephemero dos dictames de um capricho, e ha de atravessar as edades serena e forte como seu auctor tem atravessado a vida, a despeito da desventura e dos insuccessos, e ficará bem collocada, bem digna, entre as obras realçadas dos pinacothecos do futuro.

GONZAGA DUQUE.




 TYPOS DA ROÇA

IV

ENRABICHADO

PORQUE anda agora *seu* Maneca jururú dessa moda? Elle que era tão brincão, sempre alegre e pandego, vive agora só na suruba, assim tão esturdio! Sá Marica, velhota que especula a vida de todo o mundo, banzou sobre o caso e veio a saber que o Manéca está num chodó damnado pela Sinhá, filha do major Silva, fazendeiro ourudo e possuidor de um disparate de terras, todas de ponta de dedo.

Manéca não tem de seu nem um cobre, mas é moço trabalhador, bôa dita nos negocios, e não consta que elle fosse nenhum perdido, suciando com as "raparigas". Que Sinhá tinha cambão pelo Manéca, sá Maria soube assim uns longes, umas falas por alto, mas *rabicho* de cortar... isso não, mesmo porque o dr. promotor, mocinho na puba, parece que está *chumbado* pela menina.

Isso é que dóe na alma do Manéca, que virou sorumbático, só na suspiração, e já, em noites de luar, não entra mais nas costaneiras, violão em punho, cantando modinhas. Pouco apparece, e o Quim, falador que *sapéca* seu bocado, andou lambarando que o Manéca, desatinado com o chodó, pegou a tomar *puas* de cair na rua.

E rindo, mostrando as gengivas sem dentes, ajuntou:

—Coitado! tem *rezão*, porque a Sinhá é bonita que dóe, e tem *tacho*. Rabicho é o diabo!

Sá Marica contou tambem que o Manéca foi conversar com o feiticeiro da varge, um caboclo sabido de coisas de cangerê, p'ra elle dar uma *volta* no major que, numa imposturia de graudagem, disse a respeito dos desejos do moço:

E' muito p'ra elle!

Quando Manéca viu que mão limpa na sua cuité, o *rabicho* apertou fundo, e elle caiu nessa esturdeza de vida, que todos reparam. Está ficando como graveto, com um amarelão de quem apanhou a febre brava das beiras do rio na baixa das aguas, o olhar assim espantado como cousa que visse sombração.

Elle está ali, considerou o Quim, está hectico e vae p'ras minhocas.

Não ha nada, concluiu o *sapecedor*, como a gente já estar assim do meio dia p'ra tarde. Cambão não entra, e *rabicho*... nem vêz!

Quando vão contar ao Maneca esses ditos do Quim, o "enrabichado," resmungo: "*Capadô! aburcido!*" e fica a olhar a tóa para o ar, onde a visão de Sinhá, na pimponagem de dezoito annos, surge tão catita que é de um christão morrer!

Nunca pensou que rabo de saia atrapalhasse tanto a vida de "uma gente.". Ouvia falar em "enrabichado," de "cabeça inchada," mas não fazia ideia do que era. Por Deus do céu! é de escangotear uma criatura, que fica sem ter parada, a modo que perseguida do tihoso. Diaba bonita que é a Sinhá!

E o Maneca suspira, conhecendo que aquillo não tem arrumação. O melhor é elle metter o pé na estrada e ninguem ha de saber o rumo que levou.

Maldita hora em que foi "dançar baile," na casa do major, pela festa da "noite do Nascimento.". Pegou o *rabicho* ahi; não houve quem não reparasse o chodó em que elle ficou. "Só serenando," o Maneca viu-se "applaudido," e notaram muitos que Sinhá "fazia bem seu crochet," com elle.

Rapaz houve que chegou a dizer do Maneca que não perdia o "brodio," e, no dia seguinte, em todo o povoado não se falava senão no "rabicho," do moço com a filha do Silva.

Triste cambão! Vive agora o enrabichado pensando no chodó, banzeiro, suruba, quasi deitando as compridas," quando o luar claro que nem de dia envolve o casario na sua luz dormente, e a costaneira, na rua, desfia os doces versos das modinhas ao som do violão e da flauta, numa toada tão triste!...

Quem havia de dizer que o Maneca, o pandego de outros tempos, ficaria assim sorumbático, esturdio, mofino dessa moda, pobre "enrabichado," pela diaba da Sinhá, sacudida ás deveras nos seus dezoito annos, tentação das creaturas!

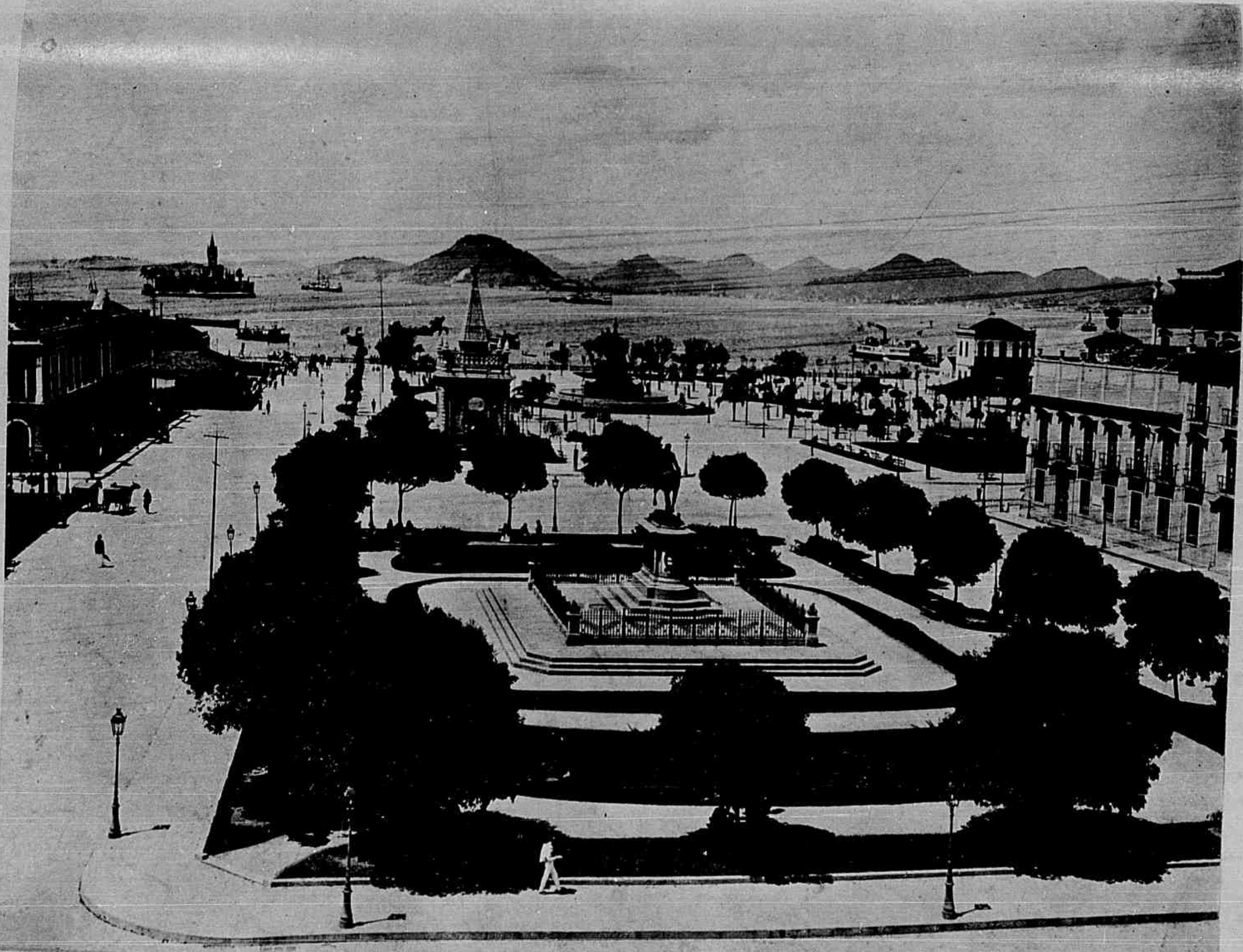
E o moço arranca do fundo do peito um suspiro doido que até parece que "está fazendo termo."

Chodó damnado!

AZEVEDO JUNIOR.

Juiz de Fóra, 1904.





KÓSMOS

MELHORAMENTOS DO RIO DE JANEIRO
PRAÇA 15 DE NOVEMBRO

CONCURSO DE BELLEZA INFANTIL

Em nossas paginas figuram hoje os retratos das creanças que de accordo com as condições estabelecidas por ocasião da abertura do nosso primeiro concurso, foram classificadas nos dez primeiros logares. A comissão julgadora foi constituída pelos srs. Gonzaga Duque, João Baptista da Costa, J. C. de Mariz Carvalho e Benevenuto Berna.

Das 327 photographias que nos foram enviadas de varios Estados, muitas foram logo desclassificadas por não obedecerem ás condições do concurso.

Os premios podem ser reclamados nesta Redacção até 30 de Novembro.



1.º PREMIO

EVA SCHNOOR - 2 ANNOS DE IDADE

G. SARRACINO — PHOTOGRAPHO — S. PAULO



2.º PREMIO
DEVANAGUY LAKMY SILVA — CAPITAL



2.º PREMIO
ISAURA JUNQUEIRA DE OLIVEIRA — POÇOS DE CALDAS



2.º PREMIO
MARIA PIRES DE ALBUQUERQUE — PETROPOLIS



3.º PREMIO
LUCIA LOPES DE ALMEIDA — RIO DE JANEIRO

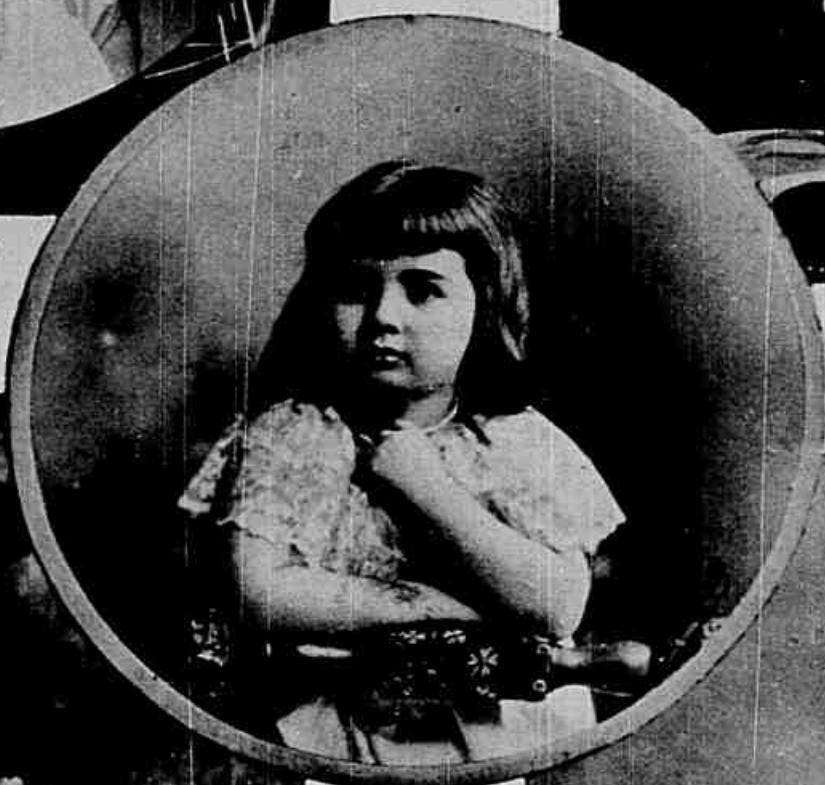
3.º PREMIOS



MARIA AMELIA DE REZENDE MARTINS
CAMPINAS



DULCE DE AZEVEDO
S. PAULO



Sylvia Moreira
RIO DE JANEIRO



MARIA DE LOURDES
RIO DE JANEIRO



LAURA DE ANDRADE PINTO
RIO DE JANEIRO

DAS LEITURAS

SOBRE OCEANOGRAPHIA

II

O nosso planeta, como todos os organismos, progride do cháos para a ordem.

As grandes perturbações atmosphericas e oceanicas só pódem pertencer ao seu periodo embryonario.

Em virtude de resfriamentos successivos, o nucleo incandescente foi se resguardando sob uma crôsta solida, determinando o estabelecimento d'uma temperatura conveniente á combinação dos elementos.

O 1º acto d'esta nova phase foi a precipitação das aguas ou a formação dos mares.

O hydrogeneo e o oxygeneo existentes, em abundancia prodigiosa, na natureza, combinaram-se em vapor d'agua; desde que a temperatura da atmosphaera desceu a menos de 100º c., este vapor condensou-se, transformando-se em agua. Chuvas torrencias precipitaram-se sobre a crôsta ardente, vaporisando-se e activando assim o seu resfriamento; encontrando uma atmosphaera pesada, esses vapores deviam ter-se elevado atravez desse ambiente, para ahi se condensarem, novamente cair, até que camadas liquidas lograssem augmentar de extensão e de profundidade, cobrindo enfim uma grande parte, senão a totalidade da superficie do globo. Assim nasceu o oceano; começa o reino da agua.

Ora, nesta epoca geologica as revoluções interiores da massa fluida e incandescente, reagiram com extraordinaria energia sobre a fraca epiderme terraquea e ahi produziram depressões colossaes. Assim vê-se que a formação das camadas exteriores do nosso globo, isto é, das ROCHAS na accepção lata que lhe dá a Geologia, achava-se entregue á acção alternativa do fogo e da agua. Estes dois agentes primordiales foram personificados sob os nomes de deuses mythologicos.

O fogo, é Vulcano, ou melhor Plutão, o deus dos infernos, o deus subterraneo.

A agua, é Neptuno, deus dos mares e soberano dos rios.

Por tal motivo, rochas PLUTONIANAS são as que formam os terrenos de crystallisação, cuja origem é exclusivamente ignea; rochas NEPTUNIANAS são as que formam os terrenos sedimentosos, depositados em camadas horizontaes pelas aguas do mar.

As rochas METAMORPHICAS formam os terrenos de transição, os quaes marcam a passagem do periodo plutoniano para o neptuniano. Sobre a superficie d'estas diversas camadas e acima dos granitos e schistos argilosos, as aguas depositaram as materias calcareas nas quaes se encontram os destroços fosseis das primeiras plantas marinhas — as algas e os fucoides — e dos primeiros animaes marinhos — os infusorios e os zoophitos —.

Sob o periodo siluriano originaram-se os continentes. A separação das terras e dos mares é devida a uma serie de revoluções, algumas subitas, terriveis e circumscriptas, outras lentas e quasi insensiveis produzidas pelas materias em fusão sob a superficie terrestre, e tendo todas por fim a submersão e emersão successivas das diversas partes do globo. Este phenomeno reproduziu-se até

haver equilibrio entre a tensão interior e a pressão exterior. Surgiram então, definitivamente, enormes ilhas destacadas, as quaes nos periodos seguintes se agruparam de maneira a formar grandes continentes, e nestes, numerosos lagos e golphos profundamente recortados. A fórma d'estes continentes e a extensão da terra firme variavam então segundo as revoluções e os phenomenos de cada epoca geologica, conforme o indicam as cartas construidas pelos povos mais adiantados da antiguidade.

E foi somente após a grande commoção da qual resultaram as cadeias dos Pyrinêos, Apeninos e Karpathos, que os continentes appareceram sob uma fórma pouco differente da que têm hoje.

A composição dos terrenos, a posição das camadas, a natureza dos ossamentos fosseis que encerram, nos fazem conhecer as epocas dos diversos abalos e, por conseguinte, as variações successivas na extensão das terras e dos mares.

Os depositos sedimentosos, por sua natureza e a regularidade de suas camadas, parecem pertencer aos periodos de tranquillidade que separavam as grandes revoluções do globo, e durante os quaes se accumulavam no fundo dos mares os destroços dos seres organisados que os povoavam. Pertencendo todos estes seres a creações progressivas, era natural que após cada um d'esses cataclysmas, organismos novos e mais perfeitos, tanto do reino vegetal como do reino animal, viessem povoar e embellizar a terra. Taes abalos tornavam-se mais geraes e mais profundos, á medida que a crôsta do globo augmentava de espessura. O estudo dos depositos diluvianos mostra, com effeito, que os terrenos submersos pela invasão dos mares são tanto mais vastos quanto mais proxima estava a epoca geologica em que surgio o homem.

Entretanto, quer acceitemos a emersão e submersão das terras como devida á precessão dos equinoxios segundo a theoria de J. Adhemar, quer motivadas por diluvios excepcionaes e successivos, quer devidas ás possantes oscillações do oceano que acompanham os tremores de terra, não estamos senão em condições de apresentar, como transitorio, o periodo de repouso de que gozamos. Nadá, de facto, nos garante que os cataclysmas, que tantas vezes alteraram profundamente a superficie de nosso planeta não se reproduzirão no decorrer dos seculos.

Todavia, dá-se na historia do globo, como mui justamente observa M. Le Hon, «um facto notavel, — o surto do homem — chamado talvez para modificar as leis creadoras da natureza.»

Certamente, a Humanidade, advertida, pela sciencia, das catastrophes que ameaçam as gerações futuras, ha de procurar prevenir suas explosões, ou pelo menos attenuar-lhes a violencia.

Guiados por um conhecimento mais exacto das leis que presidem á organização progressiva, ao lento desenvolvimento de nosso planeta; senhores das forças mais activas e poderosas da natureza, conquistadas pela sciencia e regularisadas pela cultura integral do solo, não nos será dado poder dirigir estas forças para um fim digno da grandeza da Humanidade, cuja acção collectiva e dominadora deve, cada vez mais, substituir a protecção providencial dos primeiros tempos?!...

Apegados, firmemente, á esta grandiosa esperanza, devemos procurar, como sensatamente diz Margollé, «descortinar o nosso Destino afim de que nos seja permitido, já que a Terra ha de experimentar novos cataclysmas, transmittir aos nossos herdeiros o thesouro das verdades moraes e scientificas que são o fructo precioso de

nossos perseverantes esforços, e o signal o mais brilhante, a prova a mais certa de nossa unidade no futuro.

E talvez, por ter sido o fructo d'um desses cataclysmas, é que o oceano, ainda hoje, como sempre, luta com as terras, tentando reconquistar sua universalidade perdida.

Sim, si é verdade que sob vagas revôltas, têm emergido ilhas alterosas, as quaes parece terem celebrado um pacto com os alluviões, as areias e a vasa, afim de obri-garem as aguas do Oceano a recuar; não é menos certo que sob mansas ondas têm desaparecido, aluindo-se, porções consideraveis de terra. Perseverante e pertinaz, o mar tem minado as costas, invadido os continentes e até sepultado montanhas.

A Australia, por exemplo, viu o oceano, roubar-lhe as terras de Van-Diemen ao Sul e da Nova Guiné ao Norte, actualmente, separadas do continente por apertadissimos estreitos.

Percorrendo o Mappa-Mundi, acham-se sobre os dois hemispherios, traços manifestos de rupturas bruscas ou lentas realisadas entre porções do continente: o estreito de Gibraltar, o passo de Calais, resultaram de phenomenos desse genero.

E para tal fim o oceano se aproveita não só da acção erosiva das vagas, que incansaveis batem e impetuosas arrebetam sobre as praias, como das formidaveis enxurradas fluviaes, que laceram as terras com furia indomita e que tão sensiveis se tornam quando se observa a formação dos DELTAS.

Actualmente, segundo Rigaud, a superficie da terra firme está para a do elemento liquido como a relação $\frac{10}{27}$. O oceano cobre quasi todo o hemispherio austral e a maior parte do boreal.

O oceano, já o dissemos, não é um accidente na superficie da Terra: é um mundo dotado d'uma existencia propria, séde d'uma criação á parte e no seio do qual milhares de seres vivem d'uma vida, que differe completamente da nossa.

Sem elle, nosso planeta seria, assim como nosso satellite, um corpo frio e rigido, um astro morto por supressão completa de toda humidade.

Demais, a noção que temos de vida, incompatibilisa-a com o reino do fogo. Foi preciso pois, para que a vida apparecesse sobre o globo, que sua superficie, solidificada e resfriada, se tornasse o leito do oceano; e depois da emersão das terras, foi necessario, para que estas se tornassem aptas a gerar e nutrir os seres, que o mar as cobrisse por diversas vezes, ahi depositando essa vasa fecunda — o limo —.

Como se vê, ha bem graves e justos motivos para respeitarmos affectuosamente o oceano.

Segundo as analyses, as aguas do oceano são consideradas como uma agua mineral, encerrando em média, para mil grammas do salso elemento:

25 ^{grs} ,10	de chloreto de sodio (sal marinho)
5,78	de sulfato de magnesia
3,50	de chloreto de magnesia
0,23	de acido carbonico
0,20	de carbonato de calcio e magnesia
0,15	de sulfato de calcio,

e traços de potassa, ammoniaco, enxofre, iodo, bromo, cobre, chumbo, prata e oxydo de ferro. Estas analyses despresam entretanto o MUCUS, essa materia gelatinosa, que torna verdadeiramente organica a agua do oceano; a essa viscosidade é devido o inicio da vida animal nes-

te immenso berço, que nutre uma multidão prodigiosa de peixes. Este licor nutritivo e luzido é devido á divisibilidade infinita dos corpos mortos de dagysas e medusas; da mesma fórma a phosphorescencia da agua do mar é produzida pela quantidade prodigiosa de molluscos que animam todos os mares.

Em seu bello livro «La plante et sa vie» o sabio professor allemão Dr. J. Schleiden assim se exprime: «se mergulharmos nossos olhares no liquido crystal do oceano, veremos realisadas as mais maravilhosas aparições dos contos feericos de nossa infancia — sarças fantasticas, onde desabrocham flores vivas; bosques espessos de meandrinhas e d'astréas desdobrando-se em forma de taças contrastam com as madreporas de elegante estrutura com ramificações variadas. Por toda parte brilham as mais vivas côres; o glauco alterna com o pardo e o amarello; purpureas tintas passam d'um vivo encarnado para o azul-ferrete. Semelhantes a gigantescas flores de cactus brilhantes e das mais ardentes côres, as anemonas marinhas ornam as anfructuosidades dos rochedos com suas corôas de tentaculos, ou se estendem pelo interior como um taboleiro de rainunculos variados. Em torno dos bosques de coral brincam os colibrís do oceano, pequenos peixes scintillantes, ora d'um brilho metallico rubro ou azulado, ora d'um verde dourado ou do mais deslumbrante reflexo argenteo.

«Leves como os espiritos do abysmo, fluctuam as campanulas brancas ou azuladas das medusas, atravez deste mundo encantado.

«E toda esta vida maravilhosa nos apparece em meio das mais rapidas alternativas de luz e sombra, produzidas pelo mais fraco sopro da brisa, pela mais leve ondulação, que encrespe a superficie do oceano. Quando as sombras da noite descem nas profundezas, este jardim radioso se illumina de esplendores novos. Medusas e crustaceos microscopicos, semelhantes á pyrilampos, scintillam nas trevas. De cada canto irradia uma luz phosphorescente manifestando-se agora sob o mais deslumbrante verde, depois amarello ou arroxeadado.

«A vegetação, a mais luxuriante dos paizes tropicaes não póde desenvolver uma maior riqueza de formas, e fica certamente, bem longe dos jardins magnificos do oceano. Tudo o que é bello, maravilhoso ou extraordinario nas grandes classes dos peixes e dos echimodermes, medusas, polypos e molluscos de conchas, pullula nas aguas tepidas e limpidas do oceano.

Nenhum livro fará melhor comprehender os religiosos ensinamentos da Natureza do que este quadro vivo que nol'a representa em sua belleza sempre variavel, em sua inexgotavel e maravilhosa fecundidade, em sua universal providencia.

Maury, compenetrado de taes verdades, dizia que: «um marinheiro collocado no meio do oceano, experimenta, contemplando-o, sentimentos analogos aos do astronomico quando observa os astros e interroga a noite e as profundezas dos céos.» O telescopio penetrou os mysteriosos abysmos do firmamento e a sonda alcançou os arcanos do mar, provando que o fundo do oceano está em estado de repouso notavel, muito embora o grande Maury houvesse affirmado que «o profundo sulco, traçado na superficie terrestre e coberto pelas aguas azues do oceano, deveria ficar, para sempre, longe dos olhares curiosos, magnifico e ignorado.»

O estudo aprofundado dos mares, isto é, a revelação de todos os seus mysterios, o conhecimento de todos os segredos de seus abysmos é tão indispensavel ao homem

do mar, como o estudo da sua meteorologia, e isto, em virtude da intima ligação entre os phenomenos do mar e os da atmospheria. De facto, as correntes, em virtude da temperatura das aguas que transportam, aquecem ou resfriam as camadas de ar contra as quaes attrictam ao passar, e determinam certos movimentos aereos indispensaveis ao restabelecimento de seu rigoroso equilibrio thermico. Tambem, dos esforços que fazem para alcançar o almejado equilibrio originam-se as suaves ondulações, as vagas, as ondas, ou os vagalhões tempestuosos.

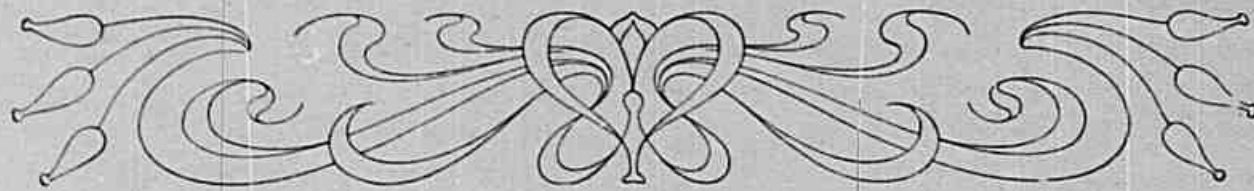
Sim, a tempestade no ar corresponde á procella no mar.

Procuremos pois conhecer as forças que regem os movimentos regulares da atmospheria e do oceano e que são as causas das violentas perturbações de que somos ainda testemunhas, afim de aproveitá-las ou affrontá-las com a necessaria prudencia e toda a coragem.

Só então, o navegador, esclarecido pela sciencia, traçará, «com segurança», seu rumo sobre o vasto oceano, cuja mysteriosa e terrivel immensidade enchia de terror o coração intrepido dos companheiros de Colombo.

G. AREIAS.

(Continúa).



“SAUL”

A José Fonseca de Barros

JÁ no poente começava o sol de descambar, lento e aureo, deixando pós si, sobre o azul limpido d'aquelle céo oriental, larga mancha de amethisto, rubi e opala, quando, aterrorado, Issacar viu Sunam pouco a pouco cercar-se do extenso exercito philisteu que ali, em seus valles, ao sopé do Hermon pousava as tendas.

Entre os rudes guerreiros, entretanto, nenhum só tremia; sabiam todos que o agigantado, invencivel e agora possesso Saul, acampado em Gelboé, já não tinha para animal-o na peleja a voz troante do energumeno Samuel, nem para de si conjurar o máu espirito as melodias suaves do Kinnor de David, e, confiados mais d'isso que dos oráculos de Dalgon e Baaltis, esses homens possantes, barbudos e semi-nús, deixavam-se embalar por aquella hora suggestiva em nostalgicos sonhos.

Reviam em mente as villas onde cresceram, amavam e eram amados, como que sentiam ainda o conchego dos corações que lá ficaram palpitantes de temor e de saudade.

Em Gelboé já não se dava o mesmo, a inquietação era grande. Israel nunca tinha visto tantos philistinos, e, se a vista se lhe pasmava ante tão formidavel exercito, mór ainda lhe era o espanto ouvindo dos esculcas o valor, a calma, a confiança na victoria que os animava. Sob a tenda real, Saul que em vão consultara sacerdotes e prophetas, e em vão, por meio dos sonhos procurara entrever o successo d'essa batalha, agora, envolto no éphod, aterrorisado e supplice, implorava do Senhor um

aviso. Elohim porem conservou-se mudo, e Saul, desesperado, possesso, labios tremulos e bavacentos, lacerando o éphod gritou pelos servos:

—Que me busquem uma serva de Python; Elohim virou-me a face. De Baal serei attendido.—

De Israel, por ordem do proprio Saul e sob pena de morte, magos e sybillas se tinham exilado.

Apenas, em Endor, uma, menos temerosa, se deixara ficar e, Saul trocando as vestes reaes por um traje rustico, acompanhado por dois validos, se partiu caminho de Endor.

Já ia em meio a noite quando chegaram ao termo da jornada. Quasi occulta por palmares e amiris, percebia-se, a entrada de uma caverna, rude abrigo de Python e mysteriosa vivenda de sua interprete. Ás tres pancadas, feridas de manso no lenho estreito que lhe servia de porta, respondeu um sibilo penetrante, cortando lugubremmente o silencio de entorno. Após uma delonga, mal soffrida pelo rei, arredou-se o lenho da entrada dando sahida a nuvens de fumo odoroso evolado de aurea caçoula, pousada sobre uma tripode ao centro da gruta.

Em volta á tripode uma serpente, subtil e mansa colleava sem um ruido, traçando pelo movimento contornos animados de caracteres cabalisticos. Saul de pé, estatelado á entrada, por tres vezes atirou ao silencio a ritual evocação a Python. A chamma da caçoula então avivou-se expellindo faúlas que estrellejam no fundo sombrio da gruta; o sibilo já ouvido, de novo, por tres vezes, se fez ouvir, e a serpente, subito, perdendo a flexuosidade cresceu para o ar, erecta como a haste de uma lança que se tivesse fincado no solo e com os olhos rubros e vítreos, como granate polida, fixou o livido semblante de Saul.

Pytheu respondia á evocação.

Sem que se pudesse dizer de onde e como surgira, uma mulher se entrepoz a tripode e a entrada da gruta.

Alta e esguia, cabellos derramados pelos hombros, mal segurava o manto que lhe escorregava corpo a baixo. De pé e immovel, manto agora por terra, seios nús, desnudadas as nadegas, esperou que lhe fallassem. Era a pythonisa; e quando o rei lhe pediu o espectro de Samuel, teve um convulso tremor julgando-se perdida. Reconhecera Saul e cuidou que lhe tinham armado uma cilada. Mas ja não havia recuar. Antes que fizesse um movimento a serpente a enlaçou, e como se foram braços viris que a estreitassem num abraço de amor, ella voluptuosamente deixou-se arrastar, e, tombando sobre o manto que lhe caíra das mãos, entregou-se, languida e lasciva aos affagos de Python que ondulante, expedindo das escamas offuscantes effluvios de pedrarias mil, se não cançava; ia de seio em seio, enrolava-se nas pernas roliças, acariciava o ventre polido e as nadegas eburneas. Ella, no paroxismo talvez de um gozo exotico ou satanico, fazia ouvir gemidos que mais pareciam uivos. E o reptil continuava; subia, descia, e, lentamente, de bocca hiante onde tremulava a lingua aciculada, subia, subia ainda mais fazendo-a desaparecer entre os labios decorados da pythonisa. Nesse instante ella cerrou as palpebras, não mais gemeu, e, tão visível flacidez percorreu áquelles corpos de mulher e reptil que parecia terem exhalado o ultimo alento. Consumtava-se o supremo mysterio. O espirito de Python se concretisava com a alma da pythonisa. Não era um *avatar*, era mais que isso, era a fusão de duas almas diabolicas em um só corpo, era o hymen satanico das duas maiores forças — a vontade humana e o poder extra-humano. —

Subito, a serpente rolou por terra e a pythonisa num rapido movimento collocou-se de joelhos com os braços abertos. Então como se um grande vento soprasse de cima, a chamma da caçoula se bipartiu, e, as duas partes, acompanhando, a principio, a direcção dos braços abertos, pouco a pouco cresciam, subiam, e, em amplexa curvatura formaram um halo resplandecente e iriado. Envolto por aquella claridade, como que sahindo da propria chamma da caçoula o austero e bravio Samuel surgiu e num indignado declamar se dirigiu a Saul:

— Porque me perturbas arrancando-me ao repouso dos Eleitos? Que poder posso eu ter contra o mando do Senhor? Bem sabes que em Galgalá te fizeste sacrilego e que em vão, esperando te redimir, esquartejei Agag com as minhas proprias mãos. Elohim te não perdoou, e, eu sei de mim quantas lagrimas derramei por ti. Saul! rei dyscolo, a tua hora é chegada, a tua morte está no gume da tua propria espada, e contigo perecerão os teus filhos mais amados. Tres alvoradas apenas, e tua corôa será levada á casa de Judá que em breve reunirá ao seu o reino de Israel. Tuas armas, em trophéu serão recolhidas ao templo de Astaroth e o teu corpo, pendurado ao muro de Bethsem por longas horas oscilará a mercê dos ventos e saciará a fome aos abutres té que, durante a noite, os habitantes de Jabes o venham arrancar d'ali para sepultal-o em seus bosques. —

Um grito de angustia e terror saiu do peito oppresso de Saul.

A pythonisa levantou-se.

Começara o despontar da primeira alvorada. Um diluculo rosado e festivo aclarando o horizonte escoava a claridade indecisa pela estreita entrada da gruta, e, como que diluidos nessa luz, a luz da caçoula e o espectro aos poucos desapareceram.

Após um longo desmaio, Saul, tendo voltado a si, a rogos da pythonisa e dos validos, quebrou com um bocado de novillo e pães azimos o jejum que ha tres dias guardava. Foi o seu ultimo brodio.

Na tarde d'esse mesmo dia, após ter se encharcado Gelboé com o sangue israelita, Saul, abandonado pelo restante do seu exercito que espavorido fugia, cercado dos corpos dos seus filhos dilectos, rodeado pelos setteiros inimigos, já mal ferido, para não cahir vivo em poder dos incircumcisos, deixou-se tombar sobre a sua propria espada, que o atravessou de lado a lado. Seu corpo apanhado pelos philisteus, por essa segunda alvorada, balançava ao vento pendurado ao muro de Bethsem.

No dia immediato David, em Siceleg, recebia das mãos de um amalecita a corôa de Saul.

Tres alvoradas haviam passado. Estava applicada a colera do Senhor.

RAPHAELINA DE BARROS.



Construcções Navaes Indigenas do Brasil

POR varias formas e modos se manifesta a intelligencia e habilidade dos povos, que passaram da vida vegetativa á vida de sociedade constituída debaixo de certas regras.

Estas regras se transformaram em leis, que pouco a pouco foram elles melhorando segundo suas condições e necessidades.

Por motivos supervenientes, as artes e as industrias se foram modificando, e melhorando em marcha proporcional a ellas relativas.

Considera-se a construcção naval e a navegação uma das obras mais perfectas e uteis da humanidade, quer

primeiras populações talvez por cataclysmas universaes, ou transformadas de qualquer modo, crendo-se, ou não nessa versão, o Brasil, dissemos, possuía na época do seu descobrimento povos differentes em costumes e linguagem, os quaes em contacto com seus descobridores, ou novos povoadores, formaram uma nação, que por sua extensão, sua riqueza natural, e seu clima temperado e excepcional, está fadada para ser em futuro mais ou menos proximo, talvez, a mais populosa e rica nação do mundo.

Qualquer descripção, ou nota sobre esse assumpto, deve ser motivo de curiosidade, senão de estudo, que entre nós tem sido pouco cuidado, e não se encontram de certa forma vestigios e *specima*, que se prestem a investigações em nossos museus, quer de marinha, quer publicos.

Relembrar as obras de nossos aborigenes e seus feitos nunca póde ser assumpto de somenos importancia e interesse para os, que amam a sua patria, e desejam co-



PELOTA

como correspondentes á necessidade de communicações e conveniencias do commercio, quer quanto ás vantagens no ataque e defesa das nações em luctas, luctas estas que deveriam não existir, e entretanto existem, e hão de existir apesar do progresso do mundo civilisado, e só justificaveis em ultimo recurso em defesa de direitos e poderes, e de integridade territorial em opposição ao desejo e aos esforços expansionistas das grandes potencias levadas pela necessidade de allivio ao excesso ás vezes das populações respectivas, complicadas na sua economia geral e interna.

O Brasil, que conta poucos annos de existencia comparativamente com as antigas nações, se bem que haja provas de haver sido conhecido, ou povoado muito anteriormente á chegada dos europeus, desaparecidas essas

nhecer-lhe a origem, e isso é que pretendemos ser da forma a mais succinta possivel neste ligeiro artigo.

Descripções feitas por exploradores, ou viajantes estrangeiros, são em maioria, ou quasi em geral phantasticas, e apenas curiosas para os estranhos ao lugar e aos factos, ou aos ignorantes desejosos de impressões, quaesquer que ellas sejam.

Na importante obra de M. Páris sobre construcções navaes extra europeas, publicada ha annos, foram devidamente estudados os typos particulares das ilhas da Oceania, China e India, e apenas seu autor vagamente tratou, quanto ao Brasil, dos do Rio de Janeiro, onde esteve, e da jangada de Pernambuco, e os classificou de não originaes, declarando que as canoas nada tinham de importante e que interessassem aos viajores.

Disse também que as *faluas* eram um exemplar moderno, e do mundo civilizado, e que, sobre terem o nome de origem hespanhola, assemelhavam-se ás *lanchas* maltezas de Blax.

Resultou d'isso que annos depois o almirante Páris, seu pae, escrevesse ao nosso querido e nunca esquecido Imperador, seu consocio da Academia de Sciencias da França, pedindo notas e desenhos detalhados das nossas originaes embarcações, especialmente dos *barcos* da Bahia, que assim classificou *de si belles lignes et d'une mâture si bizzarre* para completar a referida obra, e reeditá-la.

A construcção das jangadas feitas de paus leves, ligados de qualquer forma para consolidação e fluctuação, e de canôas, resultado de grandes madeiros apropriados, cavadas pelo fogo, ou por machados de qualquer origem, ou por elles aperfeiçoadas, não pode constituir uma novidade do povo do Brasil; pois a historia naval cita esse empreendimento em quasi todos os povos como a origem da navegação, e parece ser innata nas populações, que viveram a beira d'agua doce, ou salgada.

Mas quanto á variedade e tamanho se reconhece entre esses dous typos primitivos muita diversidade inherente ás circumstancias do logar e serviços a que foram destinadas, e eventualidades dos ventos e do mar; e se destacam as *canôas do alto* da Bahia, que supportam tres mastros e tres velas com quasi o triplo da devida superficie velica, cujo effeito é destruido por corajosos marujos, que compensam essa differença com o seu peso, tesos á borda em posição inclinada e ás vezes quasi horizontal, seguros a cabos, a que chamam *brandaes*, como verdadeiros acrobatas, e se encolhem rapidamente quando a refrega do vento passa, as quaes podem em mar chão, e com vento ao largo andar mais de 10 milhas por hora.

Ainda quanto ao velame das jangadas, desde as pequenas de pesca junto á costa norte do porto da Bahia com uma vela quadrangular, e outra triangular á pôpa, até o *paquete* de Pernambuco, e mesmo á grande do Ceará, com segurança e certo confortavel relativo á passagem apressada em tempo, em que não havia navegação a vapor, que passam dias e noites no mar na pesca, perdendo a terra de vista, e sem bussola a não ser o conhecimento da direcção dos astros e dos ventos reinantes, ha grande variedade, não só quanto á construcção, mas também quanto ás manobras, nomenclatura, e habitos de seus tripulantes.

Algumas já viajaram transportando passageiros em casos de necessidade, e ainda despachos commerciaes, antes da installação do telegrapho, pelos diversos trechos da costa, e até Maranhão, sem comtudo poderem voltar por causa das correntes e ventos contrarios.

A *pelota* e a *ubá* parece-nos que não tem relação alguma com esses exemplares.

Uma e outra foram construidas com pelles, a primeira de boi, e a segunda com a casca de arvores especiaes.

As *pelotas*, que nos rios do Estado da Bahia têm a denominação de *banguês*, são formadas de couro de boi, e armadas com varas em quadrilateros, ou amarradas nas extremidades em forma elliptica, com esqueleto interior e inferior também de varas, e transportam viveres e uma pessoa atravessando rios sem se molharem, rebocadas por um bom nadadôr, aladas da margem opposta por uma corda de couro, de embira, ou outras, ou encostadas a um cavallo nadando.

A *ubá*, ou *ubang* é feita de casca de certas arvores especiaes, casca que é arrancada quando a arvore em pé, ou depois de derrubada.

Depois, aproveitando-se as verdes, amarravam as extremidades com cipós, de maneira a dar-lhe a forma de uma canôa, e abriam escorando com varas de madeiras fortes e resistentes, e quando resecadas á sombra, ou ao sol, ficavam com a configuração precisa e firme. Estas *ubás* têm grande duração.

Tambem alguns fizeram esse serviço com fogo lento semelhantemente ao que hoje se faz em estufas para amolgar e dar forma precisa a taboas de forro de escaletres, e até de construcções maiores.

Foram usadas em quasi todos os rios do Brasil, onde os indigenas encontravam arvores apropriadas, e ainda o são em rios do Amazonas, e de Matto Grosso.

Alguns as carregavam, e escondiam depois de suas excursões, outros as mergulhavam em lugar de remanso para não serem vistas, e depois as buscavam mergulhando.

A costa do Brasil, tão longa e tão diversa, tem por isso delimitações e distincções claras quanto aos typos de embarcações de seus naturaes.

A jangada funciona desde a costa sul da Bahia até a do Ceará. A canôa, mais, ou menos, differente de formato e de velame em todo o Brasil, quer na costa do mar, quer no interior de seus innumerados rios e portos.

Variadissimos são os typos indigenas, e pode-se dizer que da costa sul até a do Ceará figuram embarcações de pôpa e prôa; mas d'ahi para o norte nota-se as de duas pôpas, isto é, com as duas extremidades cortadas de forma a não se perceber bem, á primeira vista, qual a da frente e qual a do fundo.

Ha também uma circumstancia digna de nota: ellas se assemelham nesta particularidade ás chalanas do rio Paraguay, algumas que são, ou que vêm do Estado de Matto Grosso.

O casco, ou o fundo, é feito de uma só peça de madeira encurvada, a que pregam taboas para augmentá-la em altura e capacidade relativa, ligadas a cavernas, e topejando com os chapuzes, que representam prôa e pôpa.

Barcos mineiros, ou *botes mineiros*, são embarcações, que navegam nos rios Araguaya e Tocantins dos Estados de Goyaz e Pará.

Muito longas e rasas, e cobertas com uma alta tolda de palha forte, que abriga a tripulação e a carga, são remadas a pá por grande numero de homens. Quando se fatigam as amarram á margem do rio, e quando não podem vencer as corredeiras, ou as cachoeiras, carregam a carga para parte superior, e também a embarcação, para continuarem a viagem, como antigamente se fazia com os galeões.

Duram muito tempo essas viagens de ida e volta, e ás vezes seis mezes. Tem ligeira semelhança quanto á cobertura aos *Patilés* do Ganges de Bengala.

—As barcas do Rio São Francisco, particularmente as do baixo, fortes e de carga, um tanto semelhantes aos saveiros do Rio, que são chamados também alvarengas; mas sem cobertura, viajam de Penedo a Piranhas por entre *caldeirões*, que são a avançada encachoeirada. Tem um mastro um pouco avante do centro com duas velas triangulares, e com retrancas, que as abrem quando navegam para cima com o vento, que sempre lhes é favoravel, e parecem-se com borboletas brancas, que vôam.

Na descida são auxiliadas pela forte correnteza e impulsionadas por dous remos para direcção e auxilio aavez das pedras, quasi todas mergulhadas, e trazem um galho de arvore frondosa na pôpa, não como uma bandeira, mas como uma directriz do eixo do rio, e que substitue a acção da pequena vela latina, que a garoupeira e outras embarcações empregam para conservarem a direcção do vento, ou andarem *a bobuia*, como chamam.

—As *barcaças*, augmentação das *canôas de embono*, são constituídas semelhantemente ás embarcações do extremo norte sobre a base de um casco, em geral, e de duas peças de madeira curva, como secção longitudinal, tiradas de uma grande canôa, serrada ao meio, a que chamam *encollamentos*, ligadas á parte, que forma a quilha por meio de cavernas, no que já hoje está um pouco modificado esse processo em vista da necessidade, ou falta desse material, e pelo progresso que introduziram na construcção.

Navegam desde o porto da Bahia até o Rio Grande do Norte.

Usam as pequenas dous mastros, e as grandes tres com velas quadrangulares, como as latinas dos actuaes navios.

São muito rasas, de fundo de prato, e usam taboa de bolina como as canôas, e tambem de grandes madeiros

arriar rapidamente o mastro em sua carreira vertiginosa e depois de matal-a, amarral-a, levantal-o de novo, e conduzil-a ao lado até o lugar, em que tem de ser desmanchada, e reduzida a oleo, e aproveitados os seus restos.

Essa pesca já foi feita antigamente até na costa de Santa Catharina com embarcações diferentes, que ainda conservam o nome; mas que apenas se applicam em muito pequena cabotagem.

—Não se deve deixar de apresentar outro typo curioso, o dos *barcos*, que supportam grande mastreação e especialmente para navegarem no rio Viamão no Estado do Rio Grande do Sul, e de viagem de Porto Alegre para cima, e talvez para baixo; mas sem comtudo poderem affrontar a Lagôa dos Patos.

Não parece ser absolutamente indigena senão no facto



UBÁ

leves presos ás bordas para augmentarem a sua estabilidade.

As grandes, porem, actualmente já se parecem com os hiates quanto á mastreação e velame.

—A baleeira, embarcação esguia, de bocca aberta, que se occupa na pesca da baleia na costa da Bahia desde Caravellas até alem de Itapuan no inverno, peor época de tempo e de mar, que força esses cetaceos a procurarem a costa para se abrigarem e parirem, ás vezes até dentro da bahia de Todos os Santos, tem uma particularidade—a collocação do mastro á ré, do meio da embarcação e muito inclinado para ré, e é a unica que tem a *carlinga* movel, permittindo assim com a pericia e coragem de seus tripulantes acompanhar a marcha da baleia em todas as direcções, perseguil-a arpôal-a, feril-a,

de não terem ovens, brandaes, e outros cabos de sustentaculo de sua mastreação e velame, cujo unico mastro com mastaréo parece, em parte, ser o de um navio *redondo*, com o fim particular de receberem no alto o vento, que sopra por cima das barrancas, e as impulsiona, sem o que a vara trabalhada por seus tripolantes tem de ser o motor, em vista de sua capacidade.

Mesmo assim constitue um typo especial, cuja origem deve ser estudada.

De todos esses typos, porem, sobresaem por sua curiosidade os das lanchas e barcos da Bahia, que navegam no interior do porto, e em parte de sua costa.

Elles têm mastreação superior e superficie velica a que devem supportar o seu porte e capacidade, e são quasi rasos em seu fundo.

Tem dois, ou tres mastros, sendo que o de prôa sustenta uma vela de forma quadrangular, e os outros trapezoidaes. Esse de prôa é vertical, e está junto ao segundo, que é inclinado.

Os ventos do porto da Bahia soprando pelas encostas, ou queimadas das collinas, muitas vezes mudam rapidamente sua direcção até de 45 grãos, e vêm mais fortes, de sorte que é necessaria enorme vigilancia do homem do leme para as embarcações não virarem.

Ellas, porem, são mastreadas com uma madeira especial, a *bariba*, dessas das que vergam, mas não quebram, forte e flexivel.

Quando o vento as surprehende mais forte e em outra direcção, a mastreação verga muito, e a superficie velica diminue, e assim consequentemente a sua acção, e elles seguem, mais ou menos, o seu caminho.

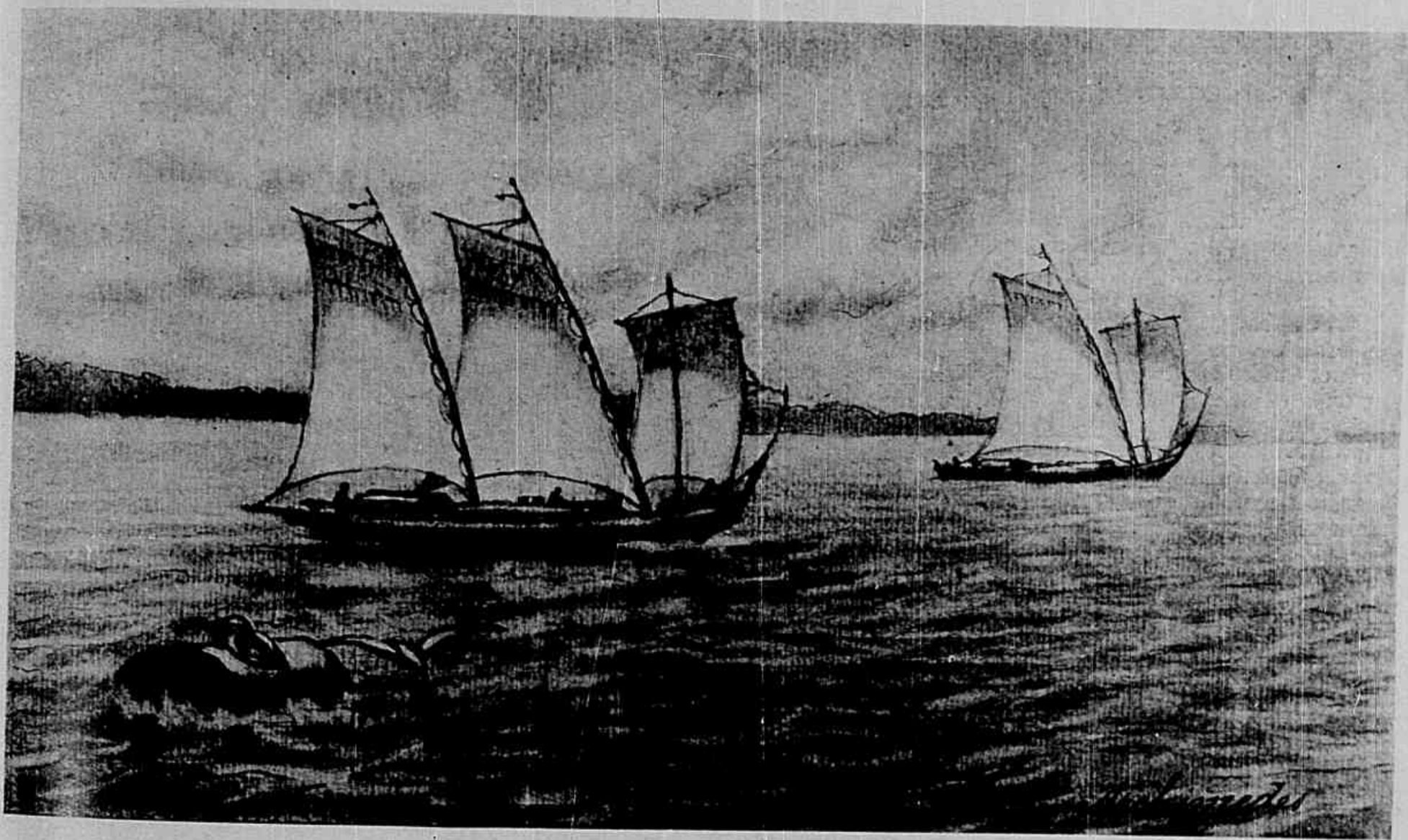
todo fechado, e que funciona em geral entre o Rio de Janeiro e Bahia na pesca de garoupas, e que se demora no mar ás vezes cerca de um mez, principalmente nos parceis dos Abrolhos para completar o seu carregamento de peixe salgado.

Ha alguma variedade em sua forma, e mastreação e velame conforme construídas no Rio, Victoria, ou Bahia.

Usam em geral de um mastro grande quasi á prôa com uma vela quadrangular, que quando é latina toma a denominação de *Perné*, um gurupés, e um mastro menor á pôpa com velas triangulares, sendo que estas são chamadas de *burriquete*.

A conformação da prôa é muito grossa, e a da pôpa fina, assemelhando-se a certos peixes.

Quando pescam trazem só o *burriquete* para conservar a posição proxima á direcção do vento, e, quando



BARCO DA BAHIA

Pode-se, pois, chamar de automatico esse systema de mastreação.

As quantas lendas, folklore, e a quantos factos notaveis de nossa historia estão ligadas essas embarcações indigenas em geral, e até em fastos de nossa independencia, em que figuram, além de outros em grandes luctas, que foram commovidas pelo celebre João das Bottas (Francisco de Oliveira) no *Pedro I*, e tambem pelo fallecido e respeitavel Ammirante Barão de Angra, em luctas com o General Mascena, e outras, em que foram denominadas canhoneiras, e armadas com um pequeno canhão á prôa?

Quanto ao aperfeiçoamento em arte e grandeza deve figurar nesta ligeira descripção mais do que o barco descripto ligeiramente a garoupeira, que é quasi um navio

falha o peixe, navegam com todo o panno adiante para se collocarem em lugar mais piscoso.

Não será isso até certo ponto um simile do processo das de pescaria do bacalhau nos bancos da Terra Nova?

Os limites d'este artigo não permitem sequer esboçar os traços caracteristicos, a nomenclatura, e os factos de nossa patria, que a elles estão ligados; mas com o pouco, que deixamos escripto, nosso fim foi recordar os feitos e provas de intelligencia e de habilidade dos possuidores e dos primeiros povoadores d'este colosso para um estudo de nossa historia nesse particular, um tanto esquecida e transformada, adulterada em geral por estranhos, que visitaram, estudaram e estudam os nossos habitos e costumes.

ANTONIO ALVES CAMARA.

TRAÇOS GERAES E CARACTERISTICOS

DO

GENERAL OSORIO

ERA o General Osorio de estatura um pouco acima da mediana, incorporado, de organização vigorosa.

Tinha os hombros largos, garboso o porte, tímido o peito. Dir-se-hia conserval-o em perenne desafio aos embates dos inimigos da Patria.

Caminhava de frente erguida, pisava com firmeza. Seus movimentos eram rapidos. O olhar prescrutador. O ouvido atilado.

Apezar de tão avançada idade, seus cabellos não estavam ainda completamente brancos. Finissimos e corredios fizeram notar, no tempo da sua mocidade, pela côr perfeitamente negra e brilhante que tinham.

Seu rosto era sem rugas. A cútis, alva e delicada. As faces, rosadas. Os olhos, castanhos escuros, vivos, expressivos de placidez e bondade. A fronte, alta e vasta. A physionomia aberta, desannuviada, serena, reveladora de respeitosa affabilidade. Inspirava confiança. Usava a barba, que era espessa, escañoada nas faces, desbastada aos lados e, nos ultimos, tempos, mais prolongada ao queixo, mal encobrendo sobre este ponto, duas cicatrizes que lhe ficaram, resultantes do ferimento causado por uma bala que, atravessando o rosto, partiu-lhe e enfraqueceu a maxilla inferior. Em consequencia de tal ferimento notava-se-lhe no labio ligeira depressão que, visivelmente, o retrato reproduz. (*)

Pela debilitação da maxilla, ficou impossibilitado de mastigar, não podendo mais servir-se senão de iguarias brandas. Comtudo, alimentava-se fartamente. Salgava e apimentava descomunalmente a comida.

Admirado da grande quantidade de pimentas, de que viu-o utilizar-se, ponderou-lhe, em um jantar, um seu compatriota bahiano:

— General, V. Ex. parece filho da minha terra!

— Não sou da Bahia, responde elle — sim do Rio Grande do Sul. Da Bahia, sou amigo. Amo-a pelos seus bravos soldados de infantaria; pelas suas glórias civis e militares; enfim, pela gratidão que lhe devo, e... pelas suas pimentas.

E isto dizendo, derramou algumas mais no prato.

O vinho, lhe não fazia falta. Rara vez tomava á sobremesa um calix de Porto. O *mate-chimarrão* era a sua bebida predilecta.

Só fumava charutos, mas com excesso. Aquiriu o habito de fumar depois de Major.

Conhecia todos os jogos. Nenhum d'elles o fascinava. Em boa roda de amigos entretinha-se, alguma vez, rarissima, e por ligeiro passatempo, com o *voltarete*.

Aprazível era vel-o na intimidade do lar, para si convertido, pela esposa cuidadosa e meiga, em ninho de ca-

ricias e dedicações. Ahi todos o adoravam; e elle, que sabia-se fazer amado e obedecido, que tinha para a esposa a affabilidade constante, para os filhos o continuado carinho, para os famulos o bom tratamento, ao volver de suas campanhas militares encontrava nesse abençoado ninho o socego e a felicidade.

Summamente affeiçoado ás creanças e ás flores, nas primeiras acatava a esperanza da familia e da patria. Queria vel-as bem dirigidas. Nas segundas, procurava distrações. Quando lhe permittia descanso a sua vida andeja de soldado, tratava logo de formar o seu pequeno jardim, que pessoalmente cuidava.

Não podia ser desoccupado nem tolerava o vadio. Era de uma actividade rara e de uma incansabilidade assombrosa.

Tinha por habito levantar-se cedo. Seu somno era levisimo. Erguendo-se do leito procurava o banho frio e depois barbeava-se a si proprio.

Ordinariamente vestia á paisana e rigorosamente de preto. Na estação calmosa o seu trajo caseiro era um *completo* de brim pardo.

Primava pela modestia.

Inimigo do luxo e da ostentação, do aparato, da etiqueta e de todas as formalidades encommoas, penalizava-se de ver alguém perdendo o tempo com essas banalidades, e reflectindo sobre o individuo vaidoso, impostor, jactanciosamente preocupado com a pompa do vestuario e mil outras exterioridades superfluas, costumava applicar-lhe murmurando esta phrase assás significativa e esmagadora: *tolice, deixa a gente*.

Não trazia em si custosos adornos. Ao seu proprio relógio de algibeira prendia por um trancelim preto, de seda. Nem preciosos ornamentos enfeitavam sua morada. Dentro d'ella tudo era simplicidade. Ali penetrava o pobre com a sua humildade e sentia-se bem, sem constrangimento algum. Se penetrava o rico soberbo, não achava assumpto para divertir a soberbia, porque não divisava objectos sump-tuosos para comparar com os que possuise.

Uma cama estreita, ao fundo do quarto, tendo á cabeceira o bidete sobrecarregado de jornaes, sempre modernos; a um lado, simples lavatorio e dous cabides de parêde, sendo um para roupa e outro para dependurar suas armas de caça e de guerra, excepto a lança que era encostada a um canto; mais adeante um cavallete de madeira sustentando os arreios de sua montaria, e depois, uma estante singela guardando o seu archivo; do outro lado, duas canastras de campanha, algumas cadeiras e uma meza qualquer sobre a qual estavam livros de arte militar, de politica e de historia, e os necessarios utensilios para escripta; tal era o seu aposento reservado que, ao mesmo tempo que lhe servia de dormitorio depois que enviuvou, era o seu gabinete; tal o modo porque invariavelmente o tinha arranjado no lar da familia, não consentindo que se lhe fizesse a minima alteração, ou n'elle se deslocasse o mais insignificante objecto. Especialmente muito zelava e recommendava o seu archivo.

O visitante que pela primeira vez o procurasse para conhecê-lo, se fosse pensando encontrar no Marquez um



(*) A photographia que reproduzimos, foi a ultima tirada pelo General Osorio, mezes antes de fallecer, no estabelecimento do conceituado artista Snr. Jusley Pacheco.

fidalgos ativos de sua nobreza, gostoso de fallar no seu título ou sempre disposto a lembrar suas proprias façanhas militares, soffreria enorme desengano: porque Osorio nunca fallava de si, nunca tratava de engrandecer seus feitos. Contava episodios de guerra, descrevia batalhas que d'era, por maneira tão modesta, que o ouvinte desprevenido julgaria que elle não estivera presente a ellas, nem que lhe pertencera um só dos louros da victoria.

Accessivel a todos que o buscavam a nenhum tratava com desconsideração.

Possuindo caracter jovial, communicativo, expansivo, facilmente fazia relações pessoas; e, affavel sem affectação, sem difficuldade conquistava admiradores e amigos. Não era d'esses espiritos doentios, misanthropos ou egoistas que fogem á sociedade, que tiram d'ella todos os proventos e a aborrecem. Não; elle a queria com todos os seus defeitos e virtudes, tristezas e alegrias.

Seu coração era um fóco de amor a projectar irradiações constantes no seio da familia, na intimidade dos amigos ou ao serviço da Patria.

A natureza dotou-o de alegre humor. Varias são as anedoctas chistosas que d'elle se contam, muitas das quaes constam dos capitulos seguintes. Entretanto, póde-se desde já referir estas:

Estava á mesa do almoço quando, ouvindo bater á porta da rua, mandou ver quem era.

O criado annunciou-lhe uma visita de cerimonia.

— «Qual cerimonia! manda entrar para aqui.»

O criado foi, e voltou logo, com um desconhecido que se apresentava de casaca, gravata branca e luvas. Ao vel-o assomar, disse-lhe Osorio, antes que elle pronunciasse palavra:

— «Chegou á boa hora, amigo!... Aqui tem uma cadeira... sente-se... perto de mim... tire as luvas...»

— «Perdão, Marquez, não almóço.»

— «Que diz! oh! faça economia noutra cousa!...»

— «Perdão, ia dizer que almoçava mais tarde...»

— «Então! deixa de comer para comer! Não caia nessa. Coma...»

E passou-lhe o prato. Sorriu-se o desconhecido; sentou-se; acceitou o primeiro, e depois os seguintes pratos, ovindo sempre as amabilidades de Osorio que não lhe dera tempo de declarar quem era e ao que vinha, senão depois do almoço.

Era o Barão de N... que simplesmente fôra cumprimentado, de passagem pela cidade de Pelotas; que depois... despediu-se para volver á tarde para jantar; mas já sem trajo cerimonioso; e que no dia seguinte, antes de deixar a cidade, tornou a ir almoçar com o General, de quem se apartara afinal, encantado de tanta franqueza.

Outros alguns herdeiros ambiciosos, oppunham-se ao casamento de uma parenta viuva e rica, com um joven, por quem se apaixonara. Não tendo elles conseguido dissuadir o casamento, lembraram-se de solicitar a intervenção do General que, pelas suas relações de amizade, e seus conselhos, poderia talvez impedir-o.

Mandaram então um emissario á sua presença.

O General ouviu-o attentiosamente, a afinal perguntou-lhe:

— «Onde estará a esta hora a viuva?»

O emissario respondeu: «Agora mesmo seguiu para a Igreja com o noivo!»

— «E' boa! exclamou o General; que querem então que eu faça? Não vêm que é tarde? Sabe o que mais, accrescentou elle, vá dizer a quem o mandou cá, que o tiro partiu e não se póde agarrar a bala.»

Por outra occasião, em um baile que lhe fôra offerecido, conservava-se sentado, tendo a sua perna enferma estendida sobre um movel proximo, quando, ao signal de uma quadrilha, uma espirituosa dama de sua familiaridade dirige-se a elle e pergunta-lhe com certa ironia:

— «General! V. Ex. não dança lanceiros?»

— «Como não, minha senhora! se fui Commandante de um Regimento d'elles!» — contestou Osorio levantando-se e offerecendo-lhe o braço. A dama, que não esperava essa resposta, teve de abandonar o cavalheiro, seu par e enamorado, para corresponder a tal gentileza.

O General tinha comprehendido o desapontamento da dama e baixinho, a sorrir, ponderou-lhe:

— «E' assim, na guerra, minha senhora, quando mal pensamos nos sáe o tiro pela culatra.»

Uma vez, um dos soldados do seu Regimento suspeitando que o Capitão requestava a companheira, foi procural-o á barraca para queixar-se e pedir alguma providencia.

Com effeito, fez a sua exposição. O Coronel Osorio que a tinha ouvido em silencio, ergue-se, e, tirando a faca da cava do collete, apresentou-a ao soldado dizendo: «*tome, cape o capitão.*»

O queixoso recuou um passo sobresaltado por essa inesperada providencia, e, mostrando-se verdadeiramente confuso, foi tirado afinal do seu embaraço pelo Coronel que approximando-se, bateu-lhe suavemente ao hombro e disse:— «Vá, camarada, vá; é da virtude da tua companheira que debes esperar a providencia que desejas.»

— «O artista dramatico Nunes, a quem Osorio apreciava, tendo annuciado beneficio com um drama militar em que representava o papel de General, foi perguntar-lhe se lhe poderia emprestar alguma farda estragada que já não usasse.

— «Não empresto não senhor, dou-lh'a» — respondeu Osorio, e dirigindo-se ao cabide, retirou uma nova que alli estava; embrulhou-a, e entregou-a ao artista dizendo:— «Leve-a você mesmo; quem é pobre não tem luxo.»

Nunes agradecendo, despediu-se, mas, ao chegar á porta, ouviu estas palavras de Osorio:

— «Cuidado, General, não me vá deshonrar a farda!»

No Rio de Janeiro, convidado para jantar em casa de um amigo encontrou entre os convivas o Barão de Cotegipe, estadista brasileiro, cuja sagacidade, finura e pertinacia na consecução de seus fins eram bem conhecidas. O Barão entretinha a ródá com os seus costumados gracejos, que eram retribuidos pelos circumstantes. Adversario politico de Osorio, fez-lhe um brinde encomiastico e geitoso que foi muito applaudido.

Osorio, depois que os applausos cessaram, disse:

— «Senhores! por minha vez, brindo ao Sr. Barão de Camaquam.»

Entenderam os ouvintes que se dera um equivoco no título e o corrigiram, porém Osorio, como si não tivesse ouvido a correcção, repetio:

— «Sr. Barão de Camaquam, viva! — e tocou o copo do Sr. de Cotegipe.»

— «Camaquam! Marquez, não comprehendo!»

— «Eu me explico: Camaquam é um rio da minha provincia que dá muitas voltas.»

Um dos mais salientes membros do Gabinete 5 de Janeiro de 1878, de que Osorio fez parte, sempre que se tinha de resolver em despacho imperial assumptos de occasião ou emittir opinião decisiva sobre negocios do Estado, procurava meios de retirar-se do recinto, voltando sómente depois de vencidas as difficuldades do momento.

Reproduzindo-se este facto muitas vezes, Sua Magestade o Imperador sorria-se com ar de malicia assim que o Ministro se levantava, e numa d'essas occasiões, trocando o Imperador olhares com Osorio, este, sem mais preambulo, disse com a maior seriedade:

— «Na guerra do Paraguay eu tive uma bêsta tão experta, que disparava sempre que ouvia tocar a ensilhar.» —

Nas suas palavras, Osorio não se entretinha com frivolidades. Conversando tinha a voz extremamente branda e a palavra delicada; stentorea e energica ordenando manobras militares.

Fallava lentamente como si á reflexão estivesse sujeitando cada uma das suas expressões.

Possuia uma grande qualidade — a de conhecer os homens. Raramente enganou-se no juizo que d'elles formou.

Às vezes prophetisava sobre os homens e cousas. Admirado d'esta sua evidencia, perguntou-lhe um dia um amigo:

— «General, como é que V. Ex. advinha?»

— «Não advinho, — respondeu elle, — tiro apenas consequencias. O mundo é um theatro antigo onde se representam poucas novidades e muitas peças já conhecidas.»

Por habito, dizia sempre a verdade nua e crua, embora desagradasse; e, assim procedendo, tinha o genio facil de irritar, sendo contrariado. Irritando-se era de amedrontar; mas, depressa serenava.

Ao receber em Corrientes, como commandante do 3º corpo do Exercito Brasileiro que marchava contra o Paraguay a visita de um importante personagem, nesse mesmo acto, dous soldados, sendo um seu bagageiro, o outro seu cosinheiro, agarram-se em lucta corporea, até que, por alguns foram apartados. Extraordinariamente contrariado Osorio deixou de corrigir immediatamente os delinquentes fazendo que não os vira, por ter de attender á visita; mas logo que esta retirou-se, mandou chamar os luctadores, reprehendeu-os energicamente e ordenou que lhes fosse applicado severo castigo.

Sahindo os soldados da sua presença, tremulos, volveu-se d'ahi a instantes para um dos officiaes do seu Estado Maior, e disse:

— «Afimal de contas, são aquelles infelizes uns pobres diabos. Olhe; faça-os voltar, e ao chegarem, peça-me deante d'elles para que eu os perdôe por esta vez. Heide reluctar, mas você insistirá e eu acabarei por ceder. Com o susto que houverem experimentado, e em quanto se lembrarem da *escapada* difficil que tiveram, não cahirão noutra.»

Dito e feito. Desde então não houve no Exercito dous homens que mais harmonicos e amigos fossem.

— O Visconde de X... visitando-o, dirigiu a conversação para a politica, e como se recordasse de que era Osorio titular tambem, pensou que lhe seria agradavel censurando as tendencias democraticas do povo brasileiro. Neste sentido fez largas e fastidiosas considerações, acabando por dizer: — «Nós fidalgos não podemos admitir tendencias taes, attentatorias aos nossos fóros, e que procuram nivelar-nos com a plébe.»

Emquanto o Visconde declamava, Osorio sorria.

Por fim continuou aquelle:

— «Taes tendencias têm ainda em vista a destruição das instituições monarchicas. Ora, eu que pertenci ás antigas milicias, que afoutamente tenho defendido o throno com enormes sacrificios, para a gloria do Brasil, não as posso tolerar; e o que lamento, Sr. Marquez, é ver V. Ex. ligado ao partido liberal, onde encontra amparo a demagogia!»

— «Ora Visconde — atalhou Osorio, não podendo conter a impaciencia, — que de asneiras está você ahi a dizer! Não seja pedante! Cuida que por ter um titulo é diferente dos outros homens? Quem era você antes de possuir um viscondado? Um plebeu, como eu; nada mais. Onde e quando nas milicias defendeu você o throno? Eu sirvo ao paiz ha mais de 50 annos com a espada na mão, e nunca vi-o a meu lado! onde fez sacrificios? Responda. O partido a que pertence...» —

Aqui o Visconde interrompeu-o e disse: — «Por favor, Marquez, attenda-me; retiro minhas palavras. Não vale a pena incomodar-se.» —

— «Tem razão. Não vale a pena.» — E assim dizendo mudou de assumpto.

Tanto quanto indignava-se vendo praticar um acto de prepotencia ou de injustiça, enthusiasmava-se diante da noticia ou da realisção de qualquer feito demonstrativo de grandeza d'alma.

Sempre disposto a servir os amigos, entretanto, não os attendia quando se apresentavam com exigencias desarrazoadas. Repellia-as positivamente.

D'ahi, muitos que se não conformavam com a repulsa o taxaram de brusco e intractavel.

Um d'elles, sabendo que o Governo do Brasil providenciava a remonta dos corpos de cavallaria do Sul, que pagava por alto preço os cavallos que estivessem nas condições estipuladas, e que nomeara commissões militares, estacionadas em certos pontos da fronteira do Rio Grande do Sul, para os examinar e receber, reuniu sem cuidado uma grande porção d'elles, na sua maior parte imprestaveis, e foi pedir ao General Osorio cartas de recommendação para uma das commissões, persuadido de que por esse meio faria o seu bom negocio.

O General respondeu:

— «Homem! Você é entendido da materia e não desconhece as exigencias do governo. Si os seus cavallos são bons, para que quer recommendações?»

— «Para evitar alguma injustiça.»

— «Está bem; pois então, escreva você mesmo o que vou dictar.»

E dictou o seguinte:

«Illms. Srs.

— «O portador vae conduzindo uma cavallada que pretende vender ao Estado, mediante o prévio exame da commissão de que são VV. SS. dignissimos membros. A primeira condição para a boa cavallaria, é a velocidade e esta depende da excellencia dos cavallos; portanto escusado seria lembrar duas cousas: a primeira, que os animaes imprestaveis que levar o portador, devem ser refugados; a segunda que VV. SS. devem ser rigorosos no cumprimento das ordens do governo. Esta carta só tem por fim pedir que VV. SS. despachem com brevidade o portador.» —

— «Não, General, disse o amigo largando a penna, esta carta não é a que eu queria...»

— «Pois dê-m'a — bradou-lhe Osorio — e tomando-a de cima da mesa, rompeu-a e arremessou ao chão os pedacos, dizendo: — «O que queria então de mim? Uma indignidade! Que eu me empenhasse, sem duvida, para que se lhe enchessem os bolços de dinheiro, derraudando-se os cofres publicos. Oh! que patriota! Que idéa faz você da honra alheia? Se não a tem, respeite a dos outros.»

O amigo curvou a fronte; supplicou depois desculpas para a leviandade que acabava de commetter, e retirou-se.

Quando elle sahiu, o General voltou-se para mim e disse:

— «Mas, meu filho, o que é um amigo pezado?»

Eis um rasgo dos seus sentimentos humanitarios:

Era uma manhã de inverno. O vento *minuano* soprando rijamente convidava o habitante do Sul ao recolhimento e ao abrigo. Osorio, vestindo um sobretudo que momentos antes havia comprado, passeava de um ao outro lado da sala de sua casa de moradia, em Jaguarão, quando repentinamente ouviu bater á porta, e foi abrir-a. Era um mendigo que pedia esmola.

Apenas velhos trapos o cobriam. Tremulo, enregelado, com a yoz supplice e enternecedora, inspirava piedade.

— «Ó homem! pois você tem coragem de andar na rua com um dia d'estes? perguntou-lhe Osorio, afastando o corpo á lufada do *minuano* que penetrava pela porta.

— «Meu senhor... a fome... a nudez...» — respondeu o mendigo enxugando uma lagrima com o dorso da mão direita, enquanto com a mão esquerda sustentava uma saccóla remendada e suja.

— «Entre, que faz frio, quero fechar á porta» (o mendigo entrou). — Já comeu? Tem fome? — e sem esperar resposta Osorio mandou trazer-lhe alguma comida, que elle devorou, depois do que, dirigiu-se á porta para sahir, manifestando o seu agradecimento.

— «Espere, homem; onde vae você nú? Tome.» E dizendo isto Osorio despio o sobretudo, vestiu-o no mendigo que beijou-lhe a mão e partiu.

Pouco tempo era passado quando bateram de novo.

Um criado veio participar a Osorio que quem batia era o mesmo pobre que voltava para entregar uma carteira com dinheiro que achara no bolso do sobretudo, dizendo que não lhe fôra dada.

— «Vá-se com Deus, homem, não me aborreça» gritou Osorio lá de dentro. E mandou fechar a porta.

O mendigo conduziu tambem a carteira.

Durante a organização do 1º corpo do exercito que combateu no Paraguay, chegou á sua presença um *voluntario da Patria* com muitas cartas de recommendação de pessoas do Rio de Janeiro. Nesse dia Osorio estava atarefadissimo. Recebeu as cartas, leu-as, depois, vendo que o portador recommendado era bastante joven, perfeitamente imberbe e de corpo franzino, disse-lhe: — «Muito bem, meu menino. Já as cartas aqui estão. E a mamadeira? Trouxe-a? Os meus amigos da Côte pensam que estou aqui para desmamar creanças.» —

O joven corou, porém, sem vacillar, respondeu: «Não trouxe mamadeira, mas trouxe esta espada, Sr. General, para ter a honra de combater ás ordens de V. Ex.»

— «Bravo!» — exclamou Osorio — aperte-me a mão.»

Pouco tempo depois o promovia por actos de bravura.

Em campanha (como na paz) era accessivel a qualquer hora, do dia ou da noite. Á todos attendia, desde o soldado até ao general. Estivesse comendo ou occupado com algum serviço, ou dormindo, se era procurado, queria que o chamassem. Quantas vezes, da cama em que recentemente se havia recostado para descançar, ouvindo a ordenança despedir alguém que lhe vinha fallar, não a surpreendeu com este grito: — «Mande entrar. Quem é?»

— «Quas outras da sua mesa de refeição não disse ao recém-negado: — Antes de tudo, sente-se e vá comendo e vá fallando, que não temos tempo a perder!» —

No combate, como fôra d'elle, tinha o General Osorio a resolução prompta. As difficuldades do momento, os incidentes inesperados não o perturbavam, e ás vezes, quando diante do inimigo mais arduo era o momento,

mais rapida e brilhante tinha a inspiração. O General brasileiro Carlos Rezin, disse de Osorio o mesmo que Napoleão, de Massena: — «O ruido do canhão esclarecia-lhe as idéas.» —

Sabia ser energico, mas extremamente energico, quando era necessario que o fosse. Na organização do referido primeiro corpo houve occasiões em que foi atormentado por petições de muitos dos seus commandados, que allegando doença para não supportar os rigores da organização, obtinham da commiserção de alguns medicos, attestados, com os quaes instruiam seus pedidos de dispensa do serviço. Em geral, taes attestados prescreviam para o restabelecimento dos *enfermos* — ares do Brasil. Ao principio Osorio deferiu essas petições; mas um dia achou que era demais, e preveniu-se contra ellas.

Uma noite voltava cansado á barraca e sem despir-se atirava-se ao leito para repousar (em campanha dormia vestido) quando ouviu a voz do Ajudante-General:

— «Dá licença?»

— «Entre — respondeu — Que ha de novo?»

— «Trago aqui uns requerimentos para V. Ex. despachar.»

— «Que são?»

— «Individuos que pedem excusa do serviço...»

— «*Ares do Brasil*; já sei; dê-m'os — disse Osorio sentando-se. Agarrou o maço de papeis, por grosso que era dividiu-o em dous, e o rompeu inteiro, exclamando: — «Estão despachados.» E deitou-se.

No dia seguinte, mandou chamar o medico Manoel José de Oliveira, e perguntou-lhe — «se queria salvar o Exercito.»

— «Não entendo, Sr. General.»

— «Pois vae entender já. Temos entre nós uns tantos sujeitos que se declaram doentes para não servirem. Quero que você escolha dois collegas de sua confiança para procederem a exame rigoroso em todos aquelles que allegarem doença; e quero que informe a verdade.»

— «Prompto, General.»

Preparou-se a commissão medica e começou a funcionar. Aos doentes *verdadeiros*, Osorio despachou favoravelmente; aos *fingidos* mandou-os para a guarda chamada — da frente.

Em marcha teve necessidade de uma pequena ponte sobre um arroio para passar as tropas, e mandou construil-a com a recommendação de urgencia. Depois, julgando estar ella prompta, voltou ao lugar, nada encontrando feito senão apenas algumas taboas e pranchões cerrados, e extraordinario apparatus para uma grande obra. Irritou-se, e dirigindo-se ao encarregado, disse:

— «Bem se vê que a experiencia é uma sciencia que não se aprende nos livros! Pensa o senhor que vim ao territorio inimigo para construir monumentos! Capitão Machado? — (gritou para um velho official rio-grandense, encarregado das carretas de transporte; homem pratico) — quero passar a gente, bagagem, tudo, sem demora. Olá, senhor scientifico, ponha-se ás ordens d'este homem, faça o que elle mandar.»

O Capitão Machado amarrou as taboas á barris e fez balsas; para guial-as estendeu *laços* compridos ou emendados atravéz do arroio, presos a estacas collocadas em ambas as margens, tendo mandado homens nadadores prendel-os aos lados oppostos: Nessas balsas conduzidas á força de pulsos humanos agarrando e puchando os laços, operou-se o transporte, em muitas viagens faceis, sendo que os cavallos e outros animaes passaram a nado, e tambem a nado as carretas depois de descarregadas, levando barris amarrados em torno, para que não afundassem.

— Uma vez atravessando um rio, á frente de tropas, em face do inimigo, achou-se sem as munições que mandara por um official postar á margem do desembarque em que pisou combatendo. Nada havia que justificasse a falta do official que por um acto de cobardia desembarcou depois de rechassado o inimigo. Apresentando-se em seguida ao General Osorio, disse-lhe este, que o havia mandado chamar:— Não o faço fuzilar já, porque sei que tem familia numerosa que não é culpada do seu procedimento.»

Sobre Osorio escreveu o Visconde de Ouro Preto:

Discutia-se na Camara, a que pertenciamos, questão referente ao Ministerio da Marinha. Vi-me obrigado a intervir de momento no debate e fil-o como Deus me ajudou, soccorrendo-me dos ligeiros conhecimentos adquiridos quando me foi confiada aquella repartição. Ao terminar, o General Osorio, provavelmente por ser a primeira vez que eu occupava a tribuna no Senado, disse-me, batendo-me no hombro:

— «Camarada, quero-o para meu *serra-fila*.»

— «Com muito gosto, mas não comprehendo bem.»

— «Defenda-me a rectaguarda nas discussões da minha pasta.»

— «Prompto, retorqui, — e confesso que com muito orgulho, mas com a condição de que me ensinará as licções.»

Poucos dias depois trabalhava eu em meu gabinete, quando senti alguém que para elle se encaminhava. Sem esperar que m'o communicassem, convidei em voz alta:

— «Queira entrar, Sr. Marquez; conheci-o pelo passo firme e marcial; — queira entrar e dizer-me o que deseja d'esta sua casa e do seu humilde criado.

— «Conselhos, — respondeu.»

E sentando-se, expoz-me em franca e longa conversação alguns assumptos que pretendia resolver.

— D'ahi em diante fez-me sempre a fineza de me inteirar das minuciosidades de todas as questões mais importantes do Ministerio da Guerra, algumas vezes antes mesmo de levantá-las em conferencia de Ministros. Nunca tive ensejo de secundá-lo, encantado da sua calma e superioridade, e applaudindo sempre o perfeito conhecimento, o elevado criterio com que sustentava as suas opiniões, ou explicava seus actos, não raro fazendo emudecer o adversário com uma contestação immediata e feliz, com uma só phrase ou palavra espirituosa, caustica ou afiada a golpear, qual gume de sabre.

Eis como originou-se a nossa intimidade, não interrompida até o dia de sua morte, poucas horas antes da qual, com a mais serena tranquillidade, respondeu a alguém que o inquiriu como ia:

— «Aguas abaixo... para a eternidade!»

Era o General Osorio um dos homens de engenho mais agudo e réplica mais prompta que tenho conhecido.

Em agradabilissima palestra que entretinhamos sobre os acontecimentos da guerra do Paraguay, referiu-me o seguinte:— houve occasião em que ao Exercito argentino faltou o gado; o General Mitre que particularmente correspondia-se com o Marquez em tom familiar e gracejador, escreveu-lhe um bilhete nestes termos:

— «Meu caro General e amigo, empreste-me *tantos* bois, senão vou tomal-os á viva força, tanta é a necessidade.»

Respondeu Osorio:

— «Querido General e amigo, para poupar-me ao pezar de destroçal-o, mandar-lhe-hei os bois que precisa.»

Nas solemnidades, algumas vezes fastidiosas, a que eramos obrigados a assistir por dever do cargo, o General distrahia-se e amenisava o tédio aos collegas, improvisando quadrinhas, cuja metrificacão não garanto fosse correcta, mas chistosissimas. O Imperador conhecia-lhe a *verve* e, ás vezes, como que propositalmente, o provocava para apreciar-o.

Referirei dous incidentes que, entre outros, romperam a monotona gravidade dos despachos em S. Christovão.

Tratava-se da escolha entre dois officiaes do Exercito para uma commissão. Sua Magestade, que perfeitamente conhecia a fé de officio de todos e até dos sargentos (tive occasião de verificá-lo em promoções para alferes no tempo da guerra) propendia para um d'elles, cujos serviços e meritos enumerava.

— «Tem V. Magestade toda a razão, observou o Ministro da Guerra, — é official de muito merecimento e serviços; só lhe conheço um defeito.

— «Qual é?»

— «Costuma *empinar o cotovello*.

— «Como?»

O General com toda a seriedade, sem proferir palavra, fez um gesto de quem leva á bocca uma botija e a despeja.

O Imperador riu-se e assignou o decreto de nomeação do concurrente, que o Ministro levára prompto e lhe apresentou.

— Doutra feita, o collega que sentava-se á esquerda do General, á mesa do despacho, suppondo servir-se do arieiro, derramou sobre os papeis grande porção de tinta, que inutilisou alguns do Ministerio da Guerra, alli ao lado.

— «Caramba, camarada! não se póde acampar jnto de si!»

Os seguintes episodios completam os presentes traços característicos de Osorio, considerado como soldado; como soldado que se despedia calmo da familia que idolatrava, mas não podia deixar seus companheiros de campanha sem ter olhos cheios de lagrimas.

O Dr. Pio Angelo da Silva perguntou-lhe:

— «Com que contava V. Ex. quando apenas com 12 homens pisou o territorio paraguay, no dia da passagem do *Passo da Patria*?

Osorio, sorrindo, respondeu:

— «Com o medo do inimigo.»

— Marchando tropas brasileiras sob o seu commando, no Paraguay, parallelamente marchavam outras do inimigo. Um official, julgando prestar-lhe grande serviço, esporeou o cavallo, aproximou-se d'elle e observou-lhe apontando:— «General, alli vae uma força.»

— «Pois meu caro, aqui vae outra», respondeu elle com toda a calma.

— No reconhecimento de Humaytá, seu cavallo é ferido. Osorio fica a pé, a poucos passos da fortaleza. Por entre um chuva de balas um soldado aproxima-se e diz-lhe:— «General, retire-se; póde ser ferido.»

— «Não te afflijas, camarada, as balas não fazem caso de mim.»

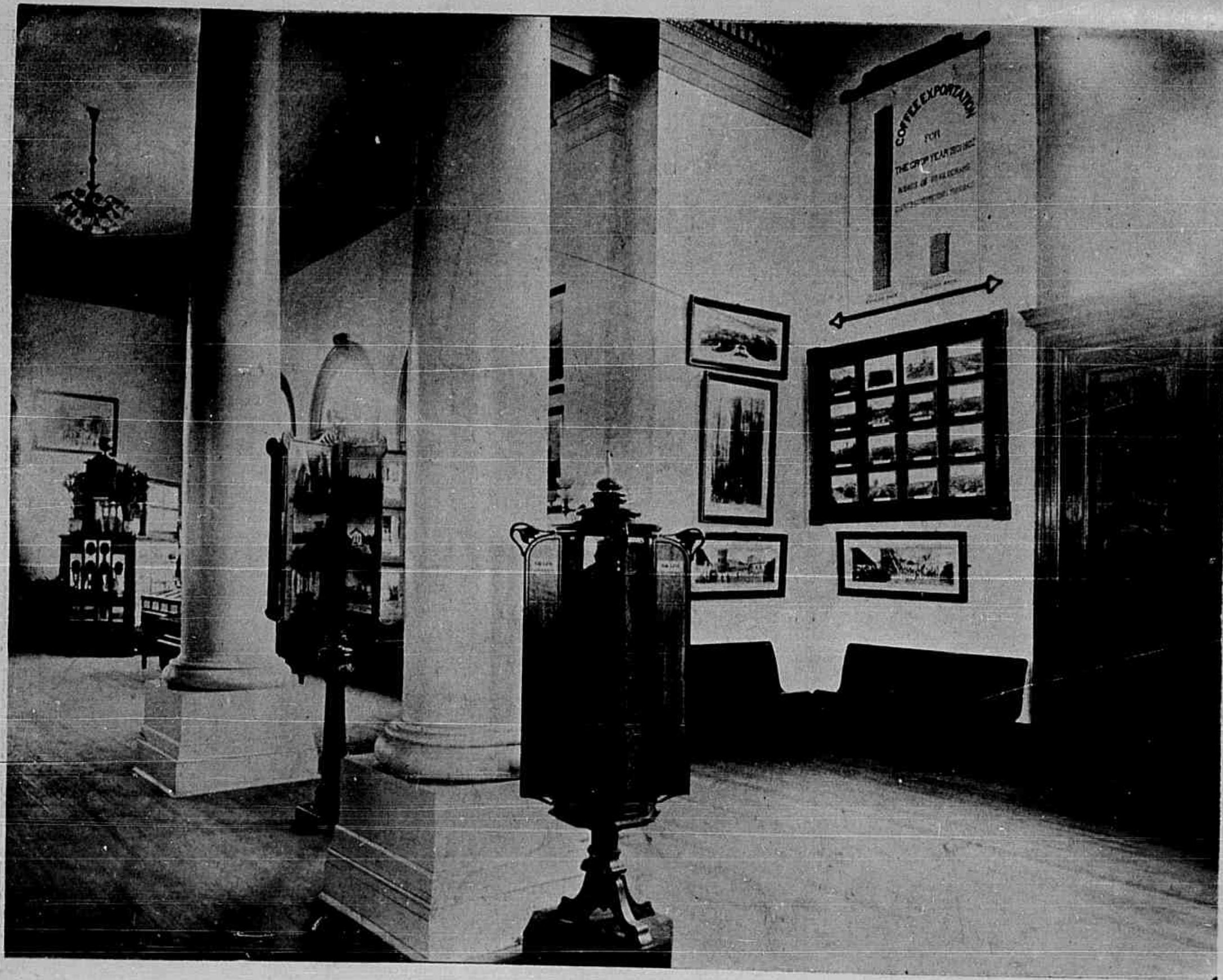
— Uma occasião lhe perguntaram:

— «Que impressão sente V. Ex. ao entrar em batalha?»

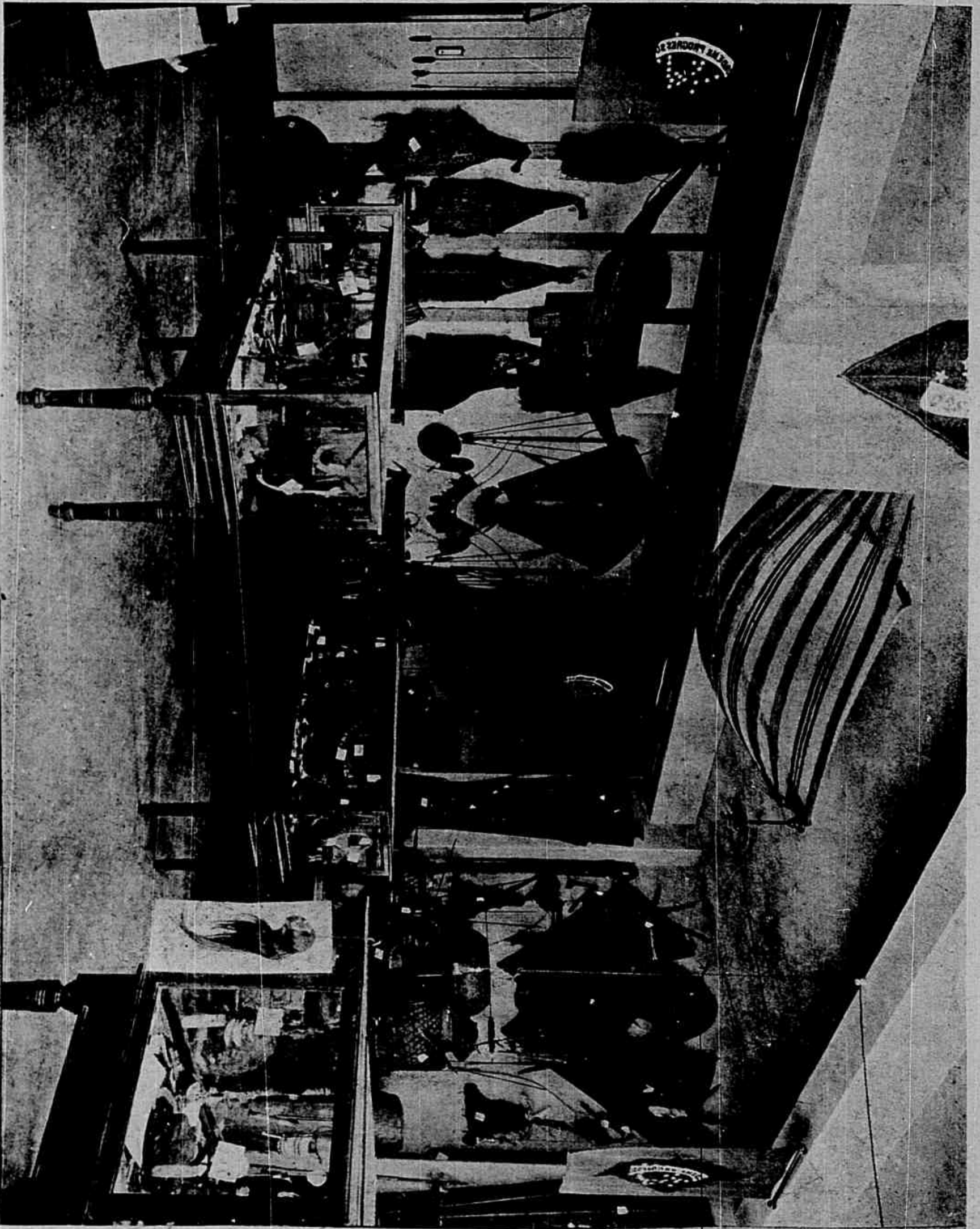
Respondeu:— Ao avistar o inimigo — *entusiasmo*; ao primeiro choque — *medo*; ao derrotal-o — *pena*.

DR. FERNANDO OSORIO

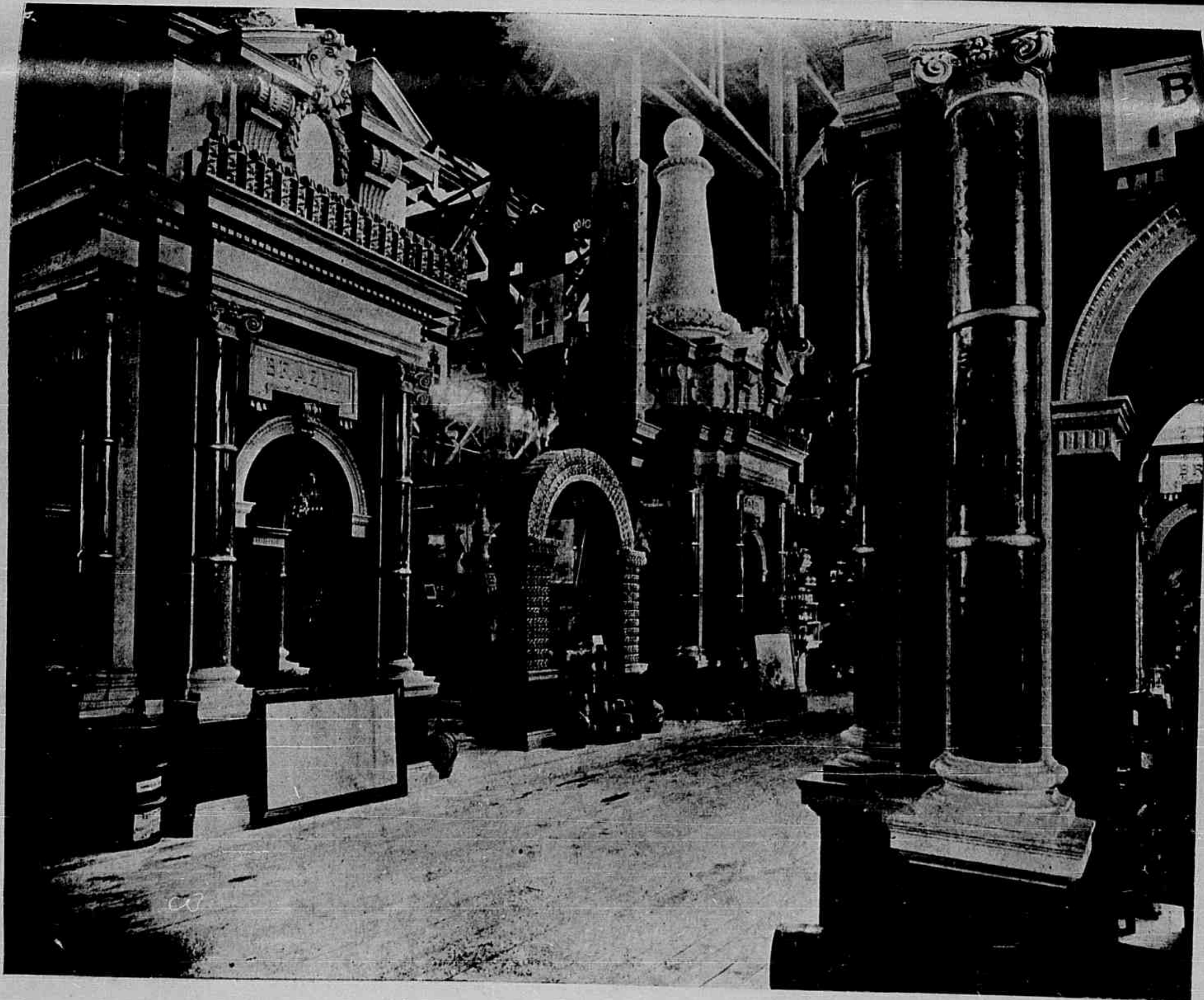
EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ



PAVILHÃO BRAZILEIRO — EXPOSIÇÃO DE CAFÉ — 1.º ANDAR

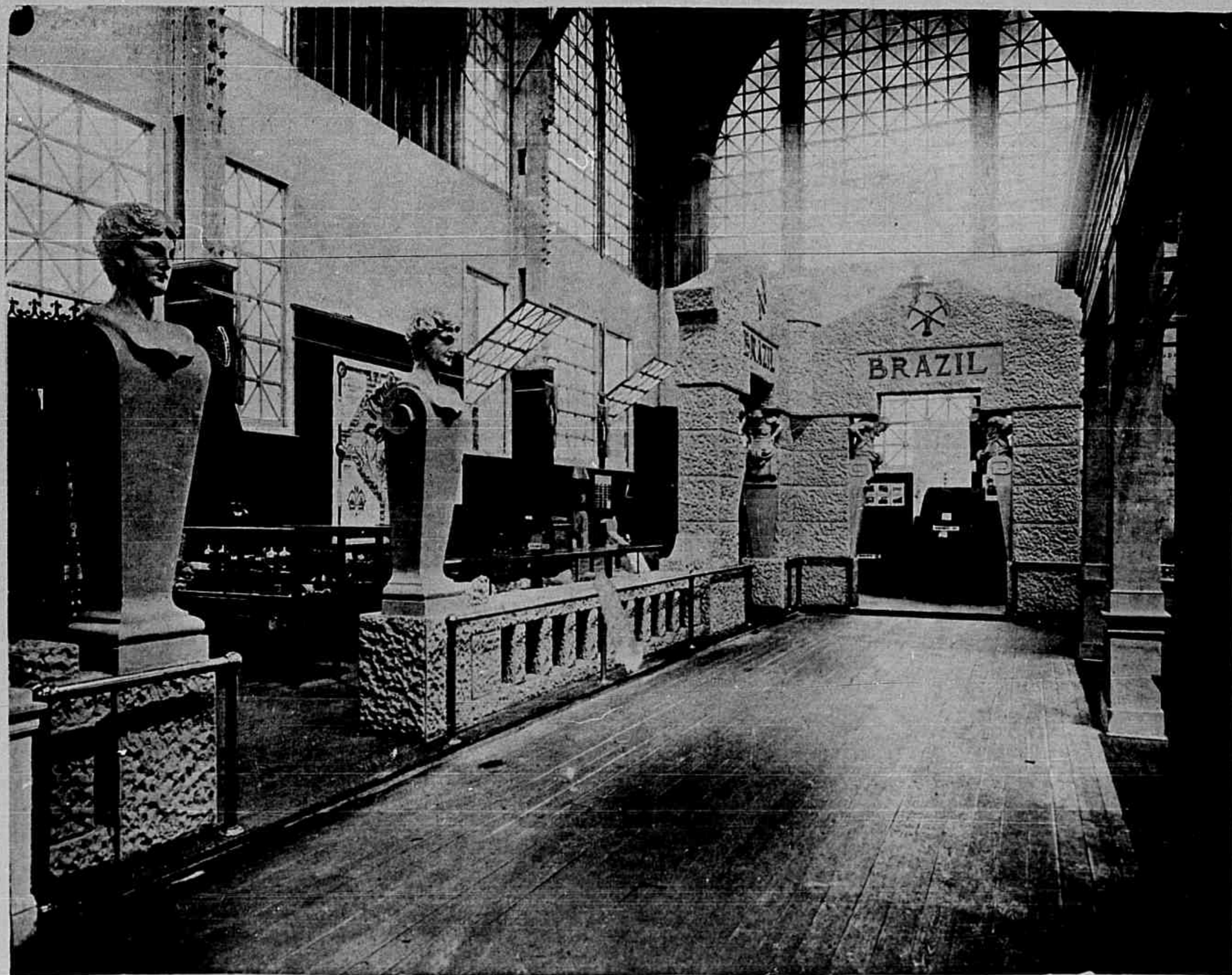


SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE ANTHROPOLOGIA



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE AGRICULTURA

KÓSMOS



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE MINAS E METALLURGIA

FANTASIA

Só, defronte do Mar que se derrama pelas
Fitas de oiro da praia, e aos milhares conduz
Barra fóra, em conquista, altas prôas e mastros,
Assisto o plenilunio e as esparsas estrellas
Scintillando e jorrando amplos mantos de luz,
Para o esplendor sem par da apothese dos astros.

Ó mysterio! ó silencio! ó tristeza do Mar!
Ó sonho! ó solidão das noites de luar!...

Meu delirio começa: — a Terra adormecida
Todas as emoções que ha na volupia sente...
Ella é amante da Noite... Apertada em seus braços,
Lubrica e sensual, cerra os olhos á vida...
A Noite a beija e abraça, apaixonada e ardente.
E esses beijos de fogo, e esses longos abraços
Vêm da consummação dos desejos fecundos,
Fundindo turbilhões e turbilhões de mundos...

Cada estrella que brilha é um beijo no ar parado!
Para sempre guardando o opulento fulgor
D'esse extranho hymeneo de gigantes amando...
Como fructificou o amor illimitado,
Que o ether foi despertar com o glorioso rumor
Da vasta procissão dos astros palpitando!

(Minha ambição que mais augmenta e pede mais
E' fumaça oscillando em brancas espiraes...)

Se podessemos ser, eu e tu, Noite e Terra,
Tão grande a multidão seria de meus beijos
Que, em breve, dando corpo a meu sonho de gozo,
A este sonho que toda a fantasia encerra,

Ouvida a prece e visto o ardor de meus desejos,
O céu se tornaria um jardim luminoso,
Deslumbrante, immortal, e a Noite ficaria
Mais clara do que o Sol, mais bella do que o Dia!
E essa doida paixão, insana e desvairada,
Pelo espaço assombrado havia de estender
Tantas constellações e tantas maravilhas
Quantas vezes, querida, a bocca perfumada
Tu me desses, trazendo outro beijo a colher...
E os oceanos rugindo, e as montanhas e as ilhas
Anciariam, debalde, esperando o arrebol
No Levante, e o tropel da quadriga do Sol...

Entre os mundos, fruindo a maxima ventura,
Guardando avaramente o meu maior thesoiro,
Em bemdita embriaguez e em extase bemdito,
Eu iria semeando e espalhando na altura
As estradas de luz, feitas de prata e de oiro,
— Nosso eterno signal pelo espaço infinito...

(E á medida que, além, sóbe, limpida a Lua,
Minha alma, a delirar, perto d'ella fluctúa...)

Sonha um pouco este sonho, ó minha amada sonha
E vê que o meu amor é sobre-natural...
Vem um instante sonhar... Dolorosa ironia!
Como desço depressa á existencia tristonha,
Após toda a illusão da jornada nupcial,
Após a insensatez de minha fantasia!...

Ó mysterio! ó silencio! ó tristeza do Mar!
Ó sonho! ó solidão das noites de luar!...

Rio — Março de 1903.

OSCAR LOPES.

RUSSIA E JAPÃO

Tokio, nas quaes exhibia o seu vistoso fardamento de hussar, e os jantares de *geishas* de Shimbashi, que o jovial principe tanto apreciou no Japão, foram substituidos pelas frugaes rações de campanha e pelos canhoneios atreadores que ceifam as vidas aos milhares. Seria quasi uma injuria ao seu nascimento e gerarchia insistir em que o grão-duque Boris toma parte nos combates em redor de Porto Arthur com a mesma despreocupação com que se sentava sobre o *tatami* do restaurante japonéz, para receber das mãos de dedos afilados da *geisha* que o servia, a taça de *saké* morno em que ella primeiro molhara os labios carminados.



GRÃO-DUQUE BORIS

O grão-duque Boris da Russia, do mesmo modo que seu irmão Cyrillo — filhos ambos do grão-duque Vladimiro e portanto primos do imperador Nicolau — viajou no Japão tempos antes da guerra em que está tomando parte activa, sendo festivamente acolhido por aquelles contra quem tem hoje de combater. Muito tratavel, muito sympathico, muito amigo de divertir-se, tendo-se por isso tornado thema e preza dos *reporters* americanos quandô, de regresso do Extremo Oriente á Europa, frequentou a sociedade dos millionarios pretenciosos de Newport e a dos millionarios despretenhosos do Oeste, acha-se agora partilhando, sem murmurar, com os demais soldados do Czar das agruras de uma lucta das mais crueis e sangrentas da historia. As recepções diplomaticas de



GEISHA DE SHIMBASHI



PRINCIPE NASHIMOTO



PRINCEZA NASHIMOTO



PRINCIPE KUNI



PRINCEZA KUNI

O príncipe Nashimoto, capitão do exercito japonéz, que se achava em St. Cyr, completando os seus estudos militares, foi chamado para servir na actual campanha, onde recebeu o seu baptismo de fogo de parceria com o príncipe Kuni, igualmente capitão, cujo nome foi mencionado numa das recentes pelegas. A circumstancia de ter sido até certo tempo da sua vida destinado ao sacerdocio, não parece haver despojado o príncipe Nashimoto do valor guerreiro de que teem dado sobejas provas os demais príncipes da casa imperial.

A linda princeza Nashimoto, que em vestes japonezas faz lembrar uma boneca de Kyoto e traja as vestes européas com mais desembaraço do que qualquer das outras, nasceu em Roma quando seu pai, o marquez Nabeshima, um dos mais ricos dos antigos *daimios* ou senhores feudaes do Japão, alli exercia as funções de ministro. Sua mãe, a marqueza Nabeshi-

ma, ainda hoje uma formosa senhora, deixou reputação de belleza na Italia, como a deixou em Vienna a condessa Toda, esposa do vice-grão-mestre de ceremonias da côrte, igualmente antigo senhor feudal.

Os palacios do marquez Nabeshima e do conde Toda contam-se entre as melhores residencias de Tokio, tendo ambos uma luxuosa parte de architectura européa para as recepções de estrangeiros, e outra parte japoneza para o singelo viver diario. As funções que hoje exercem esses *daimios* são puramente honorificas. Os seus lugares na diplomacia japoneza foram tomados por elementos mais progressivos e mais em contacto com a actividade moderna, depois que o Japão entrou a ter aspirações a grande potencia e a desempenhar um papel conspicuo nos acontecimentos do mundo.

OLIVEIRA LIMA.



CONDE TODA



CONDESSA TODA

Viagem Maravilhosa

QUANDO me aproximei do navio enorme e negro que nos esperava, supuz que ia desaparecer, como o propheta, no ventre de uma baleia. O monstro gargarejava em surdina, com os flancos aboleados, o beque maliciosamente esconsó e dous grossos boeiros a pino, por onde não tardou esfolegar, desenrolando espiras de fumo. Isso acabou de precisar a minha primeira e comica impressão: iamos ser tragados e digeridos—eu, minha cara Deolinda, metade de mim mesmo, e minha adorada Flor, rebento de nós ambos.

Lá dentro vi-me depressa rodeado e acotovelado por uma turba-multa que girava em todos os sentidos, esgarçando-se aqui para adensar-se acolá, rolando de vante a ré, de baixo acima, numa tonteira de actividade contagiosa que á força de excitações me desmantelava os nervos.

O animal desconforme urrava a intervallos e continuando a ruminar os bolos humanos expellia insipido cheiro de agua quente, cortado de exalações hemeticas de oleos lubricantes. No meio da multidão viajeira, desconhecida, heterogenea, empolgou-me sem demora um nojo mortal. Esses meus companheiros, cruzando-se, gesticulando e falando, figuravam-se-me ora duendes, ora titeres movidos a cordel, de voz e gestos emprestados. Todos elles cheiravam mal, como se de facto não passassem de bonecos de cebo aquecidos pela irradiação das fornalhas.

Comecei a evital-os com aversão que degenerava ás vezes em puro horror. Tanto fugi que afinal me achei sosinho, perdido de mulher e filha, encantado num beliche sem luz, que olhava para o mar por um olho de vidro fôsko. Inexplicavel indifferença! Ahi fiquei descuidoso, confuso, traspasado pelo zumbir alarmante dos passageiros, sem tentar ao menos abrir aquella portinhola para me refrescar e enviar o adeus dos meus olhos aos montes da boa terra de que me ia separar. Quanto tempo permaneci nesse refugio, que pensamentos me visitaram a cabeça, o que se fazia em torno de mim, eis o que nunca mais pude conseguir da memoria.

Inopinadamente ouço uma voz que me sobressalta, arrancando-me áquella crise de estupidez e misantropia:

—Aqui, Octavio?...

Voltei-me: Era Deolinda a falar-me da nossa bagagem e de varias outras cousas sem nexo nem oportunidade.

—Que sei eu de tudo isso? Avie-se por lá da melhor maneira, respondi-lhes ainda embotado, alheio de todas as circumstancias, e do meu proprio destino.

E o movimento do vapor a sacolejar os intestinos de ferro, e outros descompassados ruidos, creio que o assalto das ondas ao costado do navio e o silvar do vento pelas suas obras mortas, tudo isso embrulhando o vozejar inintelligivel e como que longinquo da gentalha de bordo, entrou de novo a azoar-me e a dispersar as idéas obscuras que a muito custo germinavam na espessura do meu atropelado cerebro.

Sahi do beliche a passos automaticos, sem dar pela ausencia de Flor. Mas quando ia perguntar por ella, avistei-a noutro compartimento, este menos escuro, com cadeiras de panno e camilhas dispostas como prateleiras. Flor, de trajos mudados, toda de alvo, com um livro aberto sobre o regaço, estirava-se indolentemente numa preguiceira de lona, e lia, impertubavel, tão tranquillamente que me fez duvidar se estavamos na camara estreita e sem conforto de um barco, se não nos achavamos apenas em alguma saleta do nosso massico e inviolavel domicilio da rua de S. Pedro, Atirei-me á camilha e passei longo tempo em silencio, enquanto as duas senhoras, refesteladas, se compraziam numa interessante conversa que me pareceu o mais completo jogo de disparates, a não ser que eu é que andasse disparatado da realidade. Emfim, concentrando a attenção, logrei com algum esforço decifrar nas suas palavras o sentido da nossa enigmatica viagem.

—Has de gostar immensamente, dizia Deolinda; é a cidade do luxo, da moda, dos prazeres finos, de tudo o que brilha e faz a gente amar sempre, sempre a vida e achal-a curta, por mais annos que viva. Eu por meu gosto nunca teria deixado a querida terra do sul...

Ainda lá não cheguei e já penso com aborrecimento na volta para este degredo, esta tristonha masmorra em que teu pai se encarcerou connosco. Ah! terra de encanto, terra de primor, aquella!...

Minha Flor, que era uma perfeita belleza tropical, morena, de cabellos retintos, ondeados e luminosos, ficava absorta, presa na teia de sonhos, de fios de ouro, que se lhe ia estendendo em volta do espirito. Seus olhos grandes, mornos, divinamente creoulos, fitavam-se como os de Santa Thereza na visão de um céu aberto; e Deolinda, continuando, fazia gestos hyperbolicos, a inculcar as grandezas da excelsa cidade onde tivera o berço e de onde viera, mocinha e pallida, cahir-me nos braços enternecidos de esposo.

—Bem, disse commigo, é para o Sul que vamos, em busca da grande cidade austral, a Meca sagrada para onde tantas vezes volvi o espirito crente, aspirando á salvação. Mas não é singular que eu tivesse perdido a tal ponto o sentido da orientação e que agora mesmo esteja ignorando o fim que me leva ao sul? Decididamente sou o juguete d'essas bellas creaturas...

Nisso estava, quando ouço bulicio á porta do camarote que só então reparei achar-se aberta. Vi uma extranha collecção de sombras, cujas cabeças se entrechocavam avidas, supponho que das mulheres, que talvez lhes parecessem bom pasto para lubricos desejos. Eram exactamente aquellas mascaras exóticas, de traços indefinidos, cuja visão tanto me perturbara ao embarcar. Um rosto, no primeiro plano, engatilhava contra a minha Flor os olhos profundos, semelhantes a duas boccas de pistola; por traz d'esse tocavam-se com esgares e sorrisos demoniacos, as outras mascaras, numerosas, do mesmo modo dilatadas por uma curiosidade muito mais que atrevida. Affrontei-me e gritei-lhes:

—Que perderam aqui?

Recuaram de pancada, sem dizer palavra. Mas d'ahi a pouco, eil-os novamente, com os mesmos gestos e olhares faiscentes de cobiça. Dirigi-me a Deolinda extranhando-lhe a impassibilidade deante de tal profanação, e levantando-me, bati a porta ás caras dos insolentes. Elles não voltaram mais.

Senti-me, depois disso, displicente e amodorrado. Pelo oculo da camara ainda espiei o céu e o oceano. Não fa-

zia sol, não chovia; não era nem dia nem noite. O horizonte empastado parecia o cemiterio de todos os astros. Ouvia o ralar dos machinismos e o vago zumbir da colméia de bordo. Pensei em tempestades, em naufrágio, em morte sobre as ondas, e ondas de maus preságios me envolveram o coração. O somno e o enjôo assaltaram-me, disputando minha pobre cabeça cheia dos ecos de tantos incidentes e pensamentos. Cerrei e abri muitas vezes os olhos a certificar-me da presença das fieis companheiras. Ellas falavam sempre da cidade maravilhosa, enquanto arrepiado de suspeitas eu receava já d'essa feiticeira cidade do sul e sentia-me como que agredido pela sua malignidade radiante.

Fui-me afogando na modorra, com o cerebro a pulular de larvas de idéas, de imagens dissolventes. Numa especie de tela de fundo, alumada por um crepusculo, esbatia-se além a paizagem da magnifica metropole.

Finalmente dexei de ouvir a fala das senhoras, todos os rumores se amalgamavam num só e longo murmurio, que engendrava a illusão do silencio; e a propria cidade longinqua esvaiu-se nos fumos do espaço como um pôr de lua minguante.

II

Despertei sobre as aguas austraes, defronte de uma cidade marmorea, esparsa entre morros que me pareceram columnas do firmamento, tão elevados eram elles ou tão baixas andavam as nuvens. A perspectiva empolgou-me com tal prestigio que me fez abstrahir da companhia e de quantos passos ainda devia dar antes de calcar o solo. Deslembrou-me de tudo para sómente enlevar-me nas curvas gigantescas d'aquelles membros da cidade, solememente modelados e sombrios; porque (e aqui está outro mysterio) as formas que tanto me impressionavam pelo arrojo das linhas e corpulencia do relevo eram quasi inclassificaveis na gamma das côres conhecidas. Só me lembra ter visto cousa analoga em sonho e pelos vidros de um estereoscopio. Até hoje foi baldado o meu esforço para restituir a essa terra o seu colorido real, o tom verosimil que naturalmente lhe deviam communicar as aguas, o céu, a flora, as veias e o pigmento da sua pelle.

Eis approximada e vagamente o que percebi: montanhas de crôsta a modo calcinada, com enormes tachas de lichen secco, mais semelhantes a escamações de um corpo leproso; nas planuras, em baixo, e nas assomadas, não o arvoredado verde e resplandecente do meu viçoso Norte, mas uma vegetação de aspecto fossil revelada pela desaggregação de camadas telluricas. Certos morros pulavam no espinhaço da serra com apparencia de tumores gangrenados; outros surgiam nodosos coroados de florestas caducas, o que me punha logo em face de legitimas mumias selvagens—as mumias dos tamoyos que habitaram aquella região—agachadas no somno eterno sob as plumas dos seus kanitares. Aqui e alli filas de altissimas palmeiras, cujas hastes dir-se-iam de chumbo e cujas palmas de algodão. Havia sitios alacandorados que me remontavam a fantasia ás torres, aos terraplenos e jardins pensis de uma Khorsabad que me tinham descripto não sei que livros de lenda. Flocos cinereos e violaceos fluctuavam pelas frondes das arvores, á imitação de cachos de flores... Mas que absurda inflorescencia! É assim absurda, errada, incongruente era toda a paizagem, sem excluir o golfo immenso e liso de aguas foscas, onde abrolhavam recifes que desconfiei serem ilhas e fortalezas, cujas massas indistinctas no horizonte sempre baço formavam como empastamentos de um painel

a carvão, obra ou antes capricho de um lapis em todos os sentidos monstruoso.

Em breve presenti que iam saltar em baixo de tormenta e bategas. A soberba metropole fechava cada vez mais o rosto, no proposito bem visivel de ostentar-me antes a sua força que a sua belleza. Felizmente não soffri os penosos incidentes do desembarque sobre agua, porque o navio, sem que eu desse pelas manobras, tinha varado o remanso de uma grande doca e atracado ao caes monumental, que era a cintura de pedra da cidade. A plebe de bordo sahia de enxurrada, libertando-se ás carreiras do amplo calabouço fluctuante.

Achei-me outra vez sósinho e horrorizado no seio de um chaos.

—Deolinda! Flor!... exclamei, e em boa hora, que ellas acudiram promptamente e lepidas foram entrando com desembaraço pelos atrios da vasta matriz.

A esse tempo já a tempestade ullulava pelo céu. Ouvi com agonia e calafrios a vibração das florestas negras em torno e pelas culminancias da terra; e comparei-as a harpas fantasticas, a que o Pampeiro, num furor de inspiração, ia arrancando aquellas harmonias phenomenaes.

O aspecto da metropole era todavia placido, immovel, nos seus traços babylonicos e nas suas feições rigidadas de marmore. A casaria alinhava-se desmedidamente alta, branca e fria, semelhando castellos construidos a blocos de gelo. Alguns d'esses palacios, cravados na encosta dos montes ou resaltando entre arestas de rochas, me davam até a illusão de avalanches que vinham a desabar sobre a planicie e os transeuntes. E como direi o assombro que estes me causavam, no seu esfervilhar e galopar pelas escancaradas avenidas, que mais eram estradas campestres do que ruas, e sob as ramadas fuliginosas de exquisitas arvores, umas agrupadas em parques, outras enfileiradas e pautadas em alamedas interminas, todas cobrindo a mais tumultuosa expansão de vida, vida insana, hysterica, convulsionaria, antes batalha que vida!...

Atordoadado, estaquei no meio da avenida principal, consultando Deolinda:

—Está muito mudado isto, não?

—Nada mais natural... ha tanto tempo! respondeu-me ella, sem parar e dirigindo-se logo para os baixos de uma fachada gothica, onde formigavam homens e mulheres, creaturas vigorosas, claras e transparentes como a pedra da architectura.

No portico do palacio (creio que era um hotel) tornei a estacar indeciso e commovido. Antes disso quiz ler a taboleta e apezar dos caracteres garrafaes nunca pude entender-lhe a escriptura. Visei as lojas contiguas e fronteiras: sempre os mesmos hieroglyphos a escarnecer da minha ignorancia. Puz-me a examinar os individuos nos seus gestos e passos cadenciados, nas suas formas correctas, na energia e vibratilidade das faces que reproduziam muito d'aquellas mascaras de bordo... As beidades estendiam-me os raios dos olhos, olhos felinos. linguas de luz, lambendo a minha tez trigueira e o azeviche das minhas barbas, com a semceremonia com que se lisa o pêllo de um formoso garanhão. O mesmo faziam os seus homens de jaspe, admirados da grenha lustrosa e do typo moreno de Flor. Não sei que suspeitas libertinas revoltaram a austeridade de minha alma honesta. Deolinda, extranhando-me a attitude, puxou-me pelo braço:

—Estás dando escandalo com essas maneiras...

—Seja, disse eu; mas não me agrada esta vertigem nem esta gente, que não me tem ares de familia. Não

vejo aqui um rosto que me pegue confiança... Em que terra estamos! Foi aqui mesmo que nasceste, ou somos vítimas de algum equívoco, ou porventura erramos o porto e desembarcamos em paiz estrangeiro?!

Ella calou-se e foi entrando despachadamente, de braço dado com a filha. Acompanhei-as sem vontade, mas pouco demorámos no interior do formigueiro branco, de cujas particularidades não me resta sequer reminiscencia. Ignoro igualmente o que lá dentro fizemos, se comi, se bebi quem nos serviu e o que nos disseram. Se falámos não foi ao certo com homens d'aquella casta, pois das suas gargantas e das boccas, aliás bem talhadas, não sahia uma syllaba que me fosse familiar nem palavra que me representasse uma idéa.

Achei-me de novo na rua, sem destino, mero guardacostas á curiosidade de minha familia, a quem, por contraste ironico, tudo aquillo maravilhava e divertia. Perlongamos vias e atravessamos rocios sombreados. Passo a passo, a cada encontro que faziamos, nos largos passeios retumbantes do alarido de falas estranhas; sob as arvores bastas, onde folgavam creanças louras de olhos gazeos; defronte dos mostradores que enfeitavam Deolinda e a filha, e aonde acudiam as elegantes damas da terra, para as remirar de preferencia a todos os objectos preciosos; com as carruagens que levavam sobre rodas surdas senhoritas de faces caídas semelhantes a mascuetas de gesso; com os mercadores, os operarios, os proprios mariolas de pés e braços nús que labutavam com fragor e ritmo de perfeitos engenhos,— em todos e em tudo eu via confirmações do erro que havia denunciado a minha esposa. Esta, porém, confundiu-me de chôfre, mostrando-me ao longe um cimo indistinguível:

— Eis alli, Octavio, a corcova do monte em cujas cercanias nasci.

— Tens certeza disso? E' mesmo a authentica, a velha montanha, a tua montanha natal?

Ella zombou da minha incredulidade e apontando a pyramide cyclopica de outro morro, accrescentou em tom jovial:

— Costumas dizer que toda cidade tem uma cara e physionomia peculiar. Pois bem, em nenhuma outra, neste grande mundo, verás um nariz igual áquelle...

Longe de applaudir-lhe o dito, senti-me esmagado pelo peso que teria o proprio morro. Mas não tive remedio senão render-me á evidencia. Recompuz os incidentes que tão illogicos até alli se me figuraram, e achei o sentido dos varios enigmas em que me andara enleando.

— Foi aqui a santa Ilion... murmurei, com o peito alançado. E seguí ou, melhor dizendo, deixei-me conduzir até o meio de uma praça, onde eu sabia por tradição haver venerandas reliquias de metal e pedra, memorias de patricios gloriosos. Relanceei as alturas e os longes, e descobri apenas sumptuosos terraços, balcões rendilhados, cimbras e flechas, renques de estatuetas decorativas, torres rotundas, e vi — oh! dor suprema! — bandeiras que me pareceram sudarios, sem o mais leve matiz das cores suggestivas nem traço dos symbolos que eu adorava com os mais altos fervores da minha religiosidade civica... proprio Jesus não provou no horto igual tristeza. Meu coração chorava como um salgueiro.

Então como passasse por uma horda dos altivos meridionaes, veio-me a reacção dos brios torturados e sem cuidar nos perigos do meu arrojo, interpellei-os com vehemencia:

— Onde estão, senhores, os monumentos, as estatuas erigidas aqui aos nossos maiores, vates e guerreiros, imperadores e estadistas? Que é feito do marmore e do bronze sagrado em que transfundiramos com tanto amor e tanto orgulho o nosso reconhecimento aos heróes e grandes da patria?... Oh! barbaros, iconoclastas! Não vos tremeram as mãos sacrilegas, quando empunhastes o camartello para essa obra de demolição vandalica?... Sois uns intrusos, bem vejo, a não ser que renegasseis a alma, da mesma sorte que mudastes de feição e pelle... Malditos sejaes, hunos brancos! Malditos sejam os covardes e os traidores!...

Disse e esperei ao menos um gesto em que se penitenciassem dos nefandos crimes. Nada, senão a dura impassibilidade que eu já não podia attribuir á estupidez da casta. Tomaram-me talvez por algum louco, e eu mesmo reconheci depressa a minha insensatez nessa pretensão de communicar-lhes sentimentos em phrases de uma lingua para elles desconhecida ou morta, sem mais valor porventura que a algazarra das tribus selvagens, que o grito instinctivo dos animaes. Cahindo em mim, cheguei a reprehender-me em silencio. «Incorrigivel Octavio, queres pois resuscitar os deuses de quem nem mais memoria existe?» Mas não sei que parte obstinada do meu ser protestou immediatamente, e em voz alta:

«Juliano! eu?... Julianos são elles, que abjuraram a divindade unica e verdadeira que merecia culto debaixo d'este céo e sobre estas profundas aras...»

Amargurado, corrido, ia afastar-me, quando vi um dos meridionaes dirigir-se para nós, a olhar-me com insolita consideração. Vinha lento, pacifico e insinuante, como se receasse o esbravejar de um bicho irascivel; vislumbrei-lhe até pequenos mas vivos indícios de sympathia. Cedendo um pouco das minhas prevenções, dispuz-me a adivinhar-lhe o pensamento, já que nos não podiamos entender.

De perto examinei-lhe o rosto regular coberto por uns cabellos rajados, lardeados de louro e castanho, cabellos a modo hybridos, que nuns fios contrastavam, ao passo que noutros transigiam com o brilho negro dos meus. Ainda entrevi (talvez fosse illusão) não sei que linhas longinhas e que raias obscuras na carne pallida, um tanto spectral das suas faces. Essa cabeça transviou-me o espirito e o fez fluctuar um momento em scismas extravagantes...

Depois de mirar-me, de afagar-me bem o pêllo com os grandes olhos amansadores, o excentrico meridional voltou-se de salto para minha Flor, deitando-lhe os braços e as mãos de creme, cujos dedos se moviam nervosos, perigosamente esmaltados de perolas e pedrarias... Pasmei. Elle procurava attrahil-a com os tentaculos fulgurantes, emquanto os olhos, accesos, reluziam como dois diamantes bem faceados. — Era um laço ou um modo de ser amavel com os forasteiros? Flor recuava, mas frouxamente, com a vista amortecida, presa pelos dous candentes fócios. Ainda perplexo, olhei para minha esposa. Ella quedava complacientemente. Interpuz-me; o seductor sorriu-me com toda a candidez de um sorriso innocente e emperlado, e abrindo de novo os braços emittiu uns sons doces, aflautados, como a nenhum d'elles até alli ouviamos.

— Que bello demonio! disse eu para Deolinda; mas toca a fugir, antes que elle chegue ao cabo dos seus intentos.

— Sempre desconfiado, respondeu-me ella, com a maior tranquillidade.

Julguei-me trahido e fiz, nessa ocasião, mau juizo de todas as mulheres. O peor é que os amavios não cessavam; o movimento colleante dos braços desenhava planos licenciosos; o vulto e o corpo do magico transpiravam sensualidade. Lembrei-me das beldades á porta do hotel e da sua lascivia petulante. Não havia mais negar a taes creaturas um programma de seducção, consciente ou não, mas bem definido. E como viessem chegando os companheiros do terrivel sodomita, agarrei ambas as mulheres e arrastei-as com violencia, não sei para onde, para longe d'aquelle inferno de apostasia e luxuria, contra o qual implorei ao céu cataractas de fogo e de enxofre.

III

Agora o meu unico desejo era descobrir um bairro pobre e escuro, para descanso do espirito e garantia das minhas frageis companheiras. Todas as grandes cidades têm a sua Suburra: eu preferia tentar a convivencia com os miseraveis, com os proprios ladrões e assassinos, a supportar o contacto dos refinados e insidiosos patricios da metropole.

Segui ao acaso, allucinadamente, a farejar recanto ou vil congosta onde me escondesse com os thesouros de virtudes de que era guarda responsavel, avaro e feroz.

Palmilhei vias extensas, atravessei praças e parques, saltei barreiras, andei mais que um camello, soffrego de libertar-me nas solidões caladas do deserto. Os morros tetricos, com as cumieiras esbatidas na mortecôr do horizonte, eram as unicas balizas que me orientavam. Porque, raciocinava eu, se ha aqui uma ralé incivilizada ou refractaria ás leis e aos costumes d'esses intrusos, por certo não terá escolhido outro asylo senão o baluarte natural das montanhas, refugio classico dos povos vencidos.

Não me enganava. Depois de estafadora marcha tive a visão crepuscular de um lago adormecido entre sombras montanhescas. Olhei ao redor: tudo silencio e ermo. A agua, lagôa ou mar, branqueava atravez da garganta da serra; massas arboreas, de tristonhas casuarinas, pendiam do recosto dos morros sobre o sulco do desfiladeiro. Não me detive mais enquanto não alcancei a bocca do sombrio gargalo.

Chegado a esse ponto, faltou-me coragem para proseguir. Dei voz de alto! ás senhoras, e puz-me a escutar e a espionar o abysmo. Absolutamente nada me parecia alli compativel com a existencia de seres humanos, de homens, de qualquer condição, fossem elles selvagens, degradados, reprobos, banidos voluntarios da culta cidade. Entretanto hesitava, com o olfacto aguçado por certo almiscar, emanação que trahia o rei dos animaes... E pensei:—se a natureza, que tudo cria e aperfeiçoa, houvesse esquecido nesta vagina de terra alguns exemplares inacabados da primitiva especie, esse esboço do homem que me diziam jazer em estado mineral no recesso dos museus subterraneos?... Por esse curso meu pensamento desenreou-se, delirou até o auge de offerecer-me aos olhos imagens abstrusas de creações verdadeiramente caducas, envoltas em tão espesso anachronismo que me rechassaram de todo para fóra de mim e do meu tempo, a edades anteriores á historia. Fui então impressionado por varias formas desprendidas da nebulosa que atufava o desfiladeiro, umas representando moradas lactustres e artefactos de pedra; outras esguias e angulosas, perfilzndo monolithos, ao lado de toscas taboas quadradas, cuja designação precisa me escapava. Grandes placas tenebrosas applicadas de espaço em espaço, ás almas

dos morros, denunciavam cavernas. Que estranhos animaes iriam sahir d'alli? Provavelmente os fantasmas prehistoricos, de cujos banquetes ainda eu vislumbrava restos em mais de um comoro, ao feitio dos famosos sambaquis tão diligentemente explorados por sabios menos felizes do que eu que não era nem meio sabio.

Não podiam ser mais interessantes os meus achados, comquanto não andasse de humor nem de proposito para semelhantes emprezas. Que importa ao foragido que se embrenha o valor scientifico da flora ou fauna do seu homizio? Assim reflectia, e eis que um lume phosphorescente, claridade dubia de fogos-fatuos, se escôa como um raio de lampada furta-fogo, por grande parte da garganta, e destroça, e dissolve toda aquella imaginaria prehistoria com os seus monumentos neolithicos, deixando-me, á sombra, deante de moitas vulgares, ruinas de cercas e cabanas, ossadas alvadias, grutas e rebordos de pedreiras, e em linha sinuosa um corrego morto de aguas glutinosas, derivado como um sangradouro do lago longinquo. Dei o primeiro passo e interrompi o segundo, porque vi assomar á fauce da principal caverna o focinho de horripilante animal, que instantaneamente surgiu de pé, a agitar as antenas e a sacudir o pó de argila que lhe enfarinhava todo o corpo. Seria devéras um saltador? Momentos depois, outro pinchava do solo razo, como um sapo do fundo de uma cisterna, ensopado de lodo pegadiço que o tornava espelhante. Puzeram-se ambos á escuta, e eu ancioso a observal-os. Por fim, despeinha-se da escarpa da montanha terceiro monstrengo: juntam-se os tres, voltam-se em todas as direcções, saltam para o meio da scena e ahi demoram a trocar signaes de intelligencia.

Tive então a vez de verificar mais um absurdo das minhas primeiras impressões. Os habitantes de tão infame suburbio eram homens, nem brancos nem negros, nem louros nem ruivos; homens trigueiros, de cabellos pretos, bem semelhantes a mim e aos da minha estirpe.

Em que estado, porém, santo Deus!... Nós e hirsutos, a pelle escurros, coriacea sobre as saliencias do esqueleto; nas carquilhas das faces tão profunda decrepitude que não sei como se compadecia com a destreza dos membros descarnados. Os pés se lhes haviam encascado, e pouco differiam de pés de capro. Os olhos avermelhados eram rubis perdidos em desvãos de ruinas. Dir-se-ia que choravam sangue! Sempre em movimento, sobresaltados, orelhas fitas, pareciam recear ciladas, incursões assassinas, matilhas já costumadas a dar-lhes caça.

—Que especie de gente será? perguntei a mim mesmo. Bandidos? selvagens? feiticeiros? leprosos?... Ou simples homisiados, perseguidos, victimas de alguma proscricção iniqua?...

Propenso a esta ultima conjectura, achei-os menos dignos de horror que de compaixão; e involuntariamente me fugiu dos dentes um—psio—forte, e parti ao seu encontro. Deolinda e Flor, vendo-me avançar, correram a mim, protestando e jurando não se aventurarem. Baldados protestos, porque os homens, antes que ellas me alcançassem, haviam desaparecido, sem mudar um passo, pela terra dentro. Creio que elles estavam sobre a tampa de um alçapão!

Tudo isso me causava desconsono e mal-estar indefiniveis. Sem vontade, sem mais estimulos, retrocedi, guiado pelas senhoras, que d'ahi por deante me tratavam com os cuidados que se dispensam aos loucos, segurando-me pelos braços e por vezes obrigando-me a caminhar á frente d'ellas. Resignei-me.

Voltávamos por infinita pradaria, onde a relva murcha fazia verdadeiras vagas; depois por um campo imenso e despovoado que me deu saudades dos «geraes» sertanejos. As tintas do céu e os aspectos da terra só me acordaram este sentimento do remoto, do passado e acabado... E nisto começam a tanger distantemente fanfarras marciaes, que pouco a pouco amotinam o silencio das vastas planícies. Tudo marcha ao redor e acima de nós, as hervas do campo e as nuvens do espaço. As mulheres esbofiam-se, correndo ao encontro da milicia que eu advinhara, curiosas de vida, de espectaculos e magnificencias. Em breve, descortino as altas cimalhas e os torções de um palacio branco. Já pela estrada de asphalto que corta rectilinea o descampado vêm desfilando as legiões meridionaes: é um sem numero de soldados de uniformes exóticos, armados de longas lanças como os antigos lombardos, e tiros de cavallos robustos, e talhes de espada que commandam, e carroças rapidas onde tripudiam donzellas que applaudem a tropa com o gesto incitativo das louras walkyrias legendarias, todo esse cortejo de cinematographo guarnecido de massas pedestres que se derramam em cachões pelas orlas da estrada de asphalto...

Arrebatados no sequito, chegamos á vista do palacio gothico, de cuja frontaria escorriam bandeiras incolores. A milicia continuava a passar; desvanecia-se a vanguarda ao longe, no pallor vespéral, como uma fuga de espectros; ao soar de profunda musica em surdina, apontavam sob os arcos das ogivas do castello vultos magestáticos, cabeças ruivas, cendradas, louras. Gesticulavam do alto, saudavam, e o povo meridional, cá em baixo, rugia de entusiasmo.

Tinhamos parado defronte do palacio, e eu falei para Flor e Deolinda:

—E' festa, mas que festa, e porque? E' algum d'aquelles talvez o burgomestre... Qual será o Genserico d'este reino barbaro?

Não sei o que me responderam. Mas á minha pergunta reparei que se mexia muito perto de nós, agachado, com os bugalhos impertinentes sobre minha cara, um velho esqualido e felpudo, côr de rato, tangado por um pedaço de pellico sujo, — exterior que me reproduzio, com espantosa fidelidade, a imagem de um d'aquelles miseráveis bruxos da Suburra. Farejando-me, sem bater as palpebras esborcinadas nem desviar os olhos immobilizados lá ao fundo das cavernas do rosto, saltitava o asqueroso sapo, avançando sempre sobre as patas informes, como se eu fosse a cobra que o estivesse a attrahir. Acabei por desconfiar das suas intenções e gritei, para o conter á distancia:

—Que pretendes?

A esta voz desenroscaram-se-lhe os membros; soergueu o corpo magrissimo de hetico, e veiu cahir de joelhos aos meus pés, gemendo alto:

—Sou um desgraçado, senhor!

Que era um desgraçado estava bem visto, fosse qual fosse a essencia da sua desgraça. Que da bocca, porém, de tão horrenda creatura sahissem taes accentos, taes palavras, na propria lingua que os meus ouvidos em vão espreitaram em toda aquella gritadora metropole, eis a grande, a immenarravel surpresa d'esse momento unico em meu doloroso itinerario. Só de ouvir-lhe a doce musica vocal, a soada nativa d'aquelle amargurado pensamento, dispensei-o de quaesquer explicações, nem de pedir-lh'as tive a idéa. Atirando-me ao monstro, ergui-o jubiloso, e

com escandalo de minha familia, apertei-o nos braços demoradamente, ternamente.

—Meu patricio! exclamei repetidas vezes, quasi a beijar-lhe a sordicia perdoavel dos labios.

—Um condemnado, meu bom senhor, eis o que sou...

Recolhi-me um instante, soffrendo penas e alegrias.

—E qual é o seu crime?

Então o misero, cercado, animado pelas ondas ciosas do meu olhar, falou, mas não como o illetrado, o rustico, o mazorro que o suppunha:

—O meu crime... ah! é uma historia antiga, e longa, muito longa... Sabereis que neste mundo de terra e por esse vasto Sul abaixo não ha logar para mim nem para os poucos que restam da minha casta. O nosso crime? é esta vida tenaz que nos não abandona, que nos perpetua nas trevas e cloacas dessa peccadora Ninive. Soltos, errantes, somos mais opprimidos que os encarcerados. Se pudermos sómente apparecer á luz do dia e pisar a *nossa* gleba como aquelles ditosos cavallos que alli vão!... Moramos nos antros subterraneos, rolando nos esgotos com as dejeções d'esse povo soberbo, sem caridade nem justiça! Vêde estes olhos gastos: enxergam menos que os das toupeiras. Olhae para estes membros mirrados: só o fogo da febre é que os aquece. Comtudo a morte não chega e se já não m'a dei por minhas proprias mãos é que aprendi a respeitar as leis divinas. Alimentamo-nos de sapos e lesmas, apanhados nas tocas aonde nos rejeitaram, sordidos animaes estercorarios... mas d'ahi mesmo nos repellem, e caçam-nos, senhor, como se fôramos ratos contaminados de peste negra... Imaginastes, porventura, um soffrimento igual?...

Eu começava a penetrar o mysterio do desfiladeiro.

—Aqui onde me vêdes, continuou, estou em perigo, a affrontar a decencia, os decretos, o furor d'aquelles nobres carrascos. «E não desejas acabar?» perguntareis. Sim, patricio; nem maior bem desejo eu que a morte redemptora. Jurei, porém, —orgulho d'um miseravel! — não lhes dar a comer estas migalhas da minha carne. Mas ouvi a vossa fala e não resisti. Sois meu irmão, e sois um hospede, bem vejo... Que de outra sorte não passariis incolume, com estes anjos que vos acompanham...

Compreendi, ratifiquei anteriores juizos e perguntei:

—Não tendes mulheres e filhos?

—Mulheres... tivemos. Filhos... roubaram-nos uns, os outros pereceram. Ah! se a visseis, a horrivel tragedia de antanho!... as virgens, as mais lindas e puras, nos braços da barbaria, arrebatadas por seducções e violencias, para que não brotasse mais uma vergontea da nossa velha arvore... Os mancebos sequestrados por bancos d'aquellas harpias famulentas que lhes sugavam o amor e logo os deixavam mortos como o insecto que já proliferou... O resto abominado, expellido como fezes, afim de não enxovalhar os arminhos da casta usurpadora. E o que mais doia era o desprezo com que aquelles filhos iam negando e renegando os seus progenitores! Mais de um Tarpeia nos vendeu pelos braceletes de ouro do estrangeiro, e irmãos houve que tão depressa se mesclaram, com elle, resuscitaram Caim, representaram aqui os sete contra Thebas...

—Desconfio que correu sangue por estes campos...

—Em ondas, patricio de minh'alma. Morticinios, hecatombes pavorosas deram fim ao protesto da plebe rebelada que ousou por vezes readquirir os seus direitos. Se lhe não concediam nem o direito de viver!...

— Houve, pelo modo, uma conquista...

— Conquista, sim; mas subtil, amavel, paciente, com enganos e blandicias, como as usam os seductores com as mulheres, até o momento em que, adeantados na intimidade, arremettem e violam o corpo das illudidas... Também culpa tiveram, e não pouca, os magnatas da nossa casta. Inçados de ambição, desavindos, egoistas, deixaram a cidade aberta ao flagello insinuante. Andava tudo á matroca: a força desarmada, o povo descrente e sem voto, o senado descomposto, o prefeito absoluto, o erario á rebatinha. Tudo se fazia ao gosto e imitação dos forasteiros, — as leis e os trajos, os livros e os edificios, a opinião e a cozinha, a policia, as festas, o governo domestico. E os imprudentes gozadores cada vez mais roidos de cobiça, a cobiça do ouro, pelo qual vendiam desde os pêllos da barba até os escrupulos que, como sabeis, são as barbas honradas da consciencia. Todos elles traziam os sentidos fechados ás cousas do nosso mundo: nem uma idéa lhes assentava no fundo do cerebro, salvo as que recebiam dos advenas e ostentavam por adorno das cabeças frivolas e vaidosas. Até as palavras se foram depravando, desusando e substituindo pelas vozes do intrujão, ao ponto de mal se entenderem com o pavo os nobres desta Babel. Era o tempo em que aquelle se mettia pelos nossos negocios, nossas assembléas, nossos lares e nossos leitos, ensinando-nos, purificando-nos, diziam os loucos... Qual, senhor! Os sabios é que eram loucos!... — Aio-Locucio! deus tutelar, avisaste os tribunos, mas não te deram credito!... Os philosophos foram lapidados e banidos, e nunca mais, Aio-Locucio, nos coube a fortuna de te erigir um altar!... Um dia quando, já madura a seara que os intrusos plantaram, ia começar a safra, ainda houve revoltados que lhes quizeram ter mão, como donos do campo. Escassos já eram elles em comparação com os sujeitos e transfugas; ainda assim foram em numero bastante para alagar com o seu sangue essas planicies roxas que por ali se estendem. Oh! miseros espoliados! Estaria escripto, senhor? A nossa herança passou a forasteiros, as nossas casas passaram a estranhos, disse o propheta e cumpriu-se. Agora, só a morte, só a morte me resgatará...

— Não, protestei, com o peito rasgado de dor. Vive-rás, porque debes viver e assim o quero. Pertences d'ora em diante á minha familia; irás commigo e eu te restituirei a terra de que te despojaram. Partamos, conclui, voltando-me para Deolinda; nem mais um dia nesta horrenda cidade.

Soara o hymno meridional, horrisono estrugir de trombeta, cujas notas barbaras imitavam gritos de gansos e grasnado de corvos. O povo, a tropa, o sequito de carruagens com as walkyrias brancas e louras sumiam-se num chorrilho fantastico, illuminado por astros moribundos.

— Vamos, que esta terra é uma necropole e esta musica me sôa o dobre de finados.

Seguimos pelo immenso ermo, sobre o qual rojavam as sombras dos morros eriçados de florestas fosseis, de cujas ramadas cahiam cinzas. Nesse deserto surgiam-me ás vezes funebres miragens, — oasis de ruinas, pyramides de ossadas, lagos de sangue putrido, nuvens de abutres, e a cada passo que eu dava, subia da gleba um estertor assombroso...

Longo tempo, marchámos sob o terror d'esse silencio commovido.

Ouvi Deolinda dizer:

— E' um triste cemiterio.

E Flor, a meu lado, soluçou.

De subito parámos á vista do mar pallido, coalhado de navios. Em pouco esfervilhava em torno de nós o formigueiro branco. E eu distribui iguaes cuidados á minha familia e ao meu infeliz patricio, temendo sobretudo que o confiscassem, disposto a defender com unhas e dentes esse inapreciavel salvado de uma patria submersa.

Fiz acenos para o mar, pedindo o soccorro dos finos esquifes, todos pintados de negro como as gondolas de Veneza. Ancioso esperava o transporte, quando á nossa frente apparece o membrudo phantasma de um meridional, cujos bigodes fulvos como feixes de arame tremiam sob as pontas diamantinas dos olhos. Gargarejou asperas palavras da sua lingua e deitando as mãos nevadas para Flor, mexia os dedos rugosos de perolas.

Repetia-se a scena mephistophelica, mas d'esta vez com tal audacia, tal brutalidade que me poz logo o sangue em fervura.

Vendo-o abraçar a presa, dei um brado de odio, cerrei os punhos e cahi a fundo sobre o birbante, na certeza de arrancar-lh'a. Fui logo repellido e abafado por dois rijos guantes que me assaltaram a garganta; correram-lhe em volta um laço, collaram-se-lhe estreitamente e começou o supplicio que só saberiam julgar, d'além tumulo, os enforcados.

Perdida a fala, fiquei a estrebuchar na rosca do garrote, com a cabeça no ar, mal segura ao tronco pelo fio do pescoço. Rolando os olhos á procura de mulher e filha, não as vi; do nosso aggregado nem sombra. Fizeram-se ao redor um vacuo absoluto, como absoluta foi a noite em que não tardou afogar-me a cegueira.

Já de costas no chão, recebi a joelhada do barbaro sobre a caixa do peito. Principiou então a indescriptivel agonia em que eu ia morrendo, tal qual n'um pesadelo, com a bocca amordaçada, os membros soldados ao leito de pedra, e a consciencia viva contando os segundos da propria anniquilação. Reluctava, todavia, e de instante a instante lá me vinha um arranco para a vida: mas recalhava vencido, arquejando, sob o peso do joelho de ferro.

La acabar e um ultimo accesso de terror, o terror d'essas agonias lucidas, me deu signal da completa inercia e frialdade tumular...

De repente, uma sensação ineffavel: senti que a alma me fugia, me escorregava do corpo, expremida como um bago de uva, e alava-se, feliz, com uma pontinha de escarneo, deixando a pelle amarrotada nas brutas mãos do algoz. O ar das altas espheras penetrava-me suavemente, e como elle pairou fluido, subtil, intangivel, imponderavel.

Foi a liberdade, ou, mais exactamente, a resurreição.

Abri os olhos e vi a doce luz da manhan que vinha radiando, e tornei a ouvir as vozes claras e tranquillias de Deolinda e minha Flor.

Bahia — 1904.

XAVIER MARQUES.



GUILHERMINA ROCHA
ARTISTA DRAMATICA

L. MUSSO & C.
Uruguayana 10 - Rio de Janeiro

FILTROS MALLIÉ

(SYSTEMA PASTEUR)

Esterilisação *absoluta* pela porcelana
 de amianto
 SUPERIORES A TODOS OS OUTROS
 ATÉ HOJE CONHECIDOS

A maior facilidade para instalação e limpeza! Simplicidade e elegancia! Números premios em todas as exposições.

Unicos Agentes para todo o Brazil:

A. ABREU & C.^{IA}

102, Rua da Quitanda, 102

(Sobrado)

RIO DE JANEIRO

Catalogos e prospectos á disposição do publico

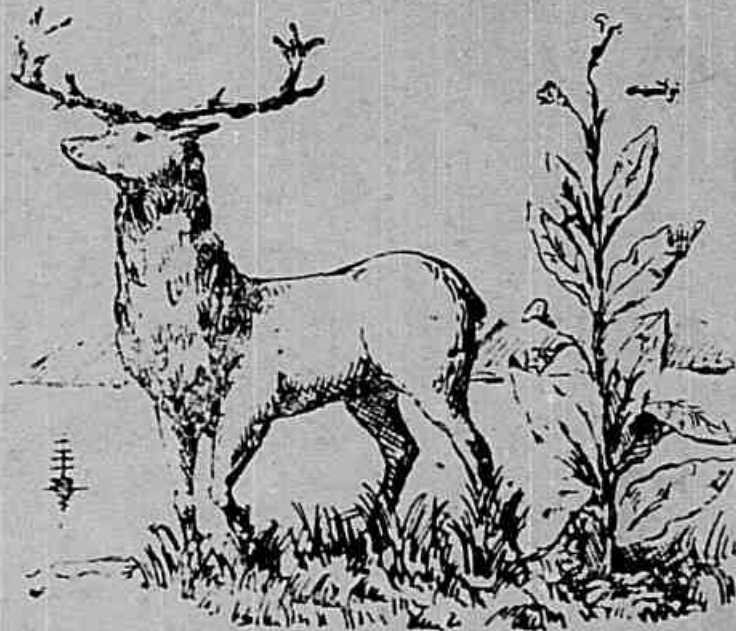


GRANDE MANUFACTURA

DE

FUMOS E CIGARROS

MARCA VEADO



IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

DE TODOS OS ARTIGOS PRECISOS PARA

Fabricas ou Depositos de Fumos e Cigarros

Unicos Proprietarios dos Papeis para Cigarros

LAURITA E CONDOR

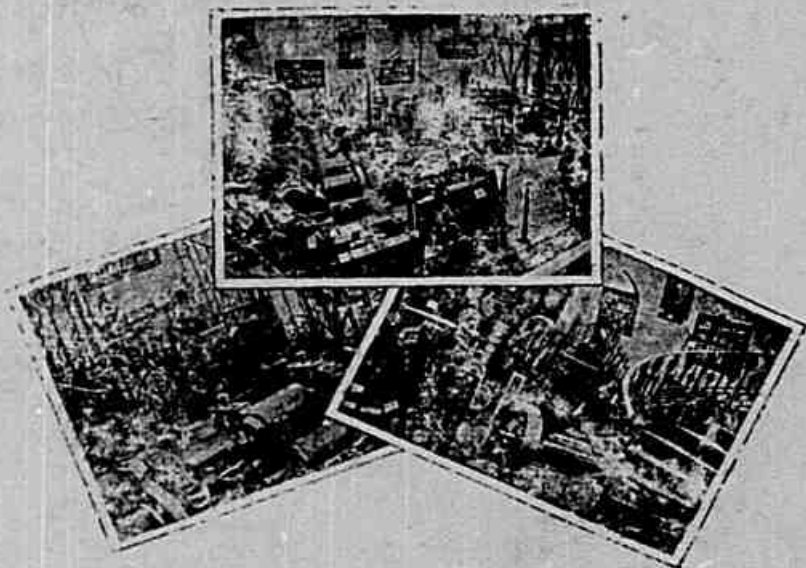
DUBONNET

MELHOR APERITIVO

FUNDIÇÃO INDIGENA

A MAIS ANTIGA DO BRAZIL

Premiada em varias Exposições Nacionaes e Estrangeiras



FARINHA CARVALHO & C.

FABRICANTES

DE MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIA

CONSTRUCÇÕES METALICAS

GRADES, VARANDAS, COLUMNAS ETC. ETC.

CALDEIRAS, RESERVATORIOS, PONTES ETC.

PORTAS DE AÇO ONDULADO SILENCIOSAS

120, a 126, Rua da Imperatriz, 120 a 126

RIO DE JANEIRO

MARCA REGISTRADA

O ALLIUM SATIVUM

DE

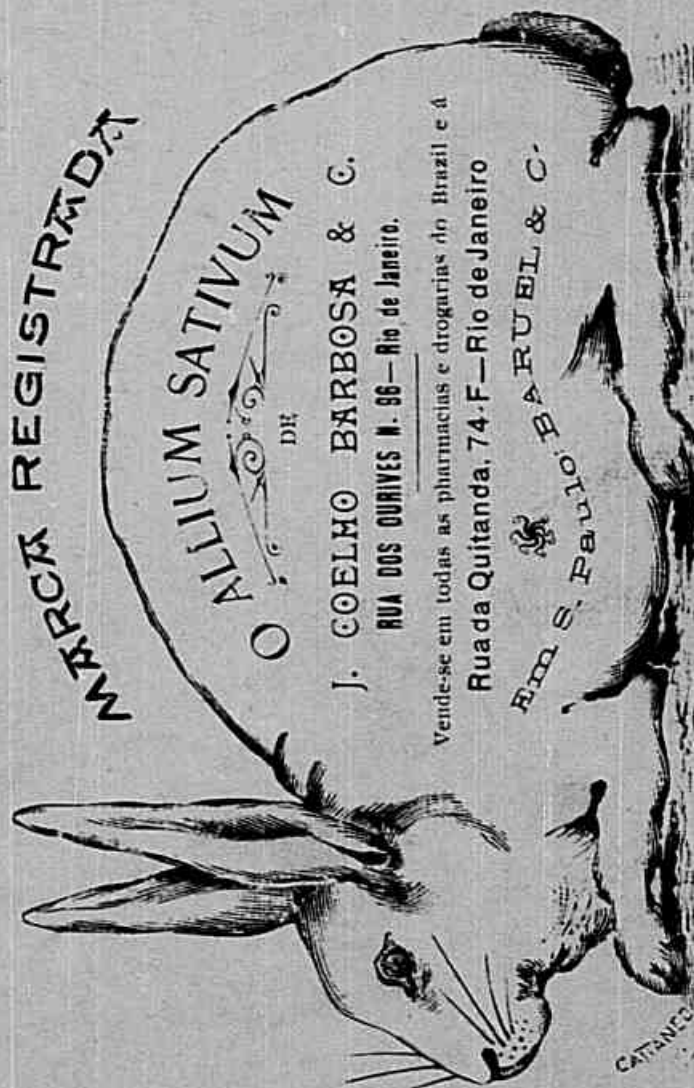
J. COELHO BARBOSA & C.

RUA DOS OURIVES N. 86 - Rio de Janeiro.

Vende-se em todas as farmacias e drogarias do Brazil e a

Rua da Quitanda, 74-F - Rio de Janeiro

EM S. PAULO BARBOSA & C.



PREVENÇÃO AO PUBLICO

Do ALLIUM SATIVUM antigo e conhecido na homeopathia, porém pouco ou raramente usado, J. COELHO BARBOSA preparou ha cinco annos de uma forma especial um especifico para curar a influenza e constipações de um a tres dias. Apparecendo agora vendedores do ALLIUM, prevenimos ao publico que, se quizer ter a certeza de levar para casa um remedio especialmente preparado para estas molestias, devea exigir o que tem um COELHO pintado.

A Equitativa



Apólices com sorteio EM DINHEIRO em vida do segurado

Apólices sorteadas em 1902

4719	D. Rosa de Moura Pinheiro	Aracaty, Ceará
4812	Dr. Estevão José de Siqueira	Victoria, Espirito-Santo
6069	João Julio Tameirão	T. Ottoni, Minas Geraes
6106	Nagib Saed Lassmar	Alto Purús, Amazonas
6409	Dr. Anniba Teixeira de Carvalho	Capital Federal
6488	Dr. J. Pedreira do C. Ferraz Junior	Capital Federal

Apólices sorteadas em 1903

4473	Eliseo Becco	Fortaleza, Ceará
6364	Alfredo Alves Bentes	Manãos, Amazonas
6448	D. Emilia Bentes	Manãos, Amazonas
7070	Adolpho de Almeida Guimarães	Maceió, Alagóas
7199	Antonio Ferreira de Queiroz	Espirito-Santo
7260	Carlos Hervad von Schwerin	Porto Aleg. R. G. do Sul
8470	Heinrich Kerner	Cachoeira, Bahia
8628	Manoel Francisco Santiago	Alto Purús, Amazonas

Apólices sorteadas em 1904.

11.250	Manoel Ribeiro da Silva Neco	Januaria Minas
11.253	João Moreira de Castro	
11.232	Antonio Generoso da Silva	
8.730	Carlos Paiva de Souza Lemos	Recife, Pernambuco
10.176	José Alves de Souza	Capital Federal
7.635	Julio de Araujo Rodrigues	Paraná
8.696	José Bomfim	Aracajú, Sergipe
10.305	Symphronio Costa Gondim	Parahyba do Norte
4.739	Manoel Maria Lobato	Capital Federal
7.562	Antonio Proost Rodovalho Junior	São Paulo
6.102	Nagib Saed Lassmar	Amazonas
6.106	*	
7.131	Alipio Mendes de Oliveira	Quarahy, R. G. do Sul
6.070	Domingos Papi	Theophilo Ottoni, Minas
10.363	Alfredo Barros	Floresta, Pernambuco
7.590	João Nunes Leite	Maceió, Alagóas
8.654	Octaviano Castro e Silva	Rio Purús, Amazonas
12.765	Dr. Alfredo Borges Monteiro	Capital Federal
13.233	José de Oliveira Filho	Januaria, Minas
4.814	Antenor Guimarães	Victoria, E. Santo
10.364	Manoel Rodrigues Nino	Floresta Pernambuco
12.775	Damazio Oliveira (Tte. Coronel)	Capital Federal
10.388	D. Maria Rodrigues da Silva	Cabrobó, Pernambuco
6.084	Oscar Niemeyer Soares	Capital Federal
10.365	Manoel Rodrigues Nino	Floresta, Pernambuco
6.156	Cap.-Ten. João A. dos Santos	PortoCapital Federal
10.366	Luiz Rodrigues de Mello	Floresta Pernambuco

* Esta apolice foi tambem sorteadada no 1º. Sorteio de 1902.

Exclusiva invenção da A EQUITATIVA que já sorteiou 41 apólices no valor de

RS. 177:000\$000

Segurae vossa vida nesse plano sem igual !

N. 7, RUA DA CANDELARIA, N. 7

RIO DE JANEIRO

Pedir tabellas e prospectos na sua séde e com todos os agentes da A EQUITATIVA

ARTES GRAPHICAS

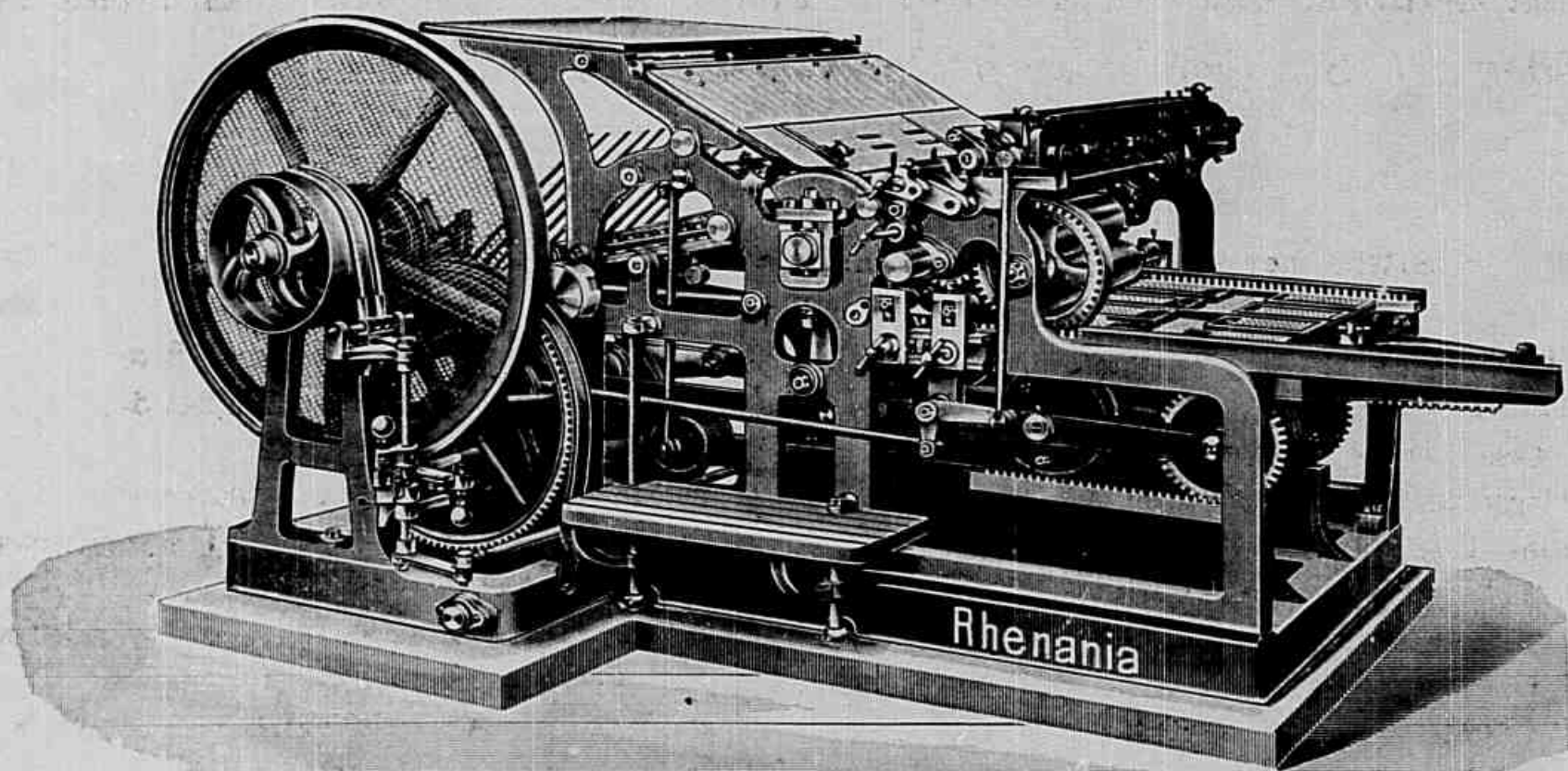
CAIXA DO CORREIO 994

TELEPHONE N. 1106

Temos sempre em deposito:

Tintas Typographicas, Lithographicas, Vernizes, Grande Variedade de Typos, Massa para Rolos, Arames para Coser, Zinco, Cobre e Madeiras para Gravuras

MATERIAL PARA STEREOTYPIA, MACHINAS PARA IMPRESSÃO, ETC.



UTENSILIOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Depositorios das Tintas de Impressão BERGER & WIRTH

Augusto Niklaus & Co.

RUA DA QUITANDA N. 54 RIO DE JANEIRO